3 1761 06974485 2

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/dsegastio00maga

D. Sebastião

LUIZ DE MAGALHÃES

POESIA

Primeiros Versos : *poesias* (1878-1880).
As Navegações : *poemeto* (1881).
Odes e Canções : *novas poesias* (1880-1883).
D. Sebastião : *poema* (1898).

A SEGUIR :

Illuminuras : *poesias*.

ROMANCE

O brazileiro Soares (1886).

A SEGUIR :

Incesto.
O Perdão.

CRITICA

Notas e Impressões (1884-1889).

Luiz de Magalhães

D. Sebastião

COIMBRA
FRANÇA AMADO — EDITOR

1898

(Todos os direitos reservados).

Coimbra — Typ. França Amado

PQ
9261
M3D6

As vinhetas que illustram este livro são feitas sobre desenhos do sr. Antonio Augusto Gonçalves.

Á GRANDE MEMORIA,

RELIGIOSAMENTE AMADA E VENERADA,

DE

JOSÉ ESTEVÃO,

MEU PAE,

COMO PREITO E HOMENAGEM DE PIEDADE FILIAL,

DEDICO ESTA

ELEGIA DA PATRIA.

Quando eu morrer, achareis,
Por desgraça ou por ventura,
Meus ossos na sepultura,
Minh'alma n'estes papeis.

GONSALEANNES BANDARRA.

PRIMEIRA PARTE

O Capitão de Christo

I

O DESEJADO

O DESEJADO

A Cidade tremia, ao escutar
A bronzea voz dos sinos a dobrar...
E, sob a noite escura e tempestuosa,
Passavam pela rua as procissões,
Cantando, á luz funerea dos brandões,
O *Miserere,* em préce angustiosa.

Caía a chuva, gelida e cortante,
O sul gemia, agudo e sibilante,
No ar, céleres nuvens perpassavam.
Mas, sob o imperio d'um commum receio,
Todos, batendo com as mãos no seio,
Sobre a lama das ruas se arrastavam.

Ia nascer aquelle desejado,
Futuro Rei, que o povo, atribulado,
Pedia a Deus com prantos e gemidos!
Ia nascer em breve. E Deus fizesse
Que em boa hora o Principe nascesse,
Soltando os debeis, infantis vagidos!

Sim! Deus mandasse um Principe varão,
Em cuja forte e valorosa mão
Se mantivesse o sceptro dos Avós!
—Era esta a supplica, era o brado unanime
D'um povo inteiro que, perdido, exanime,
Temia do estrangeiro o jugo atróz...

Mas Deus marcára, com um signo escuro,
O nascimento d'esse Rei futuro.
O pae morrera uns poucos dias antes,
Como fugindo a receber nos hombros
Tamanho encargo d'immortaes assombros.
De façanhas e glorias triumphantes!

No céu vira-se um tragico signal,
Sobre as torres da velha cathedral
Durante algumas noites fulgurando.
Era assim como um feretro, um caixão
De fogo resplendente. E essa visão
Deixou confuso o povo miserando!

Muitos sentiram, por diversas vezes,
No ar choques de lanças e de arnezes,
Como o estrondo de guerras formidaveis;
Outros ouviram vozes sepulchraes,
Sobre o Paço soltando longos *ais*
E profundos suspiros lamentaveis...

Por isso, agora, em preces fervorosas,
Vagueavam pelas ruas tortuosas,
Ao vento, á chuva, ao frio de Janeiro;
E nas egrejas, entre a luz dos cirios,
Pediam a Jesus, por seus martyrios,
Que ao throno dos seus Reis désse um herdeiro!

Entretanto, no Paço, a cada instante,
Se aguardava o nascer do regio infante.
E, nos seus aposentos, a Princeza,
Cercada pelas damas, já sentia
O glacido suor d'essa agonia
Que ás mães impõe a dura natureza.

Da camara onde estava, sobre o Tejo,
Uma grande varanda d'azulejo
Abria a sua extensa columnata;
E d'ali, pelas noites de luar,
Via-se, ao longo, o rio scintillar
Na sua mansa ondulação de prata...

Mas, n'essa noite, um mar de sombras densas
Vae rolando no espaço — ondas suspensas —
As grandes nuvens, tumidas, aquosas...
E a lua surge, ás vezes, desbotada,
Como barca sem velas, destroçada,
Batida pelas vagas tormentosas.

A Princeza, porém, com passo lento,
Percorre, angustiada, esse aposento,
Que um tocheiro illumina. O seu olhar
Tem uma expressão triste e compungida.
Por fim, inquieta, pallida, dorida,
Apoiada ao balcão se foi sentar.

Então a lua baça appareceu
Entre as nuvens: e todo o largo céu,
Forrado, escuro, taciturno e frio,
Se illuminou fatal, sinistramente,
Sob o clarão azul-phosphorescente
D'esse luar phantastico e sombrio.

E ella embebeu no espaço o olhar errante,
Um longo olhar de martyr supplicante,
Que soffre, agradecendo o seu martyrio.
E a sua alma de mãe abriu-se pura,
Dolorida, mas cheia de doçura,
Como a corolla mystica d'um lyrio...

Olhou o espaço. Mas, subitamente,
Ergueu-se. E, apavorada, a voz tremente,
As mãos postas, bradou: « Meu Deus! meu Deus! »
—Ao longe, sob um raio luminoso,
Vira um longo cortejo mysterioso,
Entre as nuvens marchando pelos céus...

Era uma turba estranha, que seguia
N'uma ondulante e lugubre teoria,
Qual visão d'um propheta illuminado.
Eram grandes phantasmas alvacentos,
Perpassando ao luar, com passos lentos,
N'um vozeio de côro psalmodiado...

E ella, attonita, olhava aquelles vultos,
Que, como almas de mortos insepultos,
Erravam sem descanço pelo ar;
E via as longas filas transitorias
D'essa legião de sombras incorporeas
Perderem-se, uma a uma, sobre o mar...

Mas, cheia de terror e confusão,
Reconheceu que a immensa multidão
Trajava os albornozes africanos.
E viu brilhar as curvas cimitarras,
Entre os guiões, de flamulas bizarras,
E os redondos turbantes mauritanos.

Porém, em vez da bellica attitude
Da phalange que avança, altiva e rude,
Aquelle aéreo exercito espectral
Passava triste, a passos vacillantes,
E com tochas accesas, bruxoleantes,
Como seguindo um grande funeral.

Iam no rumo d'Africa, marchando...
Iam no rumo d'Africa, entoando
Um cantochão de notas funerarias.
E d'esse côro, desolado e amargo
Como o bramido eterno do mar largo,
Saíam estas vozes mortuarias:

CÔRO DOS PHANTASMAS

« Cavae, cavae a grande sepultura
Nos nossos calcinados areaes:
Abri-lhe no deserto a cova escura!

E' morto o Cavalleiro do Occidente!
A sua espada não brilhará mais,
Caíu por terra o seu pendão fulgente!

Nós vamos, generosos, inhumar
Seu corpo ensanguentado de vencido,
Na terra que, por fim, o viu tombar;

Na terra que elle, rabido, atroou,
Por tantos annos, com o seu rugido,
Como o leão que n'um redil entrou;

Na terra que tremeu sob os seus pés,
E em cuja praia as ondas da metralha
Batiam como as ondas das marés!

Eil-o, na sua athletica estatura,
Hirto e gelado, e tendo por mortalha
Ainda os restos heroicos da armadura!

Eil-o prostrado, o velho campeador,
Que nos fez recuar, constantemente,
Deante do seu braço vingador!

Elle era o nosso indomito inimigo.
Arrancou das mesquitas o Crescente
E pesou sobre nós como um castigo.

Talou os nossos campos loirejantes,
Passou a ferro e fogo os aduares
Nas suas correrias triumphantes.

E se, ao longe, na costa, se avistassem
As suas grandes náus, cruzando os mares,
Como um bando d'abutres que pairassem

Em torno ao corpo exsangue d'um ferido,
—Tremiam as alcaçovas guerreiras
E o alarve galopava espavorido!

Ainda nos sangra o peito, retalhado
Pelas suas lançadas derradeiras,
Quando tombou como um leão domado...

Dizei-lhe os feitos e as heroicidades,
Tanger, Arzilla, Alcacer, Mazagão!
Dizei-lhe os feitos, perfidas Cidades,

—Esposas infieis que nos deixastes,
E, fascinadas do rival christão,
Em seus braços felizes vos lançastes!

Cantae as victoriosas epopeias,
Que elle escreveu, com a valente espada,
Nas pedras recortadas das ameias!

Cantae o vosso heroe, bellas captivas!...
Eil-o prostrado, a fronte inanimada
E decompostas as feições altivas!

Deus fez pender, por fim, aquelle braço,
Viuvo para sempre do montante,
Que, como um raio, coriscou no espaço!

Deus decretou-lhe a irrevogavel morte,
E o nosso velho alfange rutilante
Prostrou por terra o cavalleiro forte!

Victoria! eis abatido esse inimigo!
Elle expulsou-nos da perdida Hespanha
E achou em nossas terras seu jazigo...

Sirva-lhe o vasto azul de mausoleu,
De mortalha as areias que o mar banha,
E de tocheiro o constellado céu!

Psalmodeiem-lhe as tristes orações
Os escarceus indomitos do oceano...
Venham rugir-lhe ao tumulo os leões!

Passem as aguias do Atlas altaneiro,
Saudando, com seu grito soberano,
O cadaver sinistro do guerreiro!

Cavae, cavae a grande sepultura
Nos nossos calcinados areaes:
Abri-lhe no deserto a cova escura!

E' morto o Cavalleiro do Occidente!
A sua espada não brilhará mais,
Caíu por terra o seu pendão fulgente!... »

E sumiu-se nas nuvens o cortejo...
Como as ultimas notas d'um harpejo,
Ouviram-se ainda, ao longe, aquellas vozes;
A lua pallida occultou seu rosto,
E as rajadas do vento descomposto
Passaram, como um vôo d'albatrozes...

Então, n'um gesto tragico, a Princeza
Rompeu da sua extatica surpresa,
Soltando um grito agudo e lancinante.
Quasi sem forças, recuou dois passos,
E foi caír na camara, entre os braços
Das suas damas, como agonisante...

Mas, na cidade, as preces continuavam;
As grandes procissões, lentas, marchavam,
Ouviam-se gemidos compungentes.
Como em tempo de publicas desgraças,
Para aplacar do Céu as ameaças
Rojavam-se na lama os penitentes.

« Dáe-nos um Rei, Senhor! dae alma nova
A este corpo, que pende para a cova,
Exhausto de trabalhos e fadigas...
Temos o braço heroico entorpecido,
E um veneno lethal ha corrompido
A estrenua fibra da nossa alma antiga!

Envia-nos, Destino! um salvador,
Que nos insufle um epico valor,
Que nos defenda a patria liberdade.
Correm os tempos tristes e sombríos...
Paira nos corações, mortos e frios,
A nuvem negra da Fatalidade!... »

E iam caminhando para o Paço,
Onde, sobre as janellas do terraço,
Todos, tremendo, o ancioso olhar fixavam.
Mas, lá, sómente os silenciosos guardas,
Apoiando-se ás grandes hallabardas,
Como sombras errantes se cruzavam...

De repente, porém, uma janella
D'esse terraço, abriu-se: atravez d'ella,
Esplende vasta camara ogival.
E um velho, então, de barba veneranda,
Clamou, solemne e grave, da varanda:
« Pelo herdeiro d'El Rei! Real! Real! »

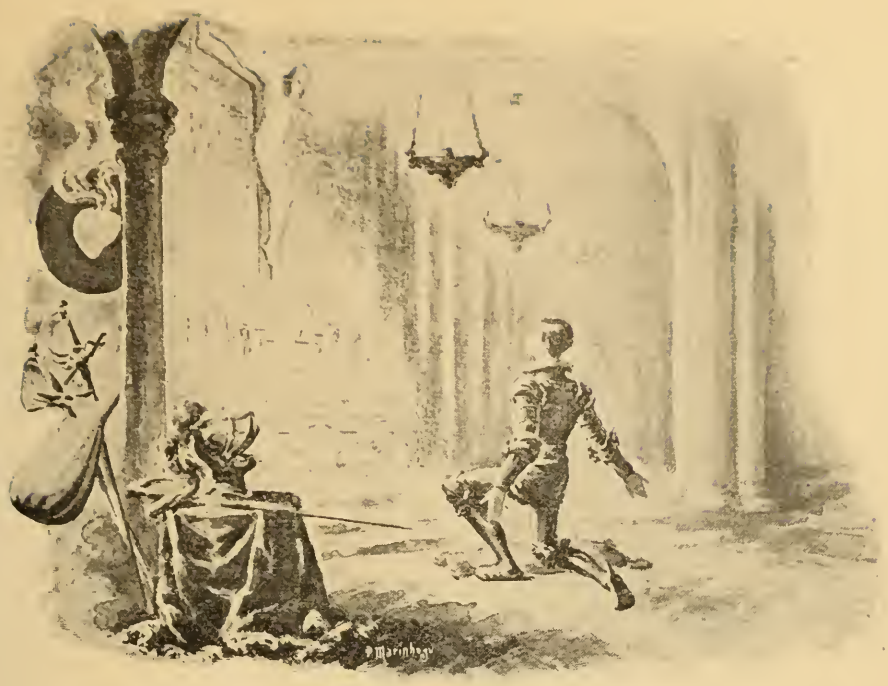
Subito, um brado unisono rompeu
D'aquella multidão. No largo céu,
Dissipavam-se as nuvens levemente...
E, por sobre a cidade, o Tejo e o mar,
Appareceu no espaço, a fulgurar,
O sol, como um broquel resplandecente!

Iam voltar talvez os velhos dias,
Addiavam-se as negras prophecias,
Deus não desamparava o Povo Eleito!
E os sinos das egrejas repicavam,
E os soberbos galeões saudavam
O tenro infante, em bellicoso preito!

E, pelo reino inteiro, a alma do Povo
Cobrou, com a esperança, alento novo,
Sentiu bater mais forte o coração...
Esqueciam-se os lugubres terrores,
Os agoiros crueis e as velhas dôres...
« Real! Real! por D. Sebastião! »

II

VIGILIA D'ARMAS



VIGILIA D'ARMAS

I

É silenciosa e obscura a nave. Unicamente
Dos lampadarios brilha a luz frouxa e tremente;

E sobre o altar, ao fundo, em torno á cruz, os cirios
Fulgem lividos como os desmaiados lyrios.

Atravèz da penumbra, erguendo-se nos ares,
N'um vago alvor branqueja a linha dos pilares.

E, ao cimo, a esguia arcada, aberta nas alturas,
Vae mergulhar na treva as ogivaes nervuras.

Entre as massas de sombra, ao oscillar da luz,
Da pedra branca, a miudo, um angulo reluz,

Ou, subito, um metal, n'uma fulguração,
D'oirescencias astraes constella a escuridão.

Inviolada mudez, silente paz funerea,
Onde só vibra o ar, como um pulsar de arteria...

Somnolenta, da sombra ao morno bocejar,
A nave monachal parece dormitar.

Alta, a noite já vae... Semi-gastos, os cirios
Tremem, junto da cruz, quaes moribundos lyrios...

E entretanto, como uma estatua, todo armado,
Ainda, em face do altar, El Rei ora ajoelhado.

N'esse fundo sombrio, o ferro da armadura
A' bruxoleante luz das lampadas fulgura.

Um relicario, todo esmaltado e fulgente,
Sobre o peito lhe cáe, d'aureo collar pendente.

Na ilharga, que lhe envolve o cinturão de coiro,
Rutilam d'uma adaga o punho e os copos d'oiro.

E, ao lado, n'um coxim de purpura franjada,
Poisam, como um tropheu, o capacete e a espada.

As mãos postas e o olhar cheio d'uncção divina,
Dir-se-á que um halo ethereo a fronte lhe illumina,

Dir-se-á que, n'esse enlevo espiritual da prece,
Como a face d'um anjo, a sua resplandece.

N'um sonho d'oiro e luz, n'uma visão radiosa,
A sua alma se embebe extatica e piedosa.

Seu coração d'heroe, seu coração de crente,
Na mão de Deus o põe como um *ex-voto* ardente.

Ancioso e absorto, fixa o Christo, a supplicar
Para a sua chimera a benção d'um olhar!

E então, da obscura nave entre a esfumada treva,
Vibrante de fervor, a sua voz se eleva.

O REI

« Escuta-me, Senhor!
Escuta a minha prece!
Cheia de fé e ardor,
Minh'alma a ti se off'rece!
Acceita-m'a, Senhor!
Attende a minha prece!

Senhor! que um raio só
Do teu olhar maguado,
A mim, argila e pó,
Mas rei por teu mandado,
Me venha annunciar,
— Dulcissima certeza! —
Que a minha heroica empresa
A vaes abençoar.

Meu sonho glorioso,
Meu sonho, ó bom Jesus!
E' ver a tua Cruz,
Teu signo victorioso,
Por minha mão guerreira,
Com fé e ardor, hasteada,
De todos adorada,
Cobrir a terra inteira!
E' vel-a, a Cruz radiante,
O symbolo da Graça,
Guia da nossa Raça
No ignoto mar profundo,
E' vel-a triumphante,
E' vel-a, é vel-a, ó Deus!
Tal como o sol nos céus,

Illuminando o mundo!
E', d'Africa ao Oriente,
Nos cerulos espaços,
Vel-a estender os braços,
Fulgir, resplandecer,
E, em vez do aureo Crescente,
Das Luas islamitas,
Nas torres das mesquitas
Vêl-a seu vulto erguer!
E' na Cidade Santa,
Que tu — ó dor cruel! —
Do Sarraceno infiel
Mantens ainda vassala,
Após miseria tanta
E servidão tão dura,
Na tua sepultura
Ir outra vez hasteal-a!
E que eu, e que eu, Senhor!
Heroico e justiceiro,
Seja o teu campeador,
Seja o teu cavalleiro!
Que seja á minha gente,
Ao povo teu eleito,
Que tu, ó Deus potente,
Commettas o alto feito!

Que seja o meu pendão,
Meu bellico estandarte,
Que o triumpho christão
Atteste em toda a parte!
E que, depois, Jesus,
Finda a epopeia ousada,
De guarda á tua Cruz
Só fique a minha espada!

Attende-me, portanto!
Attende-me, Senhor!
Cheia de fé e amor,
Minh'alma a ti se off'rece!
Senhor! vê o meu pranto!
Escuta a minha prece! »

E na divina cruz, de lagrimas banhado,
Mais ardente cravou o olhar hallucinado...

A anciedade contráe-lhe o rosto nobre e altivo.
Tremem-lhe as brancas mãos, que aperta convulsivo.

Seu labio emmudeceu, e, n'esse curto instante,
A duvida se pinta em seu febril semblante.

Mas, breve, com mais fé, mais impeto e paixão,
Face a face com Deus, descerra o coração.

O REI, *novamente*

« Para só te servir e só te amar, Senhor!
E para o teu imperio ir dilatar no Mundo,
Sem hesitar, paixões, desejos, gôzo, amor,
Em meu peito afoguei, como n'um mar profundo,
— Para só te servir e só te amar, Senhor!

Para poder depôr, casto, e puro, e innocente,
A teus divinos pés, meu coração, Jesus!
Contra a carne luctei, venci meu sangue ardente,
— Só para, emfim, poder, junto a teus pés de luz,
Depôr meu coração, casto, e puro, e innocente!

Para ser, em teu braço, o gladio triumphador
E o broquel da tua Fé, sempre a resplandecer,
Por esposa tomei a tua Cruz, Senhor,
E afastei do meu labio os labios da Mulher,
— Para ser, em teu braço, o gladio triumphador!

Para, como um tropheu, pôr em tuas mãos a Terra,
Toda a Terra, por fim rendida á tua crença,
Nenhuma audacia ou risco a minha alma aterra,
E aqui a tens, meu Deus, d'um teu signal suspensa,
— Para, como um tropheu, pôr em tuas mãos a Terra.

Por isso, a ti, Senhor, como a vaga no mar,
Como um astro no Azul, como o incenso no ar
Ou como a chamma, ardente e viva,
A ti, a ti, Senhor, a ti todo o meu ser
Se eleva a palpitar, a vibrar e a tremer,
Na voz da prece fugitiva!...

Sim! a ti, como a flôr que, para o sol fulgente,
No seu extase, volta o calix rescendente,
Desde que a sua luz raiou,
E, sempre absorta n'elle, até que morra o dia,
No perfume que exhala, o espirito lhe envia,
— A ti, Senhor, todo eu me dou!

Sim, a ti minha vida! a ti meu coração!
A ti minh'alma, que, em eterna adoração,
Por teu amor suspira e anceia!...
A ti meu sceptro, o meu poder, os meus imperios,
Que, á tua vista, lá dos espaços ethereos,
São invisiveis grãos d'areia!

A ti minha bandeira, entre a refrega hasteada!
A ti a minha lança, a ti a minha espada,
A ti meu animo e valor!
A ti meu peito, a ti meu braço, a ti meu sangue,
A ti o meu alento até caír, exsangue,
Em prol da tua fé, Senhor!

E a mim, Jesus! como uma infrangivel coiraça,
A mim o teu auxilio, a mim a tua graça,
A mim o teu divino olhar,
A mim o escudo astral da tua santa benção,
— Armas d'oiro, com que fazes que sempre venção
Os que por ti vão batalhar!...

A mim o teu amparo e a tua protecção!
A mim o teu dominio e a doce escravidão
De só lidar ao teu serviço!
A mim a tua força, a mim tua vontade,
Para poder, emfim, tornar a Humanidade
Um só imperio a ti submisso!

Senhor! por que melhor ouvisses minha voz,
Vim procurar-te aqui, ao Templo resplendente
Que a victoria da Patria attesta, e onde os Avós,
Nos tumulos reaes, dormem solemnemente,
Senhor, por que melhor ouvisses minha voz!

Senhor! por elles, pois, e pela sua gloria,
Por seu heroismo e fé, sua immortal grandeza,
Por seus feitos e acções — concede-me a victoria,
Concede o teu auxilio, ó Christo, á minha empresa,
Pelos velhos Heroes e pela sua gloria!

Pela tua paixão, por teus crueis martyrios,
Pela esponja de fel, pelos cravos e a cruz,
Por essas chagas, que parecem roxos lyrios,
Por tua morte, emfim, attende-me, Jesus!
Attende-me, Jesus, por teus crueis martyrios!

Attende-me, Senhor! attende o teu escravo,
Que, depois de vencer, só ambiciona e almeja
Caír por tua fé, como um martyr e um bravo!
Por este santo amor, que dentro em mim lateja,
Attende-me, Senhor, attende o teu escravo! »

E á imagem de Jesus, immovel sobre o altar,
Febril e desvairado, ergueu de novo o olhar.

Longamente a fitou, fitou-a longamente
Com toda a sua alma e o seu fervor de crente.

Fitou-a como quem, n'um vôo espiritual,
D'um extase supremo attinge o cimo ideal,

E, esquecidos, em baixo, a Terra, o Mundo, a Vida,
No Infinito se esváe, como nuvem perdida...

Mudo agora, o seu labio ardente ainda palpita,
Qual rubra flôr que a brisa, ao perpassar, agita.

Por seu rosto de archanjo, ainda imberbe e macio,
Deslisam-lhe uma a uma, as lagrimas em fio.

E as mãos, ao coração, aperta convulsivo,
Como para arrancal-o, ensanguentado e vivo...

Mas, sobre o altar, á luz bruxoleante dos cirios,
Que refulgem na sombra, exsangues como lyrios,

— O labio mudo, o olhar cerrado, o corpo em chagas,
D'onde o sangue se filtra em purpurinas bagas,

Inerte, frio, mudo, em sua cruz pregado,
— O Christo permanece immovel e calado...

II

Como um espectro, que vagueasse pela nave,
Silencioso agora, o Rei, abstractamente,
Sob a arcada sombria, em passo lento e grave,
Erra, pendida a fronte e extincto o olhar ardente.

Enlaçadas as mãos, n'um gesto de cansaço,
Deixa os braços caír, triste e desalentado...
E as sapatas de ferro, a cada incerto passo,
N'um tinir de metal, batem o chão lageado.

A duvida, como um fino e subtil veneno,
Corróe-lhe, n'uma angustia, o pobre coração.
Impassivel, na cruz, dir-se-á que o Nazareno
Não lhe escutára a anciosa e fervida oração!

Acaso a Deus, acaso ao Christo, a sua empresa
Não lhes mereceria a benção tutelar?
Acaso, em sua alma, um resto de impureza
Fermentaria ainda, occulta ao seu olhar?

Acaso as suas mãos, para o sublime feito,
Não seriam, Senhor! de todo immaculadas?
Acaso em sua mente, acaso no seu peito,
Teria ainda o Peccado as garras enterradas?

Dentro em si mesmo absorto, em um exame austero,
Cada vez mais profunda o proprio coração,
Cada vez seu olhar, como um juiz severo,
Mais tortura a consciencia em dura inquirição.

E, cada vez, o horror da duvida cruciante
Mais lhe avassala a alma e mais a faz soffrer;
Cada vez, n'essa obscura e negra selva, errante,
Mais se embrenha e se perde, exanime e a tremer.

E, assim, juntas as mãos, n'um gesto de cansaço,
Deixa a fronte pender, triste e desalentado...
E as sapatas de ferro, a cada incerto passo,
N'um tinir de metal, batem o chão lageado.

Mas, subito, eil-o pára... Applica o ouvido; e, attento,
Um olhar relanceia á tenebrosa nave.
— Seria uma illusão? Seria a voz do vento?
Seria o esvoaçar d'uma nocturna ave?...

De novo escuta — e o olhar, de novo, circumvaga...
Não, não foi illusão! Nas sombras silenciosas,
Eis que de novo passa uma assonancia vaga,
Um flébil murmurar de vozes mysteriosas...

Fracas, parecem vir de longe... muito longe...
Como o rumor d'um bosque ou d'um distante mar,
Como, n'um ermo, a voz d'um solitario monge,
Ou, em fundas prisões, captivos a chorar...

E o Rei, petrificado, escuta o estranho ruido,
Na dubia hesitação de quem, meio desperto,
Vacilla ainda entre um sonho, em brumas esvaído,
E o mundo que resurge ao seu olhar incerto...

E outra vez, pela nave, a ignota voz murmura,
Qual gemido de dôr, que um seio oppresso exhala.
E o silencio outra vez cáe d'abobada obscura,
Onde a lampada expira entre um iris d'opala.

Por isso, espiando a sombra, a passos cautelosos,
O Rei busca, em redor, d'onde esse ruido vem;
E dos pilares, entre os fustes penumbrosos,
Seu arnez espectral passa e repassa além...

Mas, novamente, pára a ouvir, mudo, assombrado.
E então — prodigio! — então percebe que essa voz,
Mais clara agora, vem do pantheon sagrado,
Onde, em seus mausoleus, repousam os Avós...

Sim! E' de lá que vem, dos tumulos reaes,
Que dormem sob a paz augusta das arcadas.
E' de lá que ella vem, quaes threnos sepulchraes,
Que entoassem, n'um côro, as epicas Ossadas!

Pallido e semi-morto, o Rei ajoelha, então,
Junto ao limiar da funebre Capella.
E, a essa voz ancestral, pára-lhe o coração
E o seu sangue de heroe dentro das veias géla.

VOZES NOS TUMULOS

« O' Neto heroico, alma de crente,
Segue o teu sonho refulgente,
A espada em punho e a cruz erguida!
Pelo teu sonho refulgente,
O' Neto heroico, alma de crente,
Dá o teu sangue e a tua vida!...

Vieste as armas velar, aqui, junto de nós,
Antes de dar começo á aventurosa empresa.
Escuta, pois, a nossa voz,
Alma gemea da nossa, em fé e heroismo accesa!

Escuta a nossa voz! N'estas campas marmoreas,
Dormindo o eterno somno, o somno imperturbado,
Da Patria, sempre viva, as tragedias e as glorias
São como o nosso sonho, ó Neto heroico e amado!
Da sua nova historia as epicas visões,
Suas luctas sem tregua, as suas convulsões,
Suas hostes em terra e seus galeões no mar,
Como n'uma distante e esvaída miragem,
Esboçadas na sombra, imagem por imagem,
Dos nossos mausoleus as vemos perpassar...
Porque as raizes, sob a terra obscura e fria,
(Como um morto a dormir na sua cova sombria)
Vivem, porém, da mesma vida,
Que, em cima, ou no esplendor d'uma manhã de Maio
Ou, entre o temporal, lascada pelo raio,
Anima a arvore florida...
Nós somos a raiz, vós a vergontea nova.
Em vós a nossa alma, ó Filhos, se renova,
E' nosso o sangue que vos corre pelas veias.

Ouve-nos pois, ó Neto, escuta a nossa voz,
Escuta o que te diz a sombra dos Avós
N'um echo antigo d'epopeias!

O' Neto heroico, alma de crente,
Segue o teu sonho refulgente,
A espada em punho e a cruz erguida!
E, por teu sonho refulgente,
O' Neto heroico, alma de crente,
Dá o teu sangue e a tua vida!

Apresta as náus, iça os balsões, desfralda as velas!
Faze fulgir á luz elmos, lanças, rodelas,
O' Neto heroico, ó nosso Herdeiro!
Mar fóra, a perseguir teu sonho refulgente,
Parte em busca da gloria, em teu galeão veleiro,
Alma guerreira, Alma de crente!
Vae, vae! trilha essa fluida estrada que rasgámos,
Essa estrada immortal, por onde nós deixámos
Aurea esteira de gloria e luz a fulgurar,
E onde, a pairar no azul, nossas almas errantes,
Acompanham, de longe, os galeões triumphantes,
Nos quaes os Netos vão sobre as aguas do Mar!....

Segue a estrada, por onde as vagas, quaes sereias,
Cantam o nosso triumpho, as nossas odysseias,
E os nomes dos Heroes, que passam, temerarios,
— Glauca estrada, na qual as ilhas viridentes,
Com seus picos de neve ou seus vulcões ardentes,
São como marcos milliarios.
Segue-a, a via gloriosa, a via afortunada,
Das aguas atravez, pelas quilhas traçada,
De clima a clima e mundo a mundo,
Mysterioso caminho, argenteo e crystalino,
Por onde nos levou, no mar largo e profundo,
O vento incerto do Destino!
Aborda ao morno areal, á praia onde, os primeiros,
Saltámos, subjugando o berbére cruel,
E onde o sangue christão de muitos cavalleiros,
Pela gloria da Cruz, regou o sólo infiel!
Aborda, aborda lá, á terra onde o Crescente
Dos minaretes foi, á força, derrubado,
E onde hoje, em seu logar, a Cruz se ergue, imponente,
E o nosso pavilhão tremula desfraldado!
Crava, crava outra vez, da Africa no flanco,
A nossa velha e invicta lança!
Que ella derrube o Islam n'um victorioso arranco,
Consumando, por fim, a secular vingança!
Vae, vae! Remata, acaba a nossa obra, ó Neto!

Essa obra, que de Deus um designio secreto
Parece impôr á nossa espada:
A obra secular, que o tempo em vão ameaça,
A grande obra da Fé, sonho da nossa Raça,
Por visões mysticas levada!
Vae, pois, vae! Cede á voz do sangue, á voz da crença!
Curva-te do Destino á rigida sentença!
Parte, a lança enristada e o olhar fixo nos céus!
E, lançando aos Infieis o teu grito de guerra,
O' Defensor da Cruz, subjuga, emfim, a Terra,
Para a depôr aos pés de Deus!

O' Neto heroico, alma de crente,
Segue o teu sonho refulgente,
A espada em punho e a cruz erguida!
E, por teu sonho refulgente,
O' Neto heroico, alma de crente,
Dá o teu sangue e a tua vida!... »

N'um murmurio indeciso, as vozes mysteriosas
Expiraram na sombra, esmaecidamente...
E, pela solidão das naves magestosas,
O silencio, outra vez, alastra-se dormente...

Já os cirios, um a um, morreram sobre o altar
E, em brancas espiraes, seu fumo se enovela.
Só o grande lampadario argenteo, a bruxolear,
Semelha uma esvaída e moribunda estrella...

No matiz dos vitraes, o beijo da alvorada,
Quaes phantasmas, accorda illuminados vultos,
E o frio alvor, que invade a abobada ensombrada,
Mostra formas e tons na escuridão occultos.

E o Rei, prostrado em frente á campa dos Avós,
D'um aureo sonho, emfim, parece despertar.
Ao seu ouvido echoa ainda aquella voz
E a intrepidez da Fé brilha no seu olhar.

III

ALCACER KIBIR

ALCACER KIBIR

I

Calmo, fulgente céu. Planicie núa e vaga,
Que, n'um banho de leite, o plenilunio alaga...
Dorme o arraial. E, agora, as tendas, ao luar,
Parecem escarceus d'um congelado mar.
Vae morrendo do campo o confuso rumor.
O somno invade tudo. Apenas do interior

D'algumas tendas, em afastados recantos,
Vêm sons de vozes, sons de risos e de cantos,
Harpejos de guitarra e o entrechocar das taças...
E lá dentro, depondo as tauxiadas coiraças,
Fidalgos, capitães, pagens, aventureiros,
Folgam, bebem ainda, ao clarão dos tocheiros,
Ou, em coxins da Persia, adormecem, porfim,
A's távolas do jogo e ás mesas do festim.

Fóra cresce o silencio. A espaços, no ar calado,
Ouvem-se vagamente os passos d'um soldado,
Um relincho, uma voz, um retinir de ferros...
Lá ao fundo, coroando os elevados cêrros,
Brilha, de longe a longe, um fogo d'almenara.
E o suão ardente corta a noite morna e clara,
Trazendo na sua aza, atravez do areal,
O rugido do leão e os uivos do chacal.

No emtanto, uma atalaya, ao sul, vigia, attenta,
A extensão da charneca, arida e pardacenta.
E, emquanto a rolda alonga o olhar nos descampados,
Estendidos no chão, dialogam os soldados.

Um sombrio pavor lhes gela os corações...
Talvez que, ao romper d'alva, os negros esquadrões
D' Abd' el Meleck, o leão astuto e famulento,
Que, farejando a presa, avança, obliquo e lento,
Se mostrem a rodar, sinistros, na campina,
Como, ao cheiro da carne, as aves de rapina.
Talvez que uma outra noite ali venha encontrar
A phalange christã morta, sob o luar,
Como sob um lençol alvissimo de luz...
Porque o Céu avisou o Campeador da Cruz!
Porque elle assignalou, com tristes prophecias,
Mil funestos signaes e apparições sombrias,
A jornada d'El Rei aos campos africanos!
E, ao clarão da almenara, os duros veteranos
De Ceuta e Mazagão, velho terror dos moiros,
Ouvem contar em roda esses fataes agoiros.

Um lembra que, ao saír o exercito d'Arzilla,
Trez grandes corvos, trez corvos negros, em fila,
Cortando o ar, como um vaticinio fatal,
Pousaram, a grasnar, sobre a tenda real.
E que, logo a seguir, temerosas, no ar,
Se viram, sob o sol, trez aguias a pairar,
A larga envergadura aberta á luz doirada.

E as aguias, com o róstro e a garra ensanguentada,
Largo tempo no céu, sem descansar, luctaram,
Até que sobre o campo, exanimes, tombaram...
Um segundo outro agoiro, ainda a tremer, revela.
Fôra em Tanger, no mar. Fazia-se de vela
A frota para Arzilla. Eis, subito, na prôa
Do galeão d'El Rei, que sobre as ondas vôa,
Um vulto d'afogado, um cadaver fluctuante,
Ao travez do esporão, surgiu horripilante.
E a marinhagem vê — ó Céus! — que a Apparição
Tem sobre o peito a cruz d'um campeador christão!...
Outro, com voz sumida e tragicos olhares,
Conta que, em sua terra, alguem vira nos ares,
N'um estrondo infernal d'armas entrechocadas,
Aereos esquadrões, com rutilas espadas,
Uma grande batalha heroica pelejando.
Dos corpos, aos montões, que a Morte vae ceifando,
Em chuva o sangue cáe sobre a terra sedenta.
E, entre o cego furor da bellica tormenta,
Vozes, como trovões, correm de valle em serra,
A bradar: *Arma! arma!* a rugir: *Guerra! guerra!*

A' luz da chamma, em torno, os rostos dos soldados,
Attento e fixo o olhar, alvejam desmaiados.

Outro então, um pastor roubado á sua aldeia,
Aos seus montes, ao seu rebanho — a alma cheia
D'um sinistro terror, ante a indecisa sorte
Que o espera, e de visões crueis de sangue e morte,
— Refere uma sombria historia mysteriosa.
Um velho monge, um santo ermita, de rugosa
Face, d'olhar piedoso e nivea barba ondeante,
Que lá na sua terra, em um ermo distante,
Vivia todo entregue á prece e á penitencia,
Em certa tarde, ao pôr do sol, da alta eminencia
Do seu cenobio, erguendo o olhar, em oração,
A' calma paz do céu — tivera esta visão:
— Rebramindo, espumando em vagalhões, no Azul,
Um vasto mar revolto ia do Norte ao Sul.
E, sobre elle, um Varão, d'armas brancas vestido,
Com a viseira erguida e o rosto compungido,
D'espaldas, a boiar, como um naufrago, ia
Debatendo-se n'uma horrivel agonia.
Subito, entre um medonho, um rude estrondo bellico,
Mysteriosa, uma Voz, de suave timbre angelico,
Gemendo, triste, sobre as ondas em cachão,
Trez vezes repetiu: — *Ai de ti, Sebastião!*
O ermita estremeceu. E então — negro pavor! —
Viu surgir um immenso Exercito em redor
Do Homem, que fluctuava, inerme, sobre as ondas.

Faces tisnadas, sob amplas fótas redondas,
Avançam para elle, em cerradas legiões.
E, armados, cavalgando em rompentes leões
De narinas e olhar em fogo e juba ardente,
Os Espectros, brandindo as lanças feramente,
Entre uma nuvem ignea, em linguas a vibrar,
Contra o Guerreiro vão, rolando sobre o mar...
E, novamente, a Voz, vibrante de afflicção,
Trez vezes repetiu: — *Ai de ti, Sebastião!*
Attonito, o bom velho o olhar semicerrára.
Mas, ao abril-o — assombro! — a tarde estava clara,
O céu deserto, e o sol morria no horisonte...
Tudo se dissolvera! E, então, curvando a fronte,
De rastos, o ermitão, lavado em pranto, orou.
E logo, na manhã seguinte, ali chegou
A nova de que El Rei estava juntando lanças
E ia mandar formar os terços e ordenanças,
E náus, fustas, galés, no Tejo aperceber,
Para ir, alem mar, os moiros combater!

A' luz da chamma, em torno, os rostos dos soldados,
Já somnolento o olhar, alvejam desmaiados...

II

Amanhece. Alvorece. O luar, lento, agonisa...

Algida e branca, a luz d'alva, como indecisa,
Lá do Levante assoma, opalisando o espaço.
E entre esse matinal diluculo, ainda baço,
No campo, já desperto, os atabales soam.
Mil rumores, mil sons, então pelo ar reboam.
Com um rude fragor, armisono e marcial,
N'um marulho confuso, agita-se o arraial,
Como o oceano, na treva, incubando a tormenta...
Nas almenáras morre a chamma somnolenta.
E eis que, subito, sobre as cristas dos oiteiros,
Sobre as palmeiras, sobre os áloes e dragoeiros,
Sobre as filas campaes dos terços e esquadrões,
Elmos, lanças, broqueis, heraldicos balsões,
O sol, que surge emfim, rubido, ensanguentado,
— Face espectral d'algum gigante degolado —

Esparge, n'algidez da madrugada exsangue,
Como um signo de morte, uma chuva de sangue!

Na vasta chan, de fulva argila calcinada,
Por onde o Lukkus rola a sua agua esverdeada,
E onde aduares, aqui e alem, erguem-se, escuros,
Com magros milharaes, em torno, já maduros,
— Entre o rubro esplendor da luz intensa e crúa,
O pendão do Scherife, ao longe, eil-o fluctúa,
Todo verde, assim como a tamareira ondeante.
E á frente, de tropel, n'uma álgara brilhante,
Cimitarras ao sol, albornozes ao vento,
Cortando o ar com o seu alarido violento,
Mirrados, côr de cobre, as orbitas salientes
E, n'um rictus feroz, mostrando os alvos dentes,
Os berbéres, em chusma, impetuosos e audazes,
Galopam esporeando os magros alfarazes...
Um fremito atravessa a phalange christã.
Já em batalha, sob a calma da manhã,
— Seára espessa de ferro, a fulgir, a chispar,
Com vivas florações, no meio, a tremular,
D'estandartes, guiões, cimeiras emplumadas —
Ella aguarda, impaciente, em alas erriçadas.
Mas sôa a *Ave-Maria*. E, então, os olhos fixos,

Cheios d'ardente fé e uncção, nos crucifixos,
Que os monges, percorrendo as filas, vão mostrando,
Cavalleiros e peões inclinam-se resando!

De repente, porém, clangoram as trombetas!
N'um chuveiro, em redor, zunindo, as frechas tombam.
Já estralejam no ar surriadas d'escopetas
E, entre espiras de fumo, os roucos trons ribombam!

O sol nas armas põe tremeluzentes lhamas,
Como em ondas d'um mar metallico e espelhado.
Da terra, a tremolina, em vaporosas flammas,
Ascende para o ar, chammejante e abrasado.

Arfam os peitos sob os ferreos corseletes
E a cruz de Christo e Aviz, cosida no brial.
Escarvando no chão, relincham os ginetes,
Fazendo retinir as bardas de metal.

Junto do moço Rei, luzida cavalgada
De validos e leaes fidalgos, sem temor,
A lança em punho e, á cinta, a curta adaga e a espada,
Guarda o regio balsão, que empunha o Alferes-mór.

Inflamam-se na luz, em mil polychromias,
As joias, cujo brilho a vista fére e encanta:
Resplandecencias d'oiro, iris de pedrarias,
Fulgindo em peitos d'aço ou sobre as coiras d'anta...

E elle, o Heroe, a brilhar nas armas azuladas
E soffreando o seu morzello impaciente,
Sobre a rodela d'aço as Quinas estampadas
E um branco martinete em seu morrião fulgente,

Palpitante a narina e fuzilante o olhar,
Onde um clarão de fé e de heroismo perpassa,
Estendendo a manopla, emfim, manda avançar
Dos terços e esquadrões a tumultuaria massa.

« Santiago! » exclama. E já os arcabuzeiros
Estendem mangas; já os Aventureiros
Avançam sob adargas brasonadas;
E os almogavres, adaís á frente,
Debruçados no arção, heroicamente,
Galopam com as lanças enristadas!

« Santiago e avante! ». Como vão velozes!
Crepitam mosquetões, chovem arriozes,
Colubrinas, falcões de novo troam.
Mas eil-os vão! A terra treme em volta,
E as ageis hacaneias, redea solta,
Por sobre os matagaes, nitrindo, voam.

Eil-os que vão! Ao vento os seus pendões,
Como escarcéus no mar, os esquadrões
Galgam uns após outros, impetuosos.
Retinem ferros, esvoaçam plumas,
E os longos freios, escorrendo espumas,
A custo domam os corceis fogosos.

Eil-os que vão! Já perto, muito perto,
Os negros corredores do deserto
E os fronteiros do Al Gharb estão agora...
Só uma estreita faixa ainda os sepára,
Na qual, como se o vento as levantára,
Rolam nuvens de poeira abrasadora.

« Santiago! — Allah! » Já se entrechocam lanças!
Confundem-se as batalhas e ordenanças,
Baralham-se ginetes e peonagem!
Golpes resoam com 'stridencias d'aço,
E mil imprecações sobem no espaço,
N'um alarido honisono e selvagem!

Como dois monstros, dragos infernaes,
Dois fabulosos saureos colossaes,
De ferrea escama e espinhas erriçadas,
A garra destendida e em sangue as presas,
Jorrando lava as guellas, e as accesas
Pupilas rubras, de furor raiadas,

Um para o outro, rabidos, se arrastam
E, em truculenta lucta, se devastam,
N'um pantano de sangue estrebuchando,
— Assim as duas hostes vão, revoltas,
A ferro e fogo, e em pó e fumo envoltas,
No chão adusto com fragor rolando!

« Santiago! — Allah! » Fulgem montantes,
Curvos alfanges, yatagans...
De novo investem, tumultuantes,
As alas moiras e as christãs.
Contra os broqueis rompem-se espadas,
O sangue jorra das lançadas,
Rolam no pó mortos e f'ridos,
Cáem corceis e cavalleiros,
E os seus suspiros derradeiros
Sobem n'um côro de gemidos...

Facies de féra, em fogo o olhar,
Eil-as que vêm, hordas brutaes
D'alarves negros, a ulular
Como alcateias de chacaes.

Aureos crescentes nos turbantes,
Kaids e cheiks, arrogantes,
A' frente vêm dos esquadrões,
Emquanto, ao vento os seus burnús
E as mãos no ar, os marabús
Vozeiam roucas orações.

Toda a campina tumultua,
Voam pelouros das bombardas,
Ondula e treme a selva núa
Das lanças, piques e hallabardas.
Coiraças, elmos, já se arrombam,
Já decepados craneos tombam,
Galopam soltos os corceis,
E, sobre as filas oscillantes,
Rugem as vozes trovejantes
Dos almocadens e anadeis!

« Santiago! — Allah! » Qual vaga enorme,
Que, em espiral vertiginosa,
Rola, entumesce e se ergue, informe,
Espumea, colerica, furiosa,
Tal, de roldão, epicamente,

Toda essa turba refulgente
D'estranhas gentes baralhadas
Se apinha, embate e se atropella,
E quaes relampagos, sobre ella,
Fuzilam laminas de espadas!

Juncam o solo, em mil pedaços,
Por sob os peões, sob os ginetes,
Hastilhas d'armas, avanbraços,
Grevas, coiraças, capacetes...
Azuagos, elches e fronteiros,
Escopeteiros ou besteiros
Jazem n'um rubro lodaçal;
E os moribundos, derrubados,
Luctam ainda, ensanguentados,
A cris, a adaga ou a punhal!

Obliquo, o sol já desce, alem, n'um céu em chammas...
A victoria indecisa inclina-se ao Islam!
Do moiro triumphante as verdes auriflammas
Fluctuam já por entre a legião christã!

Só, como um gerifalte, em um vôo triumphal,
Sobre a presa suspenso, a pairar, a esvoaçar,
Entre as Luas infieis, o estandarte real
De longe ainda se vê, erguido, a tremular!

Tinta de sangue a espada e roto o gibanete,
Fendidos o elmo e o escudo, El Rei, torvo e calado,
Com o agudo acicate esporeando o ginete,
Por onde passa deixa um rasto ensanguentado.

Do seu olhar azul, mysticamente vago,
Dois aljofres de dôr, tremeluzindo, rolam.
Mas, erecto na sella, em voz firme: « Santiago! »
Brada aos que atraz de si, heroicos, caracolam.

Como um cyclóne, sobre uma selva d'abétos,
Lá vão, espadas no ar, entre bulcões de pó!
Embalde! que, ao redor, n'um pulular d'insectos,
Engrossa da moirisma a impenetravel mó!

Como o leão que, preso entre as redes d'um laço,
Espuma, e ruge, e morde, e estrebucha raivoso,
O Heroe, sentindo vão o esforço do seu braço,
Ainda aos moiros arroja o seu corcel fogoso.

« Por Deus! — diz-lhe o Valído, a seu lado: — é mister
Render-vos, Senhor meu, para a vida salvar!
—Jámais!—responde o Rei.—Que fazer, pois?...—Morrer!
—Morrer, Senhor?!—Morrer... mas morrer devagar!... »

« O' meu Rei e Senhor! pois não ha (soluçante
Lhe retruca o Vassalo) outro remedio agora?
— O Céu! » exclama: e, erguendo a espada gottejante,
Nos ilhaes do corcel crava outra vez a espora!

Embalde, como um raio, o ferro, coriscando,
Sobe, lampeja ao sol, desce, prostra por terra...
Embalde, entre montões de mortos galopando,
O seu braço extermina e o seu olhar aterra.

Embalde, erguendo aos céus a vista hallucinada,
A Deus a morte pede ou o seu auxilio invoca...
Embalde, emquanto vibra em torno a si a espada,
Uma prece febril murmura a sua bocca!

Embalde! Embalde! Tal como, n'um mar revolto,
Entre as ondas em furia, uma armada naufraga,
Assim esse punhado heroico tomba envolto
Da chusma dos Infieis na furibunda vaga!...

III

Crepusculo sanguineo. E' d'oiro e lacca o poente.
E, n'esse fundo, além, sobre um morro imminente
A' planura, por entre as fragas escalvadas,
Onde vegetam só figueiras torsionadas
E cactos, soffreando o seu corcel ligeiro,
Como uma apparição, assoma um cavalleiro.
Em baixo, da penumbra esfumada da tarde,
Para o céu calmo e triste, onde Vesper já arde,
Sóbe o extremo rumor do saque e da chacina.
Prantos, gemidos, ais, em tremula surdina,
Perdem-se no algazar dos moiros triumphantes.
E, então, ao escutar esses ruidos distantes,
O Vencido estremece, e, do alto, um vago olhar,
Cheio de mágua e dôr, deixa em redor tombar.
Miserrima visão de espectros sanguinosos!
— Cadaver's aos montões, captivos lacrimosos,
Amarrados, seguindo em tropegas manadas,
Ginetes a vaguear de crinas erriçadas,

Clarões de incendios com penachos de centelhas,
O Lukkus a rolar, ao fundo, aguas vermelhas,
E, entre todo este horror, um acre cheiro a sangue,
Como a impregnar de morte o ar da tarde exsangue,
— Eis o que, d'esse dia o raio derradeiro
Foi reflectir no triste olhar do Cavalleiro...
Immovel, longamente, aquelle quadro horrivel
D'agonia e de dôr fitou, mudo e impassivel.
Depois, amargo pranto as faces lhe sulcou.
E, então, na paz da tarde, erguendo a voz, clamou:

O CAVALLEIRO

« Corôa e Patria, adeus! Adeus, Reino e Vassalos!
Adeus, chimera d'oiro, ephemera e illusoria!
Fragor d'armas, nitrir ardente dos cavallos,

Flamulear dos pendões, delirios da victoria,
Estampidos dos trons, entrechocar de espadas,
Adeus! adeus, visões d'um sonho ideal de gloria!

Minha heroica ambição, epopeias sonhadas
Em prol da Fé, em prol da Cruz, contra o Crescente,
Eil-as por terra, emfim, como espigas ceifadas!

Ai de mim! Ai de mim! Sobre a selva virente
Das minhas illusões, o vento da derrota
Passou como um tufão colerico e demente!

Tal como um vendaval submerge altiva frota,
Assim, vento cruel, meus esquadrões reaes,
Destroçastel-os tu, na pavorosa róta!

Onde estão, onde estão as Quinas triumphaes?
Meus vassalos fieis? meus epicos fronteiros?
Meus velhos capitães? meus fidalgos leaes?

Sim! dizei-m'o: onde estão meus bravos cavalleiros?
A minha escolta? o meu pendão? a minha lança?
Onde estão, onde estão os meus Aventureiros?...

Mortos! mortos!... Horror! — Da barbara matança,
Vossos espectros vêm, sangrentos, mutilados,
Até junto de mim, como a pedir vingança!

E eu vencido... e ainda vivo—ai de mim!—meus soldados!
Ah! porque me não quiz o alfange coruscante,
De que em vão procurei os golpes mal vibrados?!

Porque, luctando até ao derradeiro instante,
Não deixaste, Senhor, que o ferro me prostrasse
Junto da minha grey, alem agonisante?!

Corre, meu pranto, corre! innunda a minha face!
Sobre os meus mortos cáe, como piedosa uncção,
Que, em seus corpos, oh dôr! minh'alma derramasse!

Que fado mysterioso ou que ignota missão,
Me destina o Senhor, salvando-me da morte,
Da morte, que eu busquei como uma redempção?

Se fosse para dar-me a venturosa sorte
De vos vingar, Irmãos, lavando em sangue a offensa,
Oh! verieis, então, como este braço é forte!

Mas, não! não será essa, ó Deus! tua sentença...
Não póde o teu perdão, remindo o meu peccado,
Vir tão cedo pôr termo á minha dôr immensa!

Como voltar á Patria e ao throno abandonado?
Como mostrar-me aos meus vassalos lacrimosos,
Sem hoste nem pendão, vencido e deshonrado?!

Como ouvir, sem pavor, os prantos dolorosos,
As maldições das mães, orphãos, esposas, paes,
Clamando pelos seus em gritos angustiosos?!

Oh! não, Patria! Jámais te reverei, jámais!
Que diriam do Rei, que voltava, deixando
Mortos, alem do mar, seus guerreiros leaes?...

Não, se não quiz o Céu que eu morresse luctando,
Que caísse, por fim, junto dos meus — de certo
Foi para que eu expie o meu erro nefando,

Foi para que, do meu engano, emfim, desperto,
Chore este negro horror, que sempre ha de enublar
Meu coração, de lucto e dôr jámais liberto!...

Adeus, pois, illusões, que eu vi no pó baquear,
Sonhos de Gloria e Fé, cujo accordar me aterra,
Mortos, que ides dormir sob a paz do luar!...

Patria, Reino, ambições — tudo o que esta alma encerra!
Adeus, adeus! O Heroe, volvido em Penitente,
Vae, debulhado em pranto e a face contra a terra,

Na solidão d'um ermo orar eternamente! »

Calou-se; e, após um longo olhar febricitante
Lançado em torno, apúando o cavallo arquejante,
Na sombra vesperal seu vulto se perdeu...
— Já a noite caía, e alem, no vasto céu,
Por sobre o horror d'aquella orgia sanguinaria,
Como uma sepulchral corôa funeraria,
Crocitando fataes, n'um vôo circular,
Os abutres crueis desciam devagar...

SEGUNDA PARTE

O Encoberto

I

TRANSFIGURAÇÃO

TRANSFIGURAÇÃO

Viéra a noite. O Heroe vencido achou-se, então,
N'um sitio ermo, n'uma estranha solidão.
Calado, olhou em torno. A lua, lentamente,
Subia, alem, no Azul. E, ao seu clarão silente,
Divisava-se, até ao horisonte incerto,
Um descampado immenso e vago. Era o Deserto!

Perdido e só, assim como uma sombra errante
Ou um espectro, o Rei, cansado e vacillante,
Soltas as redeas, ia ao passo do ginete.
Perdera, no combate, o escudo e o capacete;
E, por entre os rasgões das armas arrombadas,
Escorria-lhe, em fio, o sangue das lançadas.
Tragico, a fronte baixa, elle ia, tristemente,
Com a espada partida ainda da mão pendente,
Tal como a apparição d'um Anjo condemnado...
E o sereno luar d'agosto, desmaiado,
Estirando no chão a sua sombra escura,
Fazia scintillar o ferro da armadura.
Ia... ia, sem rumo, entre o infinito areal,
Atravez do silencio eterno e sepulchral,
Sob a lucilação do céu phosphorescente...
Ia, qual na Thebaida um monge penitente,
Ou como, procurando a cóva retirada,
Um vencido leão de juba ensanguentada.

Mas o corcel ferido, exanime e offegante,
Dobra o joelho e cáe, emfim, agonisante,
Deixando pelo flanco o sangue espadanar.
E então, sósinho, o Rei começa a caminhar...
Revolve d'esse dia as tragicas lembranças:

Parece-lhe ainda vêr ondear o mar das lanças
E os rotos esquadrões dobrarem-se vencidos,
Entre o tinir do ferro, os gritos e os gemidos.
Parece-lhe ainda vêr passar, como um tufão,
Sobre a sua chimera as hostes do Al-Korão,
Derrubando, calcando aos pés, soberbamente,
O pavilhão da Cruz, rendido ao do Crescente!
Tudo perdido e morto: o throno, a patria, a gloria,
Os vassalos fieis, os loiros da victoria!
Tudo extincto no pó, tudo perdido, tudo!...

E o olhar fito no chão, sombrio, abstracto e mudo,
Cada vez mais se interna em o ignoto areal...

Porque lhe fôra o Céu tão adverso e fatal?
Porque ao seu Campeador, porque ao seu Paladino,
Permittira o Senhor que um funesto destino,
Em logar do triumpho, infligisse a derrota?
Porque deixou que aos pés do Infiel, vencida e rota,
Sua signa christã tombasse finalmente?
Porque, desamparando a sua heroica gente,
O salvou da hecatombe a elle — e, exsangue e ferido,
O faz errar assim, phantasma d'um vencido?

Ah! mysterio! mysterio aos olhos seus vedado,
Mysterio que o envolve, abscondito e velado,
Como o envolvem ali, n'esse ermo secular,
O silencio da noite, a solidão e o luar!

E emquanto, assim, agita o negro turbilhão
Das suas maguas — ergue a vista á Immensidão,
Como a interrogar Deus sobre o cruel mysterio.
E, então, alem, no vasto Azul, diáphano e ethereo,
Seu olhar vê subir, informe e vagorosa,
Uma nuvem — aérea albugem luminosa,
Lactea bruma, que o luar prateia e vaporisa...

Mas — ó milagre! — a pouco e pouco, essa indecisa
E vaga nevoa esboça, estranho e colossal,
O espectro d'um ancião, surgindo d'entre o areal.
Perde-se-lhe no espaço a encanecida fronte,
Como o pico nevado e olympico d'um monte;
E a barba secular, qual nuvem fluctuante,
Cáe-lhe, em ondas de luz, no peito de gigante.
Causam assombro o seu aspecto singular,
Sua calma solemne e o seu fulgente olhar,
— Divino olhar astral, cujo raio profundo,

Com seus dardos de luz, dir-se-á varar o mundo!
Desliza, magestoso e lento, sem ruido,
E, entre as ondulações do manto descaído,
Deixa passar o braço herculeo, a descoberto...

Era a sombra do Ignoto, errando no Deserto!...

E, então, o Rei, prostrado, ouviu, como um trovão,
Ribombar pelo Espaço a voz d'essa visão.

A SOMBRA

« Cavalleiro da Cruz, suspende a marcha errante!
Abandona na areia a espada rutilante,
Depõe as armas rotas!
Só eu posso dizer os teus occultos fados,
Pois vejo, ao mesmo tempo, os Seculos passados
E as Eras ainda ignotas!...

Escuta a minha voz, ó Capitão de Christo!
Eu sou aquelle Espectro, em brumas entrevisto,
Mas sempre inattingido,
Cujo olhar tem guiado o Homem sobre a Terra,
Como a luz d'um fanal, que a escuridão descerra
Ao naufrago perdido.

Eu sou o Ancião do Tempo, o Espirito immortal
Que vive na região transcendente do Ideal,
E cujas mãos potentes
Amassam as nações, as crenças e as edades,
Ou confundem no pó os templos, as cidades
E as raças decadentes.

Eu sou do Genio Humano a lucida miragem,
A sombra que, no Azul, projecta a sua imagem,
Ao mover-se no mundo.
Eu sou esse clarão, que lhe illumina a fronte,
Como a aurora illumina os pincaros d'um monte
E o poente o mar profundo!

O meu olhar perscruta os intimos mysterios:
Vê germinar os soes nos páramos ethereos
E a flor no sólo escuro.
Eu conheço da Vida a clandestina essencia,
As leis da Natureza e as leis da Consciencia,
O passado e o futuro.

Pois tudo o que palpita e vive no Infinito,
Os atomos e os soes, as aguas e o granito,
Os vegetaes e as feras,
A grande Raça humana e as suas convulsões,
São do meu sonho eterno as rapidas visões,
No decorrer das Eras...

Por isso vós fitaes o Espaço universal,
Buscando-me atravez d'essa poeira astral,
Que, interminavelmente,
Vae rolando no Azul, revolta e encandecida,
Como a tromba d'areia, em um deserto erguida
Pelo *simoun* ardente!

Por isso interrogaes a terra e os arvoredos,
E, depois de me ter buscado entre os segredos
Umbrosos da Chimera,
Procuraes entrever, com outra evocação,
Na vasta Natureza e na eterna Razão,
A minha sombra austera!

E' a mim que chamaes, ó homens, o Senhor,
O Eterno, o Grande Todo, a Alma, o Creador
Que fez a terra e os céus.
E' a mim que chamaes o Arbitro Supremo,
O Principio do Ser e o seu Limite extremo,
— E' a mim que chamaes Deus!

Mas, como a Sphynge muda, em frente do deserto,
Eu vejo-vos passar no vosso andar incerto,
Sem vos dizer quem sou...
E as vossas multidões vêm junto do meu vulto,
Para depôr-lhe aos pés o preito d'esse culto,
Que o seu genio creou.

Campeador da Fé, escuta-me, portanto!
Só eu ouço e percebo o teu dorido pranto,
Tua morta illusão.
Só eu conheço bem tua estrella funesta
E essa dôr, que te faz curvar a fronte mésta,
Sangrar o coração!

Ah! sim, só eu, só eu, na tragedia da Historia,
Entendo o teu papel heroico e a tua gloria
Dramatica e pungente,
O' derradeira flôr dos nobres cavalleiros,
Raio crepuscular dos seculos guerreiros,
Alma de heroe e crente!

Como um rio, que inunda uma campina vasta,
O tempo nunca pára e, em sua marcha, arrasta,
N'um vortice abysmal,
Ideias, religiões, as mil obras do Homem,
Que vão redemoinhando, até que, emfim, se somem
No olvido universal!

E, n'esse desfilar continuo das Edades,
Vão-se, assim, transformando as vossas sociedades
E o vosso pensamento,
Como, no vasto Mundo, as formas inconstantes
Se alteram, sem cessar, a todos os instantes,
No eterno Movimento.

Sim! Cada forma ascende á Vida, como a flôr
Que se abre, da manhã ao cerulo fulgor,
E, ao pôr do sol, morreu...
Cada forma apparece e esváe-se de repente,
Como as ondas no mar, na treva o raio ardente
E as nuvens pelo céu!

A immutabilidade é o sonho illusionante
Do ephemero, que vê sómente o seu instante,
Em funda insciencia immerso.
Revoluteia o Ser n'um largo turbilhão!
Tudo passa e se esváe na eterna evolução,
Que é a vida do Universo!

Assim, são outros, hoje, o Mundo e a Humanidade.
Tu estás no limiar d'uma futura Edade,
O' Cavalleiro ousado!
E a tua fé de crente e o teu valor d'heroe
Não podem dominar a força, que destróe
Um mundo condemnado...

E é debaixo da ruina immensa d'esse mundo
Que tu cáes, finalmente, exsangue e moribundo;
E o teu longo gemido
E' como o adeus da nobre e leal Cavallaria,
Que expira, a pelejar, na ultima correria,
Com seu pendão erguido!

Sim! Quem te derrubou, n'esse areal ardente,
Não foi o alfange moiro, a espada do Crescente,
O' triste Paladino!
Foi um braço mais forte e uma arma mais terrivel:
Foi a dextra de Deus, brandindo, irresistivel,
O gladio do Destino!

Foi essa obscura força, a lei fatal da Historia,
Que dá sempre, ao Futuro incognito, a victoria
Sobre o velho Passado...
Foi o Espirito Novo, emfim, que já não é
O Cavalleiro-Andante, o Campeador da Fé,
O mystico soldado...

Mas, se tudo se esváe, se passam as Edades,
Imperios, religiões, raças e sociedades,
—Emquanto o Homem viver,
Uma cousa haverá eterna, sempre-viva:
E' a immarcessivel Fé e a Heroicidade altiva,
N'uma alma a resplender.

Por isso, viverás! Por isso, no porvir
D'essa triste nação, que has de ver succumbir,
Escrava, entre os grilhões,
Tu surgirás, ó Rei, como uma sombra vaga,
—A sombra d'esse Heroismo antigo, que naufraga
N'um mar de corrupções!

E, assim, has de seguir, triste phantasma obscuro,
Pelos seculos fóra, a senda do Futuro,
Como um pobre exilado,
A chorar e a pedir á Patria adormecida,
Que te abra o coração, que dê, por fim, guarida
A' Alma do Passado! »

O REI

« Senhor! Senhor! Senhor! Ouvi a tua vóz!
Teu verbo revelou-me, em negra prophecia,
A sentença da Historia, ameaçadora e atroz!

O' Deus! deixa soltar os threnos da elegia,
Sobre as ruinas da Patria, a esta alma atribulada,
Que a sua gloria vê findar n'uma agonia...

Oh! deixa que no pó miserrimo da estrada,
Desgrenhado e febril, n'um louco desespero,
Eu roje, humildemente, a fronte em suor banhada!

O' Passado! ó Passado! ó velho tempo austero,
O' edade da Cruz, em que, d'espada erguida
E a fé no coração magnanimo e sincero,

Pelo seu Deus, o Heroe ia arriscar a vida!
Nobres tempos de crença! Aureos tempos de gloria!
Chóro a vossa grandeza antiga — hoje perdida!...

Eu chóro a velha fé, que, em seculos d'historia,
A's nossas almas deu a tempera do aço,
E deu á nossa Patria os loiros da victoria!

Eu chóro aquelle duro e triumphante braço,
Aquelle animo heroico e cheio de valor,
Da nossa velha raça immarcessivel traço!

Mas tudo isso findou n'um pavoroso horror!
Tudo isso naufragou, entre sangrentas vagas,
N'um grande e fundo mar de humilhação e dôr!

O nosso sol tombou sobre essas mesmas plagas,
Onde outr'ora se ergueu, doirado e resplendente,
D'uma gloria immortal em radiações preságas.

Eil-a, partida, a nossa espada refulgente!
Eil-os, n'um mar de sangue, ó Patria, os teus guerreiros!
Eil-o, em fumo, o meu sonho utopico de crente!

Chorae na vossa campa, ó velhos Cavalleiros!
Tremei até á base, heroicas fortalezas!
E' morta, é morta, emfim, a raça dos Fronteiros!...

Ah! minhas ambições de loiros e proezas!
Meu sonho de levar a Patria, triumphante,
N'uma nova epopeia, a homericas emprezas!

Como custa accordar d'uma illusão radiante!
Sim! como custa ver por terra um estandarte,
Que, ha pouco ainda, ao sol, brilhava tremulante!

O' chimera da Gloria, é duro abandonar-te!
Mas vejo-te caír ante a realidade,
Como, ao choque da bala, os muros d'um baluarte!

Seja! Ninguem te dobra, ó Deus, essa vontade,
E o homem deve só curvar-se, humildemente,
Do implacavel Destino ante a fatalidade!

Aqui me tens, portanto, ó Fado omnipotente!
Aqui me tens, prostrado e exanime, a teus pés,
Com a face no chão, tal como um penitente...

Fui eu que conduzi a Patria a este revez.
Fui eu que, no meu grande e heroico desatino,
Derramei n'este areal o sangue portuguez,

Tornei-me, do meu povo, o tragico assassino!
Eu sou um reu, bem sei! eu sou um peccador,
Que offendeu tuas leis augustas, ó Destino!

Dá-me um castigo, pois; condemna-me, Senhor!
Faze com que eu resgate e expíe este meu erro,
E volte á Patria, emfim, remido pela dôr!

Chorem os olhos meus o pranto do desterro!
Que a amargura corrôa a minha ingenua alma,
Como a ferrugem róe um scintilante ferro!

Eu quero do martyrio a expiatoria palma!
Quero soffrer comtigo, ó Patria idolatrada,
Antes de ir descansar na morte amiga e calma...

Que eu gema na miseria atróz, que te degrada!
Que eu sinta os teus grilhões pesarem nos meus braços!
Que eu sinta a tua dôr, ó terra escravisada!

Que a saudade me rasgue o peito em mil pedaços!
Que me morda o infortunio, encarniçado e fero!
Que este pesar me siga eternamente os passos!...

Eu quero encher de cinza esta cabeça; eu quero
Açoitar-me, rojar-me em cima dos espinhos,
Soffrer, gemer, chorar, como um ermita austero...

Irei, na paz da tarde, ao longo dos caminhos,
Occulto no burel do triste penitente,
Contemplando o meu reino em tempos tão mesquinhos!

Sim! eu lanço, meu Deus, a espada refulgente,
Eu deponho a teus pés esta armadura rota,
Como um velho tropheu, inutil finalmente!...

Oh! deixa que eu expíe a tragica derrota!
Oh! faze-me sentir, oh! faze-me chorar,
Desde as miserias d'hoje á edade mais remota,

Do meu Povo, Senhor, a mágua secular! »

A SOMBRA

« Vae, sim! vae, Cavalleiro! A dôr é para o forte!
Só o covarde pede, entre o martyrio, a morte.
Soffre, ó Heroe vencido!
A alma sáe mais rija e mais viril da mágua,
Como um ferro que sáe ardente d'uma frágoa.
Soffre — e serás remido!

Vae! Caminha na Historia, assim como um propheta.
Segue a Patria, que arrasta a misera grilheta
Da sua decadencia!
Clama, lamenta, chóra o seu cruel destino!
— E' esta, ó peccador! é esta, ó peregrino!
A tua penitencia!

Vae! A estrada é comprida e o chão cheio de abrolhos.
O pranto, muita vez, ha de enublar teus olhos,
Teu peito ha de sangrar!
Mas, para os bons, ó Rei, na sua immensa dôr,
Tu serás a visão d'um sonho redemptor,
Sobre a Patria a pairar...

Tu serás a esperança e o grito do protesto,
Uma restea de fé em tempo tão funesto,
O espectro do Passado,
Que se ha de erguer, por sobre as fracas gerações,
Implacavel, fatal, cheio de maldições,
Como um deus indignado!

Tu has de ser a voz austera da Nação,
O pranto do captivo, o brado d'afflição
Do miseravel povo...
Tu serás essa Ideia, essa Crença — o Messias
Que ha de vir, no final de atribulados dias,
Fundar o Imperio Novo!

E o teu vulto e o teu nome, a cada soffrimento,
A cada nova dôr, a cada desalento,
Ha de ser invocado,
Como o é pelo escravo a santa liberdade
Ou a patria distante, em intima saudade,
Pelo triste exilado...

Vae, pois, ó Sombra errante, entre essa noite escura;
Exgota até ao fundo o calix d'amargura,
Chora a cada miseria!...
Brilha, como a esperança, entre esse captiveiro...
Vae, por seculos, vae, sombrio caminheiro,
N'essa estrada funerea.

Uns dias surgirás, de tragico semblante,
A prantear a dôr da Patria agonisante,
Da Patria desditosa...
Outros, por entre a nevoa incerta do Porvir,
A cavallo e de lança em punho, has de fulgir,
N'uma visão radiosa...

Sim! has de apparecer em dias tumultuarios.
Hão de morrer por ti, sorrindo, os visionarios
E hão de prégar-te os crentes...
Hão de amar o teu vulto heroico os luctadores,
Hão de cantar-te a lenda, ó Rei, os sonhadores
E os mysticos videntes...

E tu, ó Espectro, irás marchando, sem fadiga,
— Vago sonho dos Bons, visão da Patria antiga —
Entre essa abjecta Edade,
Até que, emfim, quem sabe?... alguma geração
Te erga um throno de luz, no altivo coração
Cheio de heroicidade!... »

Houve um silencio. O Rei ergueu então o olhar.
No céu profundo viu sumir-se, a fluctuar,
Como nevoa distante, a grande Apparição...
Em torno, a areia vaga, a noite, a solidão,
A luz fria da lua entre um azul ethereo,

Todo o recolhimento ignóto do Mysterio,
Embalavam-lhe a alma, assim como n'um sonho...
Já não o torturava esse pavor medonho,
N'aquelle despertar das aureas illusões,
Quando viu, sobre o pó, seus bravos esquadrões.
Já não chorava a gloria, em desespero louco...
Não. Uma grande paz entrava, a pouco e pouco,
No seu peito, assim como a luz da madrugada
Entra n'uma prisão, em trevas mergulhada...
Sentia uma alma nova a surgir, a romper,
A germinar no fundo obscuro do seu ser...
Sentia-se evolar, tornar-se vagamente
N'um vulto, n'um phantasma aereo e transcendente,
Tal como um corpo, sobre a pyra fumegante,
Se transforma, entre a chamma, em uma sombra errante.
— Que fôra?... Um triste rei... um misero mortal...
Um pobre e louco heroe, a quem a mão fatal
Do Destino quebrára a vangloriosa lança...
—E agora?... Que ia ser?... Um sonho... uma esperança...
Um symbolo... uma fé... talvez um deus... talvez!...

Então, calado, o Rei lançou de si o arnez,
Os guantes, o gorjal, sua partida espada;
Depois rojou na areia a fronte angustiada,

E, as mãos em cruz no peito, extatico, embebido
N'uma contemplação de monge recolhido,
Erguendo-se e fitando o vasto Firmamento,
Sumiu-se no Deserto, em passo grave e lento...

II

A PENITENCIA

A PENITENCIA

I

DE VOLTA

É dia já. No Oriente, aos fogos do arrebol,
Como um heliantho d'oiro, abre a corolla o sol,
Saccudindo, no Azul, o seu pollen de luz.
O oceano é calmo — e o seu disco enorme reluz,
Semelhante a um broquel d'aço, todo brunido.
A onda languida mal arqueja n'um gemido...

E, bafejada por uma propicia aragem,
Singra alterosa náu, que, após longinqua viagem,
Para o porto natal volta a prôa fremente.

Ao longe, a terra já se esfuma, vagamente...

Velas todas ao vento — alvos pannos, tostados
Das brisas e dos soes de climas afastados —
Vibrante das canções da chusma afadigada,
Com a prôa de nivea espuma polvilhada,
— Entre mil pulsações de receios e esp'ranças,
De saudade e de amor — por sobre as vagas mansas,
Serena, a grande náu avança magestosa.
E, na frescura azul da manhã luminosa,
Gaivotas, voando-lhe em torno, vão-n'a coroar
D'um halo triumphal d'azas a palpitar...

A praia é perto já. Altos montes ceruleos
Arqueiam no horisonte os seus dorsos herculeos.
Já, festiva, sorri das terras a verdura,
Já dos casaes branqueja a immaculada alvura
E estranhos, vagos sons erram na atmosphera.

Como um lenço, a acenar, d'alguem que nos espera,
O fumo azul d'um lar saúda a náu ausente...
Outras velas, além, passam serenamente.
A praia é perto já. E, ao fundo, o porto amigo
Abre, por fim, á náu o demandado abrigo.

Barra dentro!... Como um enorme leviathan,
O grande Rio, sob a gloria da manhã,
Dormita no esplendor das escamas de prata...
Tudo, em redor, no seu esmalte se retrata:
Montes, verduras, céus, nuvens, azas errantes...
E, então, ao deslumbrado olhar dos navegantes,
Toda branca, a emergir das aguas crystalinas,
Recortando no espaço as suas altas collinas,
As suas torres, seus palacios, seus jardins,
Por entre mastreações de náus e bergantins,
Sob o velario azul d'um calmo céu risonho,
— Luminosa, sonora apparição d'um sonho —
A marmorea Cidade ostenta-se a distancia!

O Angelus vibra ao longe, em clara resonancia...
Meio dia. No convez, marinheiros, viajantes,
De joelhos e o olhar nos coruchéus distantes,

Prostram-se, entoando em côro um cantico divino.
Só, immovel, á prôa, um velho peregrino,
Mysterioso romeiro ao baculo arrimado,
Com o seu cabeção de conchas estrellado,
Vasta barba de neve ondulando no peito,
E, apesar do seu longo inverno, ainda direito
E aprumado como a haste heroica d'uma lança,
De pé, emquanto a náu, toda enfunada, avança,
Extatico, contempla aquella apparição...
E, benzendo-se ao fim d'uma curta oração,
Com lagrimas na voz, olhos fitos no rio,
Fallou assim — erecto á prôa do navio:

O PEREGRINO

« Salvé, Terra natal! Salvé, Rio glorioso!
De vos revêr, o meu coração, triste e ancioso,
Até esqueceu as suas máguas!...
Bemditas sêde vós, visões da mocidade!
Bemditos sejam sempre os teus muros, Cidade!
Bemditas, Rio, as tuas aguas!...

Ai! para o extincto olhar do velho peregrino,
Que alegria, Senhor! que conforto divino,
Fitar ainda uma vez, além,
Após tanta miseria, após tanta agonia,
A terra em que o alumiou, primeiro, a luz do dia
E a luz do olhar de sua mãe!

Terra de Portugal! meu patrio e amado Tejo!
Com que intimo alvoroço, emfim, eu vos revejo!...
— Senhor, levae, levae-me agora!
Que o signal do perdão para o misero réu
Seja o dares-lhe o occaso aqui, no mesmo céu
Onde raiou a sua aurora...

Ah! na minha remota, ardente juventude,
Firme ao leme, como um velho piloto rude,
Quanta vez, quanta vez, ó Rio!
Por entre o temporal, ás rajadas do aguião,
Rindo, em fragil batel, sobre a vaga em cachão,
Cortei o teu dorso sombrio!...

E quanta vez, de noite, ao balcão apoiado,
Fitando-te, sonhei, pallido e desvairado,
O meu sonho arrebatador,
Quando já os galeões dormiam, oscillando,
E sua rede de prata ia ás aguas lançando
O luar — divino pescador!

De ti me fiz ao mar, em armada galera,
Fascinado de heroica e sublime chimera,
Que vi, depois, desfeita em sangue...
— A ti volta, porfim, o antigo Cavalleiro,
Sem lança nem rodela — encoberto Romeiro,
Velho, alquebrado e a alma exsangue.

Salvé, pois, vós que assim acolheis santamente,
Ao cabo da jornada, o triste penitente,
De cujo olhar o pranto emana...
Salvé, Cidade e Rio — o mais nobre da Iberia!
Coração palpitante e gigantesca arteria
Da velha terra lusitana!

O' Princeza do Mar! como és bella e formosa!
Teu rio azul parece a cauda magestosa
Do teu loução manto real...
E a tua heroica muralha, erriçada de ameias,
E' a corôa que tu soberbamente alteias
Na tua fronte imperial!

D'ella, em cada baluarte, a ferro e sangue inscriptos,
De teus velhos heroes os feitos inauditos
Lêem-se como em rude chronica,
Fortaleza da Fé, ao Moiro arrebatada,
Pelo enlace christão da nossa invicta espada
Co'a espada franka e a teutonica!

Em vós, da nossa historia o destino immortal
Occulto se gerou, imperioso e fatal,
Como um decreto do Senhor.
Tuas aguas, ó Rio, em sua eterna corrente
Foram quem nos guiou para o seio fremente
Do Mar ignóto e tentador!

De ti, as grandes náus, bando d'aguias gloriosas,
Velas brancas ao sol e auriflammas radiosas
A palpitar, a tremular,
N'uma ovante revoada, assombrosa e chimerica,
Ergueram o seu vôo até ao céu da America
E até ao céu do Malabar.

E, n'ellas, qual no corpo o espirito intangivel,
— Occulta, ardente flamma, etherea e incoercivel —
Ia a nossa alma aventureira,
O nosso genio heroico, a nossa fé divina,
Marcada, como em santa e veneranda sina,
No sacro emblema da bandeira!

E quando, annos após, ao ninho regressavam,
A's que á popa, em triumpho, altivas, arrastavam,
— Tropheu sublime — um novo mundo,
Recebial-as n'uma apotheóse ingente,
Sob o hossanna da luz e o pallio resplendente
Do teu Azul, calmo e profundo!

E ás que, entre o vendaval, rotas, desmastreadas,
— Destroços a fluctuar de perdidas Armadas
Lá por inhospitas paragens —
Demandavam o teu abrigo, já sem norte,
Trazendo a bordo a Fome, a Peste, a Dôr e a Morte,
Como sinistras equipagens,

— A essas, como a espectraes cadaver's d'um naufragio,
Acolhial-as tu, em piedoso suffragio,
Dentro em teu vasto seio, ó Rio!
Ao grave cantochão dos ventos tumultuarios
E sob um céu, forrado a crepes funerarios,
Qual nave d'um templo sombrio!...

E, ai! n'essa secular viagem, como os galeões,
Foram, ebrias d'esp'rança, as nossas ambições,
Os nossos sonhos, nossas crenças...
E — como elles, tambem — ao cabo da aventura,
Voltou-vos a Victoria a pár da Desventura
— Sol atravez de nuvens densas.

Assim, ó Rio, tu, da nossa heroica Historia,
Serás padrão eterno, a relembrar-lhe a gloria;
E como nymphas, em choreias,
Rolando para o mar, tuas ondas canoras
Dirão eternamente as estrophes sonoras
Das nossas ferreas epopeias!

Salvè, pois, vós que assim fazeis vibrar, fremente,
O exhausto coração do triste penitente,
Que, occulto, chóra as suas máguas!...
Bemditas sêde vós, visões da mocidade!
Bemditos sejam sempre os teus muros, Cidade!
Bemditas, Rio, as tuas aguas!... »

Já a náu ancóra; já bateis ligeiros
Cercam-na, vogando, com seus bateleiros.

Sóbe a chusma ás gaveas, a ferrar as velas.
Salvam-na, de longe, fustas, caravelas.

Troam colubrinas, flamulas palpitam.
Já, na praia, braços, a acenar, se agitam.

Sobre o tombadilho, desvairadas gentes,
Vindas de remotas regiões ardentes,

— Velhos marinheiros, rudes e tisnados;
Capitães, fidalgos, com perpoens bordados;

Mercador's do Oriente; frades; peregrinos;
Judeus d'olhar dubio, magros e aquilinos;

Epicos soldados com o arnez cingido;
Captivos, escravos d'ebano polido;

N'uma turba-multa, fulgida e ruidosa,
Cruzam-se e vozeiam na manhã radiosa...

Já os bateis atracam; já á praia voam...
Jubilosos gritos pelo ar resoam...

Já na terra firme saltam os viajantes,
Braços estendidos, peitos anhelantes...

— Só o Peregrino — que ninguem espera! —
Grave na sua longa, nivea barba austera,

Com incertos passos, vae bater, calado,
Dos Hyeronimitas ao portal lavrado.

II

ENTRE FERROS

Ingreme encosta que o olivedo ensombra.
E' noite. Astros, aos mil, tremem no espaço.
Dorme, em baixo, a Cidade envolta em sombra.

Curvado sobre o páu, tacteando o chão,
O Peregrino vae, em curto passo,
Subindo devagar na escuridão.

Depois de vaguear, noites e dias,
Pela velha Cidade — vae deixal-a,
Meio morto de máguas e agonias...

E agora, ao cimo, relanceando o olhar,
Cruza os braços e pára a contemplal-a
— Massa informe de treva a negrejar.

Na sua alma, dolente e atormentada,
A dôr das cousas tristes, que além viu,
De novo crava a presa envenenada.

Essa prova cruel da expiação,
Que a Deus tanto rogou, tanto pediu,
Fal-o tremer, agora, d'afflição...

E como o Christo, em pranto, no sombrio
E tragico Jardim das Oliveiras,
Sente a fronte molhar-lhe um suor frio.

Então, cáe de joelhos, soluçando,
E, juntando suas forças derradeiras,
Prostrado, longo tempo fica orando.

São palavras ardentes e doridas,
Como o sangue d'uma alma apunhalada,
A correr e a manar-lhe das feridas.

E a sua afflicta voz, triste e gemente,
De soluços e d'ais entrecortada,
Sobe assim para o Céu, convulsamente:

O PEREGRINO

« Seja feita, Senhor, tua vontade
Sobre a Terra e nos Céus!
E' um punhado d'areia a Humanidade
Nas tuas mãos, ó Deus!

Perdôa, se vacillo, e chóro, e tremo,
Senhor! ante a expiação,
E se desmaia, em seu cansaço extremo,
Meu pobre coração!

Por largos annos, só, lá no deserto,
Meu corpo flagelei;
Nas cavernas dormi, vagueando incerto;
Gemi, soffri, chorei.

Pelo mundo, depois, meus tristes passos
Arrastei, sem parar,
Até que, exhausto quasi e os membros lassos,
Fui tua campa beijar!

Mas, ah! Senhor! toda essa provação,
Toda essa dôr foi nada,
A par da dôr que, em mim, causa a visão
Da Patria subjugada;

A par da dôr, que experimento, ao ver
O meu povo entre ferros,
E os grandes d'um intruso os pés lamber,
Como submissos perros;

A par do horror de ver, na raça ignava,
Morta a heroica centelha;
E de ver minha terra — serva e escrava
De sua Irmã mais velha;

E o sangue de seus filhos, generoso,
Vertido além, por ella,
E, em nossas náus, a tremular, vaidoso,
O pendão de Castella!

Que mais me espera, pois?! que mais me espera?
Que mais acerba dôr,
Que pena mais cruel e mais severa
Me guardas tu, Senhor?!

Ah! bem acre me foi o hausto primeiro
Do calix da amargura!
Bem pesado o teu braço justiceiro,
No inicio da tortura!

Mas, resignado já, eu vou partir
Em busca d'outras dores...
A dura penitencia hei de a cumprir
Entre angustias e horrores!

Assim, minha agonia pavorosa,
Submisso, aguardo, ó Deus!
Traça-me tu a Via Dolorosa,
Conduz os passos meus!... »

III

OS CRENTES

Sobre as altas serras, já o sol declina.
Região alpestre, montes solitarios.
N'essa tarde calma, d'uma paz divina,
As aldeias fumam, tangem campanarios...

D'uma villa as casas, na vertente, alvejam
Entre sombras frescas e um murmurio d'aguas,
— Terra de serranos que, a cantar, moirejam
N'um trabalho santo, que não vencem máguas.

Já os pegureiros descem da pastagem,
Com os cães latindo junto das cabradas;
E, trazidos pela vespertina aragem,
Ouvem-se chocalhos lá pelas quebradas.

Pela rude encosta, d'asperos maninhos,
Voltam das aradas os aldeões em bando.
Récuas d'almocreves choutam nos caminhos,
Bois e carros passam devagar, chiando...

Frescas lavadeiras, nos seus lavadoiros,
Torcem a nevada roupa alvinitente;
E, em parados grupos, junto aos bebedoiros,
Os pacientes gados olham vagamente.

Atravez d'azenhas, a fulgir prateadas,
Em cachão, as aguas, revolvidas, fremem.
N'um estrondo rouco tombam as levadas
E as ronceiras rodas docemente gemem.

Entre os loiros netos, multidão travessa,
As avós, ás portas, fiam as estrigas;
E, ao voltar da fonte, bilhas á cabeça,
Vêm, cantando e rindo, guápas raparigas.

Mas a luz esváe-se lenta... lentamente....
Já, detráz das serras, se escondeu o sol.
Como uma queimada, na sua crista ardente,
Brilham as vermelhas chammas do arrebol.

Do Angelus os lentos sons crepusculares,
Como a santa benção ao trabalho antigo,
Descem sobre as terras, os casaes e os lares,
Sobre a gente e os gados, sobre a vinha e o trigo.

E eis que ao pé da villa, mudo e mysterioso,
Surge um Peregrino d'epica estatura,
A cabaça, ao alto, no bordão nodoso,
Contas de bogalhos presas á cintura.

O cabello e as barbas, em anneis prateados,
Cobrem-lhe a esclavina, d'onde as vieyras pendem;
E seus olhos claros, tristes e maguádos,
Sobre a aldeia humilde com amor se estendem...

Com certeza volta de longinquas terras
(Habito e sandalias vêm de pó cobertos)
Atravessou aguas, descampados, serras,
Fez jejuns, retiros, lá pelos desertos.

Mas já pelas ruas, com seu passo lento,
Segue na grandeza da humildade santa,
Quando, n'uma porta, vê um ajuntamento
Escutando um velho, que umas trovas canta.

Ah! o santo velho! Fronte de propheta,
Rosto emaciado, d'expressão austera...
Luz estranha fulge na sua vista inquieta,
—Radiação da crença, que confia e espéra.

Mesteiral humilde, pobre sapateiro,
Na sua alma firme, religiosamente,
Guarda a fé d'um Povo, que, no captiveiro,
Põe, n'um sonho d'oiro, sua esp'rança ardente.

Guarda-lhe essa lenda, que ainda o faz viver;
Guarda-lhe a saudade do esplendor passado;
E, á sua voz, os simples julgam entrever,
Esbatido em nevoas, seu Heroe amado...

E o bom velho, ás tardes, o trabalho findo,
D'outros visionarios conta as prophecias,
Sonhos mysteriosos, que lhe estão sorrindo,
Quaes visões futuras de gloriosos dias.

E eis que o Peregrino, para ouvir o canto,
D'esse grupo ingenuo se approxima, emfim.
Em redor o fitam com surpresa e espanto.
Mas o sapateiro vai dizendo assim:

O SAPATEIRO

« Ah! quem podéra dizer
Os sonhos que o homem sonha!

Mas hei medo que me ponha
Gran vergonha
De que me não queiram crêr...

Não sonhada, mas ouvida,
Uma voz, quasi divina,
Me falla á alma e me ensina
Coisa de saber-se dina,
Dina de ser referida.
Olhae que um grande Leão,
Que vive á beira do mar,
Vae suas aguas passar,
Para ir batalha dar
Aos Corvos, que ao longe estão...
Mas os Corvos, a grasnar,
Caíram sobre o Leão!
Vêde o triste derrubado,
Das garras dilacerado,
Mil bicos no coração!

Mas eis que os Corvos debandam
E o Leão se ergue ferido...
Lá para onde os outros andam
Segue, emfim, triste e vencido;
E diz-se até que, encoberto,

Por suas máguas penar,
Foi as armas enterrar
Lá n'um remoto deserto...
(Que este Leão era um Rei,
Que, por sua fé e lei,
Fôra ao longe batalhar.
E largos annos, agora,
Longe do Povo que o chóra,
Sem ninguem o conhecer,
De terra em terra ha de andar
E escondido ha de estar
Um tempo, sem se saber...)

E na cova do Leão
Já outros se vêm metter,
A comer-lhe a creação,
No seu ribeiro a beber...
Mas olhae, gentes vindoiras,
Que estes d'aqui vereis ir,
E o Outro tornará a vir,
Passadas trinta thesoiras!

Porque, após tempos de dôr,
Por longes terras andados,
O mandará o Senhor

Rehaver terras e gados.
Pois que o termo vejo vir,
Vejo, emfim, que o Desejado
O seu surrão vae vestir,
Vae pegar no seu cajado...
Vejo que é chegada a Era,
Por que o nosso peito anceia,
Pois o Rafeiro da serra,
Depois d'um quarto de guerra,
Se tancha na sua aldeia...
Ora, olhae! vêdel-o entrado
Sem nenhuma resistencia,
Mas, finalmente, empossado,
Senhor do curral e gado,
Que perdeu por sua ausencia.
E, vêde! que admiração
N'este lance derradeiro,
Qual não viu nenhum varão:
Feito Rafeiro o Leão
E o Leão feito Rafeiro!

Mas, depois do seu haver,
O alheio ha de ir tomar;
E de quem o fez soffrer
A vingança ha de tirar.

Aos Corvos se tornará.
Em Marrocos entrará
Com a signa do Senhor,
E, em Africa, Imperador,
Como tal se coroará!
E as proezas, que fará
Lá por toda a Berberia,
São coisa que o Mundo espanta:
Tomará a Terra-Santa
E reinará na Turquia!
E, ao cabo de longas guerras,
Pelas mais remotas terras,
Dos contrarios vencedor,
(Se eu as verdades profundo)
Do Quinto Imperio do Mundo
Será, por Christo, o Senhor!

Esperae, pois, por Aquelle
Que se conserva escondido,
Esperae, firmes, por Elle!
Pela mão de Deus trazido,
Da sua Ilha Encoberta
Ha de voltar nosso Rei!
Que este sonho, que sonhei,
E' verdade muito certa...

O POVO

Da sua Ilha Encoberta
Ha de voltar nosso Rei!...

O SAPATEIRO, *reparando no Peregrino*

O' Peregrino, em teu olhar
Vi uma lagrima brilhar,
Ouvindo as santas prophecias...
E's muito velho... Certamente,
O teu olhar, morto e dormente,
Ainda viu o sol dos grandes dias!...

O PEREGRINO, *vagamente*

Sim, meu olhar, morto e dormente,
Ainda viu o sol dos grandes dias...

O SAPATEIRO

Ah! muitas vezes, bom Romeiro,
O habito encobre um Cavalleiro,
Que, por vencido, se escondeu.
Tens um gilvaz, como um soldado...
Talvez luctasses a seu lado,
Quando entre os moiros se perdeu...

O PEREGRINO, *hesitante*

Talvez — nem sei! — fosse eu soldado,
Quando entre os moiros se perdeu...

O SAPATEIRO

Por Deus! por Deus! desconhecido!
Jura que o viste, o Heroe vencido,
Jura estendendo as tuas mãos!
Se o sabes vivo, dil-o á gente...
Firma na esp'rança o Povo crente,
Consola e anima os teus irmãos!

O PEREGRINO, *fitando-o entre lagrimas*

Ah! espera, espera, ó Povo crente!
Ah! esperae sempre, ó meus irmãos!...»

Já a Estrella da Tarde surge a palpitar...
Já a andorinha busca nos beiraes o ninho...
E, envolvendo todos n'um saudoso olhar,
O Romeiro ignoto segue o seu caminho.

Mas os pobres crentes, mal cobrado o tento
Ante o vulto estranho, que os inquieta e assombra,
Vendo-o distanciar-se, mysterioso e lento,
Largo tempo ficam a seguir-lhe a sombra...

IV

O CRIME

No sonho do luar dormem a terra e o céu...
Vaga, a neblina estende o seu diaphano veu
Sobre os valles, como um lençol de fresco linho.
Dir-se-á tudo de neve, opala, prata e arminho...

Sinistra, avulta além a alcaçova sombria,
Paço feito bastilha, onde, de noite e dia,
O Prisioneiro, como em sua jaula um leão,
Passa e repassa atráz das grades da prisão.
Sob os robles, seguindo ao longo do alto muro,
O Romeiro, de baixo, ao perpassar no escuro,
Fita a janella, d'onde o Louco olha o luar.
E, pela noite calma, ouve-o assim cantar:

O PRISIONEIRO

« Ai! tive uma corôa, e um sceptro, e um throno d'oiro,
Um throno d'oiro fino, arminhos e velludo...
— Vêde! levaram-me tudo...
Roubaram-me o meu thesoiro!...

Tive exercitos, tive infantes, cavalleiros,
Cem castellos em terra, armadas sobre o mar...
— Olhae! tudo a desertar,
Soldados e marinheiros...

Tive um palacio e, n'elle, um thalamo doirado,
E, no thalamo d'oiro, uma mulher formosa.
— Vêde! que sorte horrorosa!
De tudo fui despojado!...

Mas, ah! lá está meu paço e, no meu paço, o throno,
E, na alcova real, o thalamo doirado!...
— Mas quem se senta no throno?!
Quem no leito está deitado?!...

Olha, no leito, meu irmão (sonho funesto!)
Olha (visão cruel!) no throno, meu irmão!...

O PEREGRINO, *afastando-se*

Olha! no thalamo o Incesto!
Olha! no throno a Traição!...»

V

ESPECTROS

Morre o sol sobre as aguas, no Occidente.
A tarde é calma, o céu concha de perola.
Glauco e triste, suspira o mar dormente,
E as lentas vagas, preguiçosamente,
Na areia arrastam sua fimbria cerula...

A pique, n'uma fraga, sobre o mar,
Velho castello, abandonado e em ruina,
As negras torres ergue ainda ao ar,
Como braços sinistros, a implorar
O termo, emfim, de malfadada sina.

Merlões, ameias, barbacans, setteiras,
Fóssos, baluartes, torreões aereos,
Desertos, mudos, sem legiões guerreiras,
São ninho, agora, d'aves agoireiras,
Coito d'espectros, sombras e mysterios...

Calmas e soes, invernos, vendavaes,
Granisos, raios, n'uma lucta irosa,
Como golpes furiosos de punhaes,
Rasgaram cicatrizes colossaes
Nas muralhas da Alcaçova gloriosa.

Em torno á velha torre de menagem,
Vôos sombrios d'aguias e falcões
Dir-se-ão coroar d'um resplandor selvagem
A escalavrada, titanesca imagem
D'algum gigante, olhando as solidões...

Seu torso barbaro, inspirando assombros,
Veste dos lichens a doirada cotta.
Um manto d'heras pende-lhe dos hombros,
E, quaes gottas de sangue, entre os escombros,
Irrompem cactos da muralha rota.

Funda mudez em roda. Solidão
Austera e morta, reçumando máguas...
Azas passam, no Azul, com lentidão.
E, n'essa elysia paz, que enche a Amplidão,
O sol expira sobre as Grandes Aguas...

Lento e triste, o alquebrado Penitente
O trilho sóbe, que ao Alcaçar leva.
Seus olhos fitam o esplendor do poente,
Emquanto a alma vae, abstractamente,
D'atras memorias a vaguear na treva.

Chegado ao topo d'essa abrupta fraga,
Os velhos muros, pensativo, olhou.
E todo o horror d'aquella ruina vaga
— Como um dardo que reabre antiga chaga —
A sua occulta mágua exacerbou.

Errando, mudo, entre os senis destroços,
Percorre toda a Alcaçova espectral:
— Bastiões, terraços, atalayas, fóssos,
Minas sinistras, com detrictos d'ossos,
E o mutilado portico ogival.

E então, exhausto do supplicio infindo,
Sobre uma pedra se deixou tombar.
Lasso, inerte, parece estar dormindo...
Mas eil-o que estremece e, o olhar abrindo,
D'um salto se ergue — e fica-se a escutar...

Sim! dos muros da Torre — obscura entranha,
Enorme, rude, colossal garganta —
Como um rumor de cedros na montanha,
Sáe, plangente, uma Voz solemne e estranha:
E — assombro! — a Torre falla! a Torre canta!

E' uma ballada quérula, dolente,
Toda impregnada de tristeza e máguas...
Absorto e mudo, a escuta o Penitente.
E a mysteriosa Voz, saudosamente,
Ao largo expira sobre as Grandes Aguas...

O CASTELLO

« O' meus dias passados,
Meu poder, minha gloria!
Onde estaes? onde estaes? — Abandonados,
Olhae meus velhos muros arruinados,

Meus tristes muros, viuvos da Victoria...
Olhae minhas ameias sem soldados,
O' meus dias passados,
Dias de força e gloria!...

Ai! que infinda saudade,
Que amarga nostalgia
Da estrenua vida d'essa extincta Edade!
Assaltos, luctas, sangue, heroicidade,
Tinir d'armas, troar d'artilheria,
Eis-vos volvidos n'esta soledade...
Ai! que amarga saudade,
Que infinda nostalgia!

Invalido gigante,
Heroico veterano,
Sombrio, mudo, inerme, vacillante,
Contemplo agora a noite fulgurante
E os poentes d'oiro sobre o largo oceano...
Ai! triste do guerreiro agonisante,
Do invalido gigante,
Heroico veterano!...

Apparição fatal,
Espectro do Passado,
Quem lembra a minha historia triumphal?
Quem sente a minha mágua vesperal?
Quem sabe a dôr do heroe abandonado?...
— Triste e só, n'esta paz muda e lethal,
Sou o Espectro fatal,
A Sombra do Passado...

Velho Sol, velho amigo,
Que expiras sobre o mar,
Que, em cada aurora, como a um mendigo,
Me dás a santa esmola, que eu bemdigo,
A esmola da tua luz, sempre a brilhar:
— Ai! dize a gloria d'esse tempo antigo,
Dil-a tu, Sol amigo,
Que expiras sobre o mar!...

Sim! teus raios a flux,
Teu fulgor triumphante,
Viu bater, tremular, ebrio de luz,
Sobre estes muros, o pendão da Cruz,

Como a minha alma heroica e palpitante...
Na minha torre, a signa de Jesus,
Os teus raios a flux
A viram triumphante...

Em epicas batalhas,
Esmerís e bombardas,
Viste-as em chammas, sobre estas muralhas...
Aqui tua luz beijou elmos e malhas,
Achas, espadas, lanças e hallabardas...
Olha agora, olha agora estas muralhas,
Saudosas de batalhas,
Desertas de bombardas!...

Sim, olha, ó luz fagueira!
Olha... O que vês em mim?
Que vês na velha Alcaçova guerreira?
— Parietarias, reptis, escombros, poeira
E ameias negras sobre o Azul, assim
Como podres maxillas de caveira...
— Eis tudo, ó luz fagueira,
O que hoje vês em mim!

O' sorte transitoria!
Do Heroismo a flôr murchou...
E eu sou como a partida urna marmorea,
Onde essa rubra flôr, cheia de gloria,
Por tanto tempo rescendeu, brilhou...
Ai! n'estes muros, orphãos da Victoria,
— O' sorte transitoria! —
Do Heroismo a flôr murchou!

Solidão! solidão!
Desamparo! abandono!...
E' d'heras verdenegras meu pendão...
São-me os corvos sinistra guarnição...
E' de morte, é de morte este meu somno!
Deixae-me, pois, tombar; deixae-me, então,
Ruir na solidão
Em misero abandono!...»

Calou-se a Torre. Mysteriosa e quérula,
Sua voz no espaço se extinguiu, vibrando...
Azas perpassam pelo céu de perola.
E o mar, erguendo sua vaga cerula,
Arfa gemente, como suspirando...

N'um mudo assombro, o velho Penitente
Olha, immovel, surpreso, aquellas ruinas.
Sumiu-se o sol. E' de topazio o poente.
E do Castello a solidão dormente
Já se envolve nas sombras vespertinas.

Mas eis que, a prumo, sobre o chão firmada,
Em cruz a guarda como insignia santa,
Roida, negra, putrida, oxydada,
Uma velha, uma enorme e heroica Espada
Em frente do Romeiro se levanta.

Ali, das mãos d'algum heroe caída
Em meio da refrega sanguinaria,
Ainda de sangue a lamina tingida,
A antiga Espada rutila, esquecida,
Ha seculos dormita solitaria...

E ali, tambem, n'uma canção fremente,
A Espada chóra suas tristes máguas...
Absorto e mudo, a escuta o Penitente.
E a sua ferrea voz, vibrantemente,
Ao largo morre n'amplidão das Aguas...

A ESPADA

« Brilhei á luz de cem batalhas!
Fulgi ao sol de cem victorias!
Em campos rasos, em muralhas,
Fendi coiraças, rasguei malhas,
Ebria de heroismo, ebria de glorias!

Meu gume frio, bem afiado,
— Presa cruel d'um monstro: a Guerra —
Ai! quanto craneo decepado,
Ai! quanto corpo lacerado,
A fuzilar, prostrou por terra!

Toda vermelha, flammejante,
Ensanguentada, temerosa,
Como um cometa coruscante,
No ar em fogo, triumphante,
Passei sinistra e pavorosa!

Sangue de Infieis, perros malditos,
A jorros, fiz correr, manar!
Em torno a mim, prantos e gritos,
Blasphemias, pragas, ais afflictos,
Em gorjas negras fiz calar...

Por nobres mãos d'heroes vibrada,
Campeões da Fé, Servos da Cruz,
A minha lamina espelhada,
Dextra de Deus, rasgou, irada,
No mundo um sulco astral de luz.

Na guarda — olhae! — mysticamente
Trago o signal do Redemptor!
Por elle erguida, heroicamente,
Dos campos d'Africa ao Oriente,
Fulgi, luctei, cheia de ardor.

Abandonada, inerte, agora,
Orphã do braço dos Fronteiros,
Minh'alma occulta lembra e chóra
Toda a epopeia, alta e sonora,
Dos velhos seculos guerreiros.

Como uma lepra pustulenta,
Rubra ferrugem me corróe!
Miseria horrenda! Morte lenta!
Antes quebrar, sanguinolenta,
Na mão terrivel d'um heroe!

Braços covardes, sem vigor,
Que me não vindes empunhar!
Que gente é esta, ó Patria — horror! —
Que, n'um lethal, fundo torpor,
Já me não faz á luz brilhar?!

Tempos d'outr'ora, tempos idos!
Luctas de fé e liberdade!
— Symbolos mortos, decaídos,
Deixae-nos, Homens! esquecidos,
Com nossa dôr, nossa saudade!...»

Ainda attonito, o Velho, lentamente,
Deixando as ruinas, vae descendo a fraga.
Já Vesper brilha n'algidez do poente;
E a leve gaze d'uma bruma albente
Do mar se eleva, vaporosa e vaga...

Em cima, agora, sobre o Azul dorido,
Mudo, o Castello, a dormitar, negreja.
E, aos pés do Velho, adusto e resequido,
Em plaino esteril, pelo sol batido,
Braviamente um matagal verdeja...

E ali, espectral, intonso, descarnado,
Decrepito rocim erra, pastando.
Seu triste olhar, nostalgico, velado,
Na vastidão do enorme descampado
Perde-se ao longe, como que sonhando...

A espaços ergue sua cabeça fina,
Como se um toque marcial ouvira.
Fremente, erriça a emaranhada crina.
E, a orelha fita e tremula a narina,
O ar da tarde longamente aspira.

E vendo perpassar, mudo, o Romeiro,
Sobre o seu vulto o inquieto olhar fixou.
E, como se um instincto de guerreiro
Lhe revelasse o antigo Cavalleiro,
O Ginete — prodigio! — assim fallou:

O CAVALLO

« O' campinas vastas, areaes ardentes!
Correrias loucas e desordenadas,
Entre o pó revolto, sob azues candentes!

O' refregas rudes, confusão sonora,
Quando, em furiosas, ebrias galopadas,
Nos ilhaes sentia remorder-me a espora!

Ai! passados dias de sangrentas lidas!
— Para reviver-vos, epochas guerreiras,
Quem me deita a sella, quem me põe as bridas?!

Porque não me ajustam meu jaez bardado,
Meu recurvo freio, minhas estribeiras,
Meu teliz de lhama, meu frontal doirado?

Cavalleiro, armado d'armas scintillantes,
Morrião com plumas, jazerina d'aço,
Porque me não monta, qual montava d'antes?

Porque já não vejo, na planura ardente,
Curvas cimitarras, a brilhar no espaço,
E o estandarte verde tremulando á frente?

Sobre a terra, lenta de sanguineas lamas,
Impetuoso e louco, de suor banhado,
Minha crina em ondas, meu olhar em chammas,

Como eu galopava, pelos soes estivos,
Entre o fogo e o fumo d'um aduar queimado,
Esmagando os mortos, derrubando os vivos!

E, depois da lucta, resfolgante e poento,
Remordendo o freio, com altivo aspecto,
Como entrava os muros, relinchando ao vento!

Como as velhas pedras das sonoras ruas
Resoar fazia, piaffando inquieto,
Entre guiões e lanças, entre espadas núas!

Onde estaes agora, nobres Cavalleiros
Sem temor nem mancha, que me cavalgastes?
Onde estaes — Alcaides, Adaís, Fronteiros?...

Porque o companheiro dos gloriosos dias
A's charnecas ermas, triste e só, lançastes,
Sob calmas fulvas ou nevadas frias?

Ah! que venha a morte! venha prestamente!
Venha a morte ingloria n'estes descampados,
Já que, emfim, não pude, na peleja ardente,

Sacudindo as crinas, a nitrir e a arfar,
Empinado, heroico, todo ensanguentado,
O' meus cavalleiros, junto a vós tombar! »

E' noite agora. O pobre Penitente
Caminha ao longo da arenosa praia.
Seus olhos erguem-se ao Azul fulgente,
Emquanto a alma, gelida e tremente,
De saudade e de dôr quasi desmaia.

Já a lua esparge, pelo vasto mar,
O rócio dos seus raios lacrimosos.
E, n'uma estria fulgida, o luar
Faz, sobre as aguas mansas, pulular
Myriades de insectos luminosos...

E eis que á vista do Velho, ainda assombrada,
Outra visão se ostenta, repentina.
—Rota, sem mastros, podre, abandonada,
Na areia fulva immovel e varada,
Surge uma grande Náu d'entre a neblina.

Como o esqueleto d'um cetaceo morto,
Seu cavername desnudado arqueia.
Foi-lhe essa praia o derradeiro porto...
E, estranho monstro n'algum sonho absorto,
Dorme em seu leito de macia areia.

Já o Peregrino se approxima d'ella
E, silencioso, longamente a olhou.
Seu nobre peito, commovido, anhela...
E, sob a lua, que no Espaço vela,
A heroica e velha Náu tambem fallou.

A NÁU

« Em gloriosa manhã — soberba, empavezada,
Sobre as velas impressa a cruz floreteada,
Entre rolos de fumo e o som d'artilheria,
Pannos soltos á brisa e bandeiras a arfar,
— Em gloriosa manhã, fiz-me de vela ao mar,
Sulcando a vaga fria...

Na vasta solidão das aguas torturadas,
Por fulgurantes soes, por noites estrelladas,
Vendo brilhar no Azul constellações ignotas,
Como esbelta Sereia a brincar entre as vagas,
Nadei, nadei, nadei, até longinquas plagas,
Até regiões remotas.

Ilhas verdes, surgindo entre roseos nevoeiros,
Promontorios fataes e cachopos traiçoeiros,
Aureas dunas, franjando erma costa selvagem,
Rios largos, correndo á sombra de palmares,
Tudo ante mim se ergueu, como um sonho, dos mares,
Na minha longa viagem!

Ai! o calmo surgir na foz dos amplos rios,
Entre floras lethaes e attonitos gentios,
Vendo esplender na luz architecturas raras...
As noites tropicaes, o morno luar nas aguas,
E os astros a fulgir como chispas de frágoas
Ou luminosas searas!

Ai! os ventos em furia, os brancos escarceus,
As nuvens a correr, como monstros, nos céus,
Antennas a estalar, velas esfarrapadas!...
Ai! o heroico fragor das epicas batalhas,
Com bombardas em fogo, assim como fornalhas
Crepitando abrasadas!...

Foi-se-me a vida, assim, n'uma infinda aventura,
De mar em mar, de praia em praia, austera e dura,
Entre luctas da Fé e altos feitos de Heroismo,
Desvendando o mysterio aos Oceanos profundos,
Agrilhoando Nações e descobrindo Mundos,
Por sobre o glauco Abysmo!

Sobre mim, calmo e audaz, entre as Aguas e o Espaço,
O Homem envolveu a Terra n'um abraço,
Abraço de Titan, tremendo e colossal!
E o meu branco pendão, no tope a tremular,
Como a Alma da Raça, a immensidão do mar
Percorreu triumphal!

No meu enorme bojo, eu trouxe do Industão,
Do Pegú, de Dekkan, de Bornéo, de Ceylão
—Tal como um fabuloso, encantado thesoiro! —
Esmeraldas, rubis, diamantes, pedrarias,
Essencias aromaes, raras especiarias,
Marfim, sandalo e oiro...

Mas, ai! tudo fugiu, como etherea miragem!
Dois seculos durou essa heroica viagem,
Entre glorias, baldões, miserias e destroços...
E, ao cabo d'ella, emfim, rota e desmastreada,
Aqui vim abrigar, em ermo areal varada,
Meus carcomidos ossos.

O vento já não enche as minhas largas velas;
Já não affronto, ousada, as vagas e as procellas,
Nem se ouvem, da amurada, as peças retumbar...
Mas, n'uma penumbrosa e funda nostalgia,
Aqui me extingo ao sol, fitando, noite e dia,
A vastidão do mar! »

Da antiga Náu a voz agonisante
Na noite calma se perdeu, saudosa...
Encara-a o Velho, triste e soluçante,
E uma lagrima, tremula e brilhante,
Lhe rola pela barba magestosa.

E, então, torneando a Náu, anciosamente,
No castello da ré (visão fatal!)
Ao fulgor do luar phosphorescente,
O Peregrino, pallido e tremente,
Leu em sumidas lettras: — *Portugal!*...

VI

A ORGIA

Noite. Estrellam a sombra as luzes do Mosteiro.
Errante, passa no adro o vulto do Romeiro.

O PEREGRINO, *na sombra*

« Olha em festa, de noite, a casa do Senhor,
E as monjas a entoar os canticos divinos!
Que transportes d'amor,
Que paixão, que fervor,
Por ti, doce Jesus, n'esses sagrados hymnos!
Estranho, inebriante aroma se respira,
Da columna de incenso, erguida para Deus...
Haurindo-o, a nossa alma, em extase, delira,
E, ascendendo na sua interminavel spira,
Dir-se-á subir aos céus!

Como aves a cantar e a esvoaçar, em bando,
Evolam-se do côro as vozes harmoniosas.
Ah! deixa-me escutar as monjas, entoando
As preces fervorosas! »

VOZES DAS MONJAS, *no Mosteiro*

« O' doce Amado, ó Esposo! Eis-nos aqui, Senhor,
Prostradas a teus pés, a desmaiar d'amor...

Recebe a nossa off'renda! — A ti, vivo e fremente,
O nosso coração, batendo anciosamente!

A ti o nosso peito, onde, sacrario mystico,
Guardamos teu amor, como o pão eucharistico!

A ti a nossa alma, em chammas consumida,
A ti o nosso sangue, a ti a nossa vida!

Oh! vem, Amo adorado, enlevo deleitoso,
Aroma embriagador, Fonte d'eterno gôso...

Oh! vem, doce Manjar, taça de raro Vinho,
Carne adoravel, mãos de caricioso arminho!

Ah! deixa-te possuir, deixa-te absorver!
Deixa-nos commungar o teu divino Ser!

Deixa-nos exgotar, haurir teu sangue em beijos,
Nossas Delicias, nosso Amor, nossos Desejos!...

Entra em nós, vive em nós, idolatrado Amante!
Arde dentro de nós, como uma flamma ondeante!

Queima estes corações! Abrasa-nos, Senhor!
Consome-nos no teu insaciado ardor!...»

Enlevado no canto, o tremulo Romeiro,
Firmando-se ao bordão, penetra no Mosteiro.
Mas, momentos depois, co'as mãos cobrindo o rosto,
N'uma viva expressão de horror e de desgosto,

Sáe de lá — e na sombra immerge lentamente...
E, de novo, a sua voz vibrou, dura e fremente.

O PEREGRINO

« Horror! horror! Visão sacrilega e monstruosa!
Sonho infernal! Sabbat medonho! Hedionda orgia!
Como é, Senhor, como é que tua mão poderosa
Não desce, temerosa,
Sobre este antro claustral de vicio e hypocrisia?!
Como deixas, Jesus, que, ao pé do teu calvario,
Se tripudie assim, em soltas bacchanaes?
Que a Luxuria bestial pullúa o teu santuario,
E que a Impiedade entôe o sacrosanto hymnario
Em canticos sensuaes?!
Como toleras tu que, impune, o Sacrilegio
Commetta, sem pudor, taes abominações?
E que um Rei, maculando o seu poder egregio,
Transforme a tua casa em um alcoice regio,
Com mil profanações?!
O' funebre Jesus,
Inerte sobre a cruz,
E's um deus d'olhar morto e frios labios mudos!
Não são, pois, para ti os oiros e os velludos,

Não são, pois, para ti a myrrha, o incenso e a luz!
Não! Não são para ti os canticos divinos,
Tão vibrantes d'amor!
Um outro Amante acólhe o preito dos teus hymnos,
E beijam outro Esposo os labios purpurinos
Das Filhas do Senhor!
Horror! horror! O teu altar volvido, ó Deus!
N'um thalamo pagão d'amor peccaminoso!
E as tuas monjas, despindo os habitos e os véus,
A darem, sem rubor, nem pejo, os labios seus
Aos labios sensuaes d'um Monstro, ebrio de gôso!...
Ah! Senhor! ah! Senhor! apaga em meu olhar
A visão infernal, que, em vão, de mim afasto;
Apaga essa visão, que, infrene, a tumultuar,
De dôr faz desmaiar
Meu velho coração, mysticamente casto!...
E para que jámais tão monstruoso horror
Aos olhos meus assome,
— Pela tua paixão, por teu divino amor,
Tira-me a luz do olhar, ah! tira-m'a, Senhor,
Que eu bemdirei teu nome! »

VII

NO TEMPLO

Por um ermo caminho, em serra agreste,
Resando baixo, segue o Peregrino...
— Já o primeiro raio matutino
De rosa e d'oiro todo o Oriente veste.

Lombadas fulvas de desertos montes,
Com manchas d'esqueleticos pinhaes,
Ravinas fundas, pardos olivaes,
Ondulam pelos vastos horisontes.

Do sólo bravo, torrido e maninho,
Como feixes hostis d'armas guerreiras,
Rompem as folhas verdes das piteiras,
De cada lado, á beira do caminho.

E, entre essa rude e barbara paizagem,
Abstracto, o Velho marcha vacillante,
Quando o desperta, tremula e vibrante,
D'um sino a voz, trazida pela aragem...

Attento, alonga a fatigada vista,
E, logo, d'um mosteiro a espessa molle,
Com as grimpas doiradas pelo sol,
Sombrio e colossal, de longe avista.

Como um monstro de pedra, somnolento,
Pesadamente sob o Azul dormita.
Só dos sinos a voz vibra e palpita
No seu vulto massiço e pardacento...

Quaes monstruosos elmos de gigantes,
Vastas cupulas fulgem sob a luz.
E o sol, nascido apenas, já reluz
Nas suas mil janellas chammejantes.

E os sinos tocam, tocam a matinas,
Lançam as notas d'oiro, a repicar,
— Lyrios de som, que se abrem pelo ar,
Em florações ephemeras, divinas...

Mas o Velho, escutando a vibração
D'aquella santa voz, que a orar convida,
No intimo d'alma, extatica e dorida,
Sente da prece a mystica atracção.

E em torneante, sinuosa linha,
As veredas descendo, lentamente,
Como o espectro d'um monge, o Penitente
Para o grande mosteiro se encaminha.

Já a ampla escadaria vae subindo;
Já o portico transpondo, eil-o se inclina;
E no extase procura a uncção divina,
Que sobre as almas desce, refulgindo...

Mas debalde se prostra ao pé do altar!
Debalde a fronte colla ao chão lageado!
Debalde á imagem do Crucificado
Levanta, ancioso e afflicto, o incerto olhar!

Lagrimas lentas — perolas em fio —
Rolam-lhe pelas barbas hyemaes...
Porém da Graça os raios celestiaes
Não lhe descem ao peito, ermo e sombrio.

Calado, relanceia a vista em roda,
A' ampla abobada, á cupula rendada,
Aos marmores, que esmalta a luz rosada,
Aos lampadarios d'oiro — á egreja toda.

E, como quem acorda, de repente,
N'um estranho logar desconhecido,
Levantando-se, o Velho, confrangido,
Pára em meio da nave refulgente.

E, erguendo para o Christo, rasos d'agua,
Os fatigados olhos piedosos,
Entre fundos suspiros dolorosos
Fallou assim — cheio d'assombro e mágua:

O PEREGRINO

« O' prece! orvalho mystico das almas!
Aragem que as embalas, doce e mansa,
N'um lento palpitar d'aereas palmas!

Porque é, porque é que a minha não alcança
A beatifica paz, que de ti vem,
Como um effluvio de perdão e esp'rança?!

Senhor! teu corpo exsangue, eu vejo-o, além,
Da cruz pendente, qual fanado lyrio
Que a fragil haste, a custo, mal sustem...

Em teu sanctuario estou — e é teu martyrio
O que os meus olhos vêem sobre o altar
— Se a razão me não turba algum delirio!

Porque, pois, Senhor meu, não posso orar?
Porque em meus labios não se fixa a prece?
Porque a ti não se evola o meu pensar?!

D'espanto, o coração já me estremece!
E, afflicto, busco em torno o influxo occulto
Que a alma me adormenta e me emmudece!

Sim! em um templo sou — e é teu o vulto
Que eu vejo, lyrio exsangue, envolto em luz,
Sobre as aras exposto ao nosso culto!

Mas parece que só a tua Cruz
De ti me falla, tragica e bemdita,
N'este templo que, fulgido, reluz.

Dir-se-á que em sua nave não habita
Aquella alma ascetica d'outr'ora,
Que nas absides gothicas palpita...

— O' velhas Cathedraes que, á luz da aurora,
Surgis, albentes e filigranadas,
Como um sonho de Fé, que se evapora!

Cathedraes — brancas monjas emaciadas,
Em quem a consumpção do amor divino
Transluz nas longas fórmas afiladas!

Em vós a prece, qual incenso fino,
Remonta, em espiraes, dos corações
Para o céu, transparente e crystalino...

Enrosca-se ás columnas e artesões,
Aos coruchéus e ás flechas fugitivas,
A's rendadas nervuras dos florões.

Quaes mãos postas, em prece, altas ogivas
Erguem no ar as curvas immortaes,
Em fervorosas orações votivas.

Na penumbra flammejam os vitraes,
E a rosácea, n'um iris resplendente,
Abre as mysticas folhas triumphaes...

Nos frisos, sarabanda incoherente,
Ronda brutal d'imagens torsionadas,
Enlaçam-se os grotescos sensualmente;

E do cimo das torres, debruçadas,
Escancaram-se as gárgulas monstruosas,
Como infernaes visões petrificadas...

Sob as vossas arcadas silenciosas,
Vinham dormir os Reis e os Cavalleiros
Nas buriladas campas sumptuosas.

Hirtos, nos seus arnezes de guerreiros,
Aos pés o leão e ao peito a cruz da espada,
Repousavam nos leitos derradeiros.

Tudo na vossa pedra rendilhada,
Na vossa architectura espiritual,
Fallava á alma, em extase enlevada!

Tudo em vós nos dizia o sonho ideal,
A aspiração febril do mysticismo
E o negro horror satanico do mal.

Todo o vosso divino symbolismo
Era como hieratica linguagem
De fé, de crença, de piedade e heroismo!

— Ai! era assim o templo, onde, em romagem
Piedosa, fui (recordação atroz!)
Ao partir para a tragica viagem;

Onde, alta noite, na erma nave, a sós,
Velei as armas e, febricitante,
Ouvi fallar, das campas, os Avós!

Mas tu, vasta Basilica radiante,
E's muda para mim... muda e vasia...
Nada me diz teu fausto deslumbrante!

Nada me diz a magestade fria
Da cupula, por onde, alegremente,
Hostil ao sonho, desce a luz do dia...

Nada me diz tua abobada esplendente,
Teus duros monolithos colossaes,
Teu rutilante marmore luzente...

Sim! para as velhas almas medievaes,
E' muda, muda, essa pagã belleza,
Essas hybridas fórmas glaciaes!...

E' profana essa pompa, essa grandeza,
Esse incenso que, em ondas capitosas,
Derrama effluvios de sensual molleza...

Tuas fundas capellas silenciosas,
Onde as santas alvejam, resplendentes,
Assemelham-se a alcovas mysteriosas...

N'esse matiz de pedras refulgentes,
De preciosos porphyros lavrados,
Roseos ou fulvos, negros, lactescentes;

Nos grandes lampadarios cinzelados,
Nas sagradas alfaias d'oiro fino,
Nos sitiaes de rutilos brocados,

Meu ascetico olhar de Peregrino
Só divisa uma pompa corrompida,
Que faz de ti como um harem divino!

Não és a Monja branca, dolorida:
E's a Amante devota, a Cortezã,
De variegados marmores vestida!

De ti me afasto, pois, Nave pagã,
O labio mudo e o espirito vasio
D'enlevo mystico e d'uncção christã.

De ti me afasto, tragico e sombrio,
Como o que, vindo cheio de seccura,
Encontra a fonte secca ou turvo o rio.

Saindo da Basilica:

— Senhor! Senhor! á dôr, que me tortura
E que me opprime o coração afflicto,
Manda um raio de Graça, etherea e pura,

Lá do ceruleo templo do Infinito! »

VIII

O TERRAMOTO

Como a estatua da Dôr, do alto da collina,
Immovel, o Romeiro olha a Cidade em ruina.

De longe, pelos que fugiam, desvairados,
N'um louco debandar d'animaes aterrados,
Soubera o Velho do tremendo cataclysmo.
E, em logar de fugir, cheio d'um calmo heroismo
E d'uma compungida e vivida piedade,
N'uma atracção de dôr, marchou para a Cidade.
E, assim, de pé, semi-curvado sobre o baculo,
Mudo, contempla agora o tragico espectaculo.

Ruinas por toda a parte, entulhos fumegantes,
Grandes fendas a abrir no chão guellas hiantes,
Torres e coruchéus, columnas e fachadas,
Tombando, informes, em medonhas derrocadas,
Nuvens de cinza e pó ainda em bulcões pelo ar,
E entre os escombros, a gemer e a soluçar,

Tristes grupos de dôr, formigueiros de gente,
Passando e repassando hallucinadamente,
— Tal foi a pavorosa e tetrica visão,
Que do Romeiro fez sangrar o coração!

Ah! tudo feito em pó! Volvidos em pardieiros,
Templos, paços reaes, alcaçovas, mosteiros!
Tudo a desmoronar-se, e a esboroar-se, e a ruir
Sob o ironico Sol, no Espaço a refulgir!
Tudo em montões de pedra amorpha e calcinada!
A sua velha Cidade abatida e arrasada!
Seu palacio natal sumindo-se nas aguas!
Casarias a arder quaes cyclopicas frágoas!
Grimpas no chão, torreões no pó, muralhas rotas!
Naufragadas na praia as gloriosas frotas!
Tudo, tudo a jazer n'um cháos de destroços,
Como um sombrio e vasto ossuario de colossos!

O' dôr! ó dôr! O' dôr sem nome e sem egual!
Dir-se-ia o fim de tudo, a punição final,
O braço do Senhor, tremendo e justiceiro,
Caíndo, com furor, por sobre um povo inteiro!
Perdera-se o glorioso e intemerato heroismo.
A beata corrupção supprira o mysticismo.
Esquecidos de todo os ancestraes exemplos,

O throno era um tablado e eram bordeis os templos!
Campeava, infrene e audaz, sem mascara na face,
O Sacrilegio, a par da Cupidez rapace!
Ah! mas soára, emfim, a hora da expiação,
Hora negra de horror, d'angustia e provação,
Hora implacavel de flagicios pavorosos!
Para a lavar dos seus peccados monstruosos,
Dos velhos crimes que conspurcam sua historia,
O Senhor subvertera a Cidade marmorea,
E sobre ella arrojou, colerico e sombrio,
N'uma aspersão lustral, as aguas do seu rio!

O' Cidade maldita! O' gente condemnada!
Eil-a, a vossa grandeza, em ruinas sepultada!
Os teus fastos de pedra, os velhos monumentos,
Jázem, mudos, no pó, dispersos em fragmentos...
Todo o nobre Passado, em ti, morreu, findou,
Qual tronco secular, que um raio fulminou.
Mas sobre a tua dôr, sobre a tua agonia,
Do alto da collina, ao expirar do dia,
Pelos olhos do Ancião, que no seu peito a abriga,
Chóra, encoberta e obscura, a tua alma antiga!

IX

A ULTIMA ARMADA

O PEREGRINO

« Lá vae, lá vae mar fóra, uma soberba Armada,
Rumando para o sul.
Como avança em triumpho, alvejante e doirada,
Na immensidão azul!

Doce aragem lhe enfuna os pannos, como as azas
De cysnes a voar...
E, sob o sol, dir-se-á que abrem sulcos de brazas
As quilhas pelo mar.

A vaga espuma em torno ás aureas prôas finas;
E no tope real,
Entre a gloria da luz, o estandarte das Quinas
Palpita triumphal.

Mas onde, onde é que irá, sobre o mar, essa Armada,
Rumando para o sul?
Onde irá em triumpho, alvejante e doirada,
Na vastidão azul?

Eil-a que o Tejo deixa, o Tejo, o antigo ninho
Dos heroicos galeões,
Que rasgaram, ao mundo attonito, um caminho
Do mar nas solidões!

Ah! decerto que leva em mira altas emprezas,
E que o seu pendão
Ha de, além, entre mil façanhas e proezas,
Fulgir na Immensidão!

Decerto, n'ella, algum Heroe, entre miragens
De gloria, sonha em ir
Imperios conquistar, ou ignotas paragens
Ao longe descobrir.

Deus vos conduza, pois, ó náus! Deus vos proteja
E salve das procellas!
Deus mande que uma doce aragem bemfazeja
Vos encha sempre as velas!

Deus te leve e te guie, ó poderosa Armada,
Aos mais remotos céus!
Deus te faça voltar ovante e carregada
De presas e tropheus!

Dirigindo-se a um marinheiro:

— Dize-me tu, irmão, ó velho marinheiro,
Onde é que, tão formosa,
A nobre Armada irá, sob um vento fagueiro,
Velejando orgulhosa?

O MARINHEIRO

Bom Romeiro, as legiões d'um Principe inimigo
Vêm a Patria assolar!
E, n'essa frota, o Rei vae procurar abrigo
A's terras d'Além-mar...

O PEREGRINO

Meu Deus! meu Deus! Maldita, então, seja essa Armada!
Maldito seja o Rei,
Que assim foge e abandona a Patria ameaçada
E a sua inerme grey!

Malditos, sim! E que seus mastros e seus pannos
Os rompam os tufões!
Que a sepultem sem dó, no seio dos oceanos,
Os loucos vagalhões!

Oh! o covarde Rei! a fugitiva frota!
Meu Deus! meu Deus! que horror!
E esse pendão lá vae na ignominiosa róta,
Fulgindo sem pudor!

E as náus lá vão no mar, bando d'aves de morte...
Ellas lá vão! lá vão!
A Torpeza é a sua estrella, a Deshonra o seu norte
E o Medo o capitão!...

E o Rei lá vae, o Rei traidor, o Rei infame,
Que ao ferro as costas volta!
Maldição! Maldição! sobre elle a Patria clame,
Indignada e revolta!

Maldição! Maldição! bradem-lhe, em toda a viagem,
Ventos e ondas do mar!
Inhospita lhe seja a longinqua paragem
Onde fôr abordar.

O' Deus! de toda a minha insolita tortura,
Da expiação cruel,
Ah! esta foi, decerto, a provação mais dura,
— Foi a esponja do fel!

Se, pois a minha falta, ao cabo da agonia,
Merece, emfim, perdão,
Dae-me, Senhor, que eu vingue a infame covardia,
A misera traição!

Dae-me, sim! uma espada e o meu vigor antigo,
Para que, triumphal,
Ao pisar nosso chão, calque o pé do Inimigo
Um cadaver real! »

X

O CAPTIVEIRO

Rebrame o mar na noite escura...
(Que voz que tem, á noite, o mar!...)
De encontro á rocha, arida e dura,
Na solidão da noite escura,
Morrem as vagas a cantar,
— Morrem as vagas a chorar...

Na vasta praia, a uma e uma,
(Que mysterioso é o mar, á noite!...)
No seu lençol alvo de espuma,
Como phantasmas entre a bruma,
Gemem dos ventos sob o açoite,
— Cáem dos ventos sob o açoite...

Tragica sombra imperscrutavel...
(Que triste é o céu, sem uma estrella!...)
No seu mysterio inviolavel,
O negro Espaço formidavel
D'um véu de trevas tudo véla,
— Astros e vagas, tudo véla...

Mal se distinguem terra e mar.
(Sem uma luz que triste é o céu...)
E as vagas gemem sem cessar...
E as vagas morrem, a cantar,
Da treva opaca sob o véu,
— Sob o sinistro, horrendo véu..

Mas na praia escura, como espectro errante,
Move-se uma vaga fórma vacillante...

Vestes d'estamenha, baculo na mão,
Sua barba alveja pela escuridão.

Dir-se-á um penitente, longas cãs ao vento,
A expiar seu crime, n'um cruel tormento.

Entre as negras rochas, a vagabundear,
Eil-o pára ás vezes e contempla o mar...

Pelo mar estende longamente a vista,
Pelo mar em trevas — onde nada avista,

E onde só as vagas, entre esse mysterio,
Resam seu eterno cantochão funereo...

E elle, attento, escuta, como que n'um sonho,
O plangente côro, lugubre e tristonho,

Cantos tão sombrios, tão saudosos cantos,
Tão profundas máguas, tão amargos prantos,

Ai! que até parece que, d'além das vagas,
Vozes d'infelizes fallam d'outras plagas...

Sim! humanas vozes, vozes doloridas,
Brados e suspiros d'almas opprimidas,

D'almas exiladas, d'almas de captivos,
Em prisões longinquas enterrados vivos...

Mudo, sobre a rocha, ventos a arrostar,
Não desprega a vista do sombrio mar.

E, atravez das ondas, entre mil rugidos,
Estas tristes vozes chegam-lhe aos ouvidos:

VOZES, *na treva:*

« O' triste Penitente, ó velho Heroe vencido!
Mysterioso Encoberto, errante e foragido,
Nosso Rei e Senhor, e nosso Capitão!

Vae teu fado acabar, findar tua agonia,
Vae raiar para ti, depois da noite, o dia,
Vae ter, emfim, descanço e paz, teu coração!

Em longinquas regiões, perdida entre nevoeiros,
Uma Ilha encantada, whalala de guerreiros,
Paraiso de Gloria, espera-te a fulgir...

Heroe entre os Heroes, lá, na mansão suprema,
D'esse imperio espectral cingirás o diadema
E serás a Visão dos Sonhos do Porvir!

Ah! Senhor! Mas lá mesmo, entre essa eterna gloria,
Guarda sempre de nós duradoira memoria,
De nós que fomos, na desgraça, teus irmãos!

De nós os bravos, que a teu lado combatemos
E que, em negras prisões, ha seculos, gememos,
Erguendo para ti as descarnadas mãos!

Ouve-nos! Somos os captivos que deixaste
Ao Moiro, quando o teu balsão, partida a haste,
Humilhado, por fim, veio no pó tombar!

Somos os que, fieis á Patria e ao Rei vencido,
Já sem armas e o corpo exanime e ferido,
Nos ficámos no campo, immoveis, a chorar...

Somos os que, depois da tragica derrota,
Arrastando os grilhões n'uma masmorra ignota,
Esperamos por ti, cheios de fé e amor.

Somos as almas que, na tua longa ausencia,
Do carcere sem luz da triste Decadencia,
Te invocamos, ó Rei, como um libertador!

Híspidos, espectraes, mirrados, resequidos,
Aqui, n'esta prisão, ficámos esquecidos,
Vivendo por algum poder de encantação.

N'uma angustia febril de máguas e saudades,
Nossos braços em vão tentam forçar-lhe as grades
E as algemas romper d'esta degradação!

E ha dois seculos já que, assim, por ti clamamos,
Ha dois seculos já que, assim, por ti esperamos,
N'uma indizivel ancia olhando, além, o mar...

E, assim, ó Rei, por mais que o tempo avance e corra,
Do fundo d'esta nossa encantada masmorra,
Ficaremos por ti a chamar e a clamar!

Ficaremos por ti bradando eternamente,
Por ti, sonho de Gloria, Apparição fulgente,
Symbolica visão do Cyclo triumphal!

Por ti, sombra do Heroismo Antigo, Alma da Raça,
Por ti, aspiração d'um Povo na desgraça,
Por ti, espectro do velho e morto Portugal!

Oh! vem, oh! vem, Senhor! liberta os teus soldados!
Tem dó, tem dó de nós, tristes encarcerados!
Olha a nossa miseria e a nossa antiga dôr!

Oh! vem, que é já bem longo o nosso captiveiro!
Oh! vem fazer raiar seu dia derradeiro!
Tem piedade de nós! Liberta-nos, Senhor!

Pois só quando a tua espada, heroica e redemptora,
Irrompendo da treva entre um clarão d'aurora,
No horisonte da Patria assome a refulgir,

Só então é que se ha de quebrar este encanto,
Só então seccará, em nosso rosto, o pranto,
E o sol da Gloria antiga ha de outra vez luzir!

Oh! vem, oh! vem, Senhor! Liberta os teus soldados!
Não te esqueças de nós, tristes encarcerados,
D'entre os ferros volvendo o nosso olhar além...

Escuta, sobre o mar, nossos ais fugitivos...
Guarda sempre no ouvido o pranto dos captivos!
Não te esqueças de nós! Vem libertar-nos, vem!... »

Fulminado, o Velho sobre a areia cáe,
E do peito anciado se lhe evola um ai!

Desmaiado, inerte, fica adormecido,
E o Oceano o embala com o seu gemido...

Já a manhã clareia no violaceo Oriente
E, pelo ar, as nuvens fogem levemente.

Azulado e calmo, como um disco d'aço,
Todo o Mar refulge sob o anil do Espaço.

E, lá do horisonte nos confins extremos,
Eis que um batel surge, saccudindo os remos.

E' uma Galé estranha, de marfim e d'oiro,
Que o sol nado envolve, sorridente e loiro...

Velas traz de seda, remos traz de prata.
Sua prôa esbelta n'agua se retrata.

Deslizando calma, para a praia avança
E d'um sulco argenteo corta a vaga mansa.

Mas, á popa, um vulto de mulher, gigante,
Todo illuminado na manhã radiante,

Azas como um Anjo, klamide de espuma,
Vagamente surge, qual visão de bruma...

E, em sua mão direita, brilha um gladio ardente,
E, na esquerda, um ramo de lourel virente!

III

A ILHA ENCOBERTA

A ILHA ENCOBERTA

I

Remos certos, golpeando o mar pausadamente,
A soberba Galé, toda branca e doirada,
Como um cysne a boiar sobre um lago dormente,
Na glauca solidão vae triumphantemente,
Mysteriosa, seguindo uma róta ignorada...

Mar tranquillo, a dormir em morna calmaria,
Mar, onde, sem perigo, o nauta se descuida,
— Atravez d'elle e sob o resplandor do dia,
A aurea prôa rasga a mansa vaga fria,
Qual cortante charrúa em uma arada fluida.

E' sem mancha o horisonte, infindo, illimitado...
Nem uma vela só alveja em todo o Oceano.
E ha muito, muito já, que esse baixel ousado,
Na incerta vastidão d'um mar inominado,
Molha os remos na vaga e solta á brisa o panno.

Dir-se-á que para além não ha mais terra ou mundo,
Que tudo ali findou n'essas eternas Aguas,
Envoltas n'um mysterio incognito e profundo...
E pela solidão, entre o silencio fundo,
Só se escutam do Abysmo as soluçantes maguas...

E a Galé, sem parar, toda branca e doirada,
Sob o esplendor da luz, vae no seu rumo ignoto...
— Onde irá, onde irá, nas ondas balouçada?
Onde irá sobre o mar, como náu encantada,
Em demanda d'algum aureo paiz remoto?...

Mas já de longe vem o alcyone ligeiro,
Soltando, no alto Azul, o seu piar gemente...
Já, na fimbria do mar, erra um vago nevoeiro...
E, do cesto da gavea, attento, um marinheiro
« Terra! » exclama, estendendo o braço ao Occidente.

Tenue faixa de fumo, em vaporoso traço,
Levemente se esfuma, ao largo, a negrejar...
Co'as mil azas de fogo, adeja o sol no Espaço.
E, junto ao chapiteu, o Heroe, coberto d'aço,
Os braços sobre o peito, olha sereno o mar.

E, então, além... além... sobre as aguas hyalinas,
— Oásis a verdejar no deserto dos mares —
Uma Ilha, encoberta entre as aureas neblinas,
Ergue calma, na luz, suas leves collinas,
Seus bosques aromaes, seus languidos palmares...

Parece feita só de raras pedrarias...
— Phantastica visão, vago paiz de Sonho,
Suas montanhas são como amethystas frias,
D'esmeralda os vergeis, de lazuli as bahias
E de saphyra o céu, translucido e risonho.

Roseos flamingos e garças d'alva plumagem
Pairam altos, no Azul, n'um vôo circular.
Aromas tropicaes vêm nas azas da aragem...
E sobre as aguas, como invertida miragem,
Outra ilha tremente afunda-se no mar...

E a soberba Galé, toda branca e doirada,
Voga lesta, ao ranger isochrono dos remos.
E a equipagem, dispersa ao longo da amurada,
Ao revel-a, saúda essa terra encantada,
Que o vasto Oceano encobre em seus confins extremos.

Sobre o peito do Heroe, a brisa matinal
Faz-lhe ondular a austera, ampla barba de prata.
Lança um raro fulgor seu nobre olhar real;
E, ao ver a fabulosa apparição ideal,
Um profundo suspiro o seio lhe dilata.

Vae terminar, por fim, a sua Penitencia!
A tragica Expiação acaba finalmente!
O Destino supremo, em sua omnipotencia,
N'essa elysea mansão, uma nova existencia,
Excelsa e triumphal, prepara ao Penitente.

Além, encontrará um balsamo calmante
A' magua secular, que o peito lhe corróe,
Um oblivio divino á sua dôr cruciante.
E, n'uma apotheose olympica e brilhante,
Um throno constellado aguarda, ao longe, o Heroe!

E eil-a, por fim, já perto, a mysteriosa Estancia,
A Gloria promettida aos seus crueis martyrios;
Eil-a, a Ilha Encoberta, a emergir a distancia,
Entre o fulgor da luz e a calida fragrancia
Das magnolias em flôr, das rosas e dos lyrios!

Eil-a, com seus jardins, seus porticos doirados,
Seus muros d'alabastro, o seu alcaçar feerico,
Minaretes no Azul, com balcões rendilhados,
Estandartes arfando, ás auras desfraldados,
— Como aerea visão d'algum paiz chimerico!

E' lá que, em espectral legião, quasi incorporea,
Os antigos Heroes vivem divinamente.
Solemnes, triumphaes, n'uma impassivel gloria,
O verde loiro cinge a sua fronte marmorea
E um halo espiritual cerca-os, resplandecente.

E' lá que, após os seus trabalhos prodigiosos,
Como n'um sonho, vão elyseamente errar,
Por palacios ideaes, por bosques olorosos,
Ao purpureo arrebol dos poentes religiosos,
Ouvindo o hymnario austero e hieratico do Mar.

E' lá que, emfim, deposta a imperfeição mundana,
E rasgando da morte os mysteriosos véus,
De cada Heroe, que deixa a sua forma humana,
A Sombra vae morar, placida e soberana,
Como, n'um alto Olympo, um calmo semi-deus.

E a Galé triumphal, toda branca e doirada,
N'essa praia feliz eil-a quasi a tocar...
Nereida, alva e gentil, nas ondas embalada,
Eil-a vae, eil-a vae, eburnea e immaculada,
Semelhante á nympheia em um lago a boiar.

Já, de terra, faustosa e nobre multidão,
Entre as palmeiras e os sycomoros gigantes,
Olhos fitos, além, na branca Apparição,
Vê a prôa fender as aguas, em cachão,
E brilharem ao sol os remos gottejantes.

Rutilam sob a luz, brunidos, espelhados,
Peitos d'aço, morriões, adargas e rodelas.
Refulgem os setins, as plumas e os brocados;
Palpitam nos hastis os pavilhões bordados;
Vibram, finas, no ar, festivas charamellas...

Sim! E' Elle que além vem, na esplendente coiraça,
O derradeiro Heroe, o ultimo Cruzado,
O Vencido immortal, remido na Desgraça,
Flôr da Cavallaria, Alma antiga da Raça,
Eterno Amor do Povo, o Sempre-Desejado!

Sim! é Elle que além vem, divino e magestoso,
Aquelle em quem a Patria espera o seu Messias!
Sim! é Elle, o Encoberto, o Espectro mysterioso,
— A Esperança tenaz em um Porvir glorioso,
A Saudade immortal dos venturosos dias!

Por isso, Capitães, Barões, Conquistadores,
Com gilvazes na fronte e arnezes rutilantes,
Feros leões do mar, velhos navegadores,
Que domaram do Oceano os tragicos furores,
Sob as quilhas dos seus galeões triumphantes;

Genios, Vates, a quem da Patria a inspiração
Fez na Lyra immortal vibrar poemas divinos,
Todos quantos a Gloria amaram com paixão,
Formando uma sublime e olympica legião,
Aguardam o alto Heroe, entre sonoros hymnos.

O Sol fulge por sobre a mysteriosa Ilha,
Como um aureo pendão, que no Azul se desfralda.
Da sua cinza d'oiro, a luz tudo polvilha.
O crystal da bahia argenteamente brilha;
Das helicónias arfa o leque d'esmeralda...

E a soberba Galé, toda branca e doirada,
A essa praia feliz aborda finalmente...
Já o longo remo pende, inerte, da amurada.
Já na terra se crava a ancora prateada
E a fulva areia róça a prôa alvinitente...

II

N'uma pompa faustosa, a Alcaçova resplende.
Columnatas, vitraes, que a luz do sol accende,
Relevos e florões, frescos e doiraduras,
Purpuras, brocateis, velludos, colgaduras,
O porphyro, o alabastro, os onyx preciosos,
N'um magico esplendor, fulguram luminosos.
Estatuas colossaes, solemnes e marmoreas,
Cariátides de jade e aliferas Victorias
Alvejam nobremente, aereas e gentis.
Dos muros em redor, n'um barbaro matiz,
Como um desabrochar de monstruosas flores,
Enlaçam-se pendões de variegadas côres;
E arnezes e broqueis, com seus reflexos vivos,
Pendem, a rutilar, como trophéus votivos.
Incrustadas de prata, e nácar, e marfim,
E revestidas de brocado e de setim,
Altas e senhoreaes, erguem-se, a cada lado,
As cathedras de cedro e d'ebano lavrado.

E da cupula, qual diluvio d'oiro, a luz
Os seus raios despenha e faz correr, a flux,
N'uma excelsa e sublime apotheose feerica...

Rumorosa e brilhante, a multidão homerica
Enche confusamente essa grandiosa Estancia.
Da abobada, marmorea e vasta, a resonancia
Vibra ao seu vozear e ao seu altivo passo.
Tabardos e gibões, saios e peitos d'aço,
Elmos d'aurea cimeira e gorras emplumadas,
Mantos a roçagar, scintillações d'espadas,
Magestosos perfis e olhar's dominadores,
Tudo se cruza com magnificos fulgores,
Tudo se irisa ali maravilhosamente.
E, ao rythmo triumphal d'esse marchar cadente,
Sobre as lages do chão, polidas e sonoras,
Ouve-se o tilintar argenteo das esporas.

Ao fundo, n'um supremo, offuscante esplendor,
Como o solio d'um deus, fulgido e multicôr,
Sobre vastos degráus de marmore alvejante,
— Sagrado, triumphal, augusto, deslumbrante,
Um grande Throno, sob um aureo baldaquino,

Ergue se a rutilar, n'um fausto byzantino.
Toda orlada de arminho, a purpura sumptuosa
Em amplas dobras cáe, solemne e magestosa.
Quaes volutas de fumo a subir d'uma pyra,
Columnelos de jaspe, em serpentina espira,
Contorcem-se no ar, brancos e transparentes.
E ao meio, entre um fulgor de pedras resplendentes,
— Diamantes como soes, carbunculos de sangue,
Chrysolithos, rubis, a branca opala exsangue,
Saphyras côr do céu, corindons côr do mar,
Aljofres orientaes d'um brilho de luar —
A Cathedra imperial, com rutilancias d'oiro,
Deslumbra e fére a vista, assim como um thesoiro.
E, junto d'ella, a pé, alto, calmo, imponente,
No vasto seio esparsa a barba alvinitente,
A corôa imperial na fronte d'alabastro
E a coiraça tauxiada a brilhar como um astro,
O Heroe, com o seu vago olhar erguido aos céus,
Parece a gloriosa apparição d'um deus!
E então, ao vel-o assim, cheio de magestade,
N'essa hieratica e nobre impassibilidade,
Como um divino Espectro a surgir do Passado,
Pela dôr, pela fé, pelo heroismo aureolado,
As espadas erguendo á luz, a multidão
Com estrepito aclama a fulgida Visão.

Mas, d'entre a turba, emquanto esse rumor se acalma,
Um velho, d'expressão austeramente calma
E olhar dominador, cheio de intrepidez,
Sob o habito do monge entremostrando o arnez,
Avança para o Solio e, erguendo a mão mirrada,
Falla como uma alma em extase enlevada.

NUN'ALVARES

« Patria e Fé! meus ideaes! Astros da minha vida!
Constellação d'amor, por mim sempre seguida!
Patria e Fé, meus ideaes!
Dentro em meu coração, como em lampada ardente,
N'um clarão immortal, continua, eternamente,
Refulgis, palpitaes!

Na minha alma de Heroe, como em gleba sagrada
Germinou, em mysterio, a semente doirada,
D'esse roble gigante,
Do roble secular, que foi a nossa Historia,
E que o mundo cobriu, com seus ramos de gloria,
Do Occidente ao Levante!

Paracleto celeste, abrindo azas de luz,
O meu Espirito, onde a eterna Fé transluz,
Baixando sobre o Povo,
Insuflou-lhe no peito o amor da liberdade,
A consciencia da Patria e a homerica anciedade
Do seu destino novo!

Em mim o grande Cyclo heroico principia...
Em mim clareia, em mim desponta um novo dia,
Em mim fulge uma aurora!
Dos destinos da Patria ao meio da ampla estrada,
Como um marco milliario — olhae! — a minha espada
Fulgura vencedora!

Na santa paz claustral, que toda a magua acalma,
Enterrei minha gloria e refugiei minh'alma,
Absorta em prece ignota.
Mas, sob este burel, guardei, sem o despir,
Como um cilicio heroico, o arnez que viu fulgir
O sol d'Aljubarrota!

Vêde-o! Guardei-o aqui, bem junto ao coração,
Para que do meu peito a extrema pulsação
N'elle fosse bater,
Para que, quando morto, a Patria me invocasse,
A sua afflicta voz na campa me encontrasse
Já prompto a combater!

Em vós saudo, pois, o Rei, o derradeiro
Fructo da nossa Raça, o Heroe, o Cavalleiro
Sem macula ou temor.
Caistes — mas como cáe dos altos céus um astro,
Deixando atraz de si, pelo Infinito, um rastro
D'offuscante esplendor!...

Tal como o orbe solar n'um inflammado abysmo,
Comvosco tomba e expira o sol do antigo Heroismo,
N'uma hecatombe ardente.
D'esse dia da nossa Epopeia gloriosa,
Heroes, fomos os dois — eu, a manhã radiosa,
Vós, o tragico poente! »

Calou-se o velho. Mas outro vulto sombrio,
De fronte pensativa e olhar cortante e frio,
Olhar affeito a ver, das rochas escarpadas,
A immensidão do Oceano e as noites estrelladas,
N'um passo de quem segue, absorto, uma visão,
A ampla tunica negra arrastando no chão,
Enygmatico como a estatua do Destino,
— Ante o Solio fallou assim, calmo e divino:

O INFANTE D. HENRIQUE

« Voz do Mar! voz do Vento! ó vozes mysteriosas!
Nuvens d'oiro no Azul levadas pela aragem!
Astros, que mergulhaes nas aguas tenebrosas!
Azas, que vos sumis na cérula voragem!

Quanta vez, quanta vez, da alcandorada fraga,
Onde o meu genio ergueu seu ninho de condor,
Escutei vossa falla harmoniosa e vaga,
Segui o vosso rumo ignóto e tentador!...

Quanta vez, triste e só, pallida sombra errante,
A fronte ardendo em febre e a vista hallucinada,
Eu contemplei, ó Mar, o teu mysterio ondeante,
Como fascinadora Sphynge indecifrada!

Illuminado e crente, assim como um propheta,
Fui quem te revelou, ó Patria! os fados teus...
Tua heroica Odysseia, em minha mente inquieta,
Primeiro se gerou, como a visão d'um deus...

Ilhas de encanto, com phantasticas Cidades,
Despojos a fulgir d'oiro e de pedraria,
Imperios colossaes, remotas Christandades,
Mil façanhas d'heroes, que a Fé conduz e guia,

Tudo, tudo, como um vago sonho esbatido,
Viram os olhos meus, claros pharoes siderios,
No ignoto Tenebroso, ao longe adormecido,
Envolto em sombra, envolto em nevoas e mysterios...

E, assim, abrindo ao vento as palpitantes velas,
No rasto d'uma Lenda aerea e nebulosa,
Em demanda d'um Sonho — as minhas Caravellas
Sumiram-se, a oscillar na vaga rumorosa...

A Lenda dissipou-se, assim como miragem.
Desfez-se o Sonho, como as nuvens pelo ar.
Mas o Homem regressou, triumphante, da Viagem
E a Terra viu aos pés, como um captivo, o Mar!

A ti saúdo, pois, Sonhador de epopeias,
Herdeiro da alma antiga e da fé dos Avós,
Que no adusto Moghreb, entre as fulvas areias,
Caíndo como um leão, foste digno de nós!

A ti saúdo, sim! Alma de Heroe e Crente,
Louco Amante da Fama, inconstante e illusoria,
Pois soubeste caír por tua Fé ardente,
Pois soubeste acabar por um sonho de Gloria! »

Branco e grave, no olhar um fulgor de metal,
Avançando n'um passo altivo e triumphal,
A fronte erecta e, sobre o aureo punho da espada,
A poderosa mão nobremente apoiada,
Um outro Heroe, mal este acaba de fallar,
Com voz feita a vencer as coleras do Mar,
Surgindo em frente ao Rei, magestoso e imponente,
Fita-o por largo espaço e diz solemnemente:

VASCO DA GAMA

« Fui eu que o grande sonho, o aureo sonho da Raça,
Glorioso, realisei!
Da antiga Lenda obscura a proseguir a traça,
Ao Oriente aportei!

Crente e impavido, o olhar fito no rumo ignoto
De cem Heroes tentado,
Noite e dia velei, extatico piloto,
No meu sonho enlevado!

Por entre os escarceus, espumando epilepticos,
E os ventos sibilantes,
— Como o assalto brutal de mil monstros phreneticos,
Raivosos e ululantes,

Dominando a revolta, a colera, o temor
Da gente espavorida,
As minhas náus levei, audaz navegador,
A' praia promettida!

A' Patria, á Patria dei todo um mundo esplendente,
Qual magico thesoiro,
Em que o sol espalhasse o seu iris fulgente
De pedraria e d'oiro...

Dei-lhe a força e o poder, dei-lhe o triumpho e a gloria,
Dei-lhe o imperio do Mar!
Puz-lhe na mão o globo e a sua fronte marmorea
De loiros fiz coroar!

Por isso, victorioso, ao Tejo regressando,
— Nereidas divinaes —
Cercavam minhas náus as vagas, entoando
Seus pæans triumphaes!

E no alto Azul, no puro e ethereo Azul sem fim,
Como aureola brilhante,
Apotheotico, o Sol fulgia sobre mim
N'uma gloria offuscante...

O' Rei, tu percebeste o que impunha esta herança
D'empresas sobrehumanas,
E, crente e audaz, lançaste, em repto heroico, a lança
A's plagas africanas!

Bemdito aquelle que, por sua crença pura,
Cáe com honra e valor!
Bemdito! que ao vencido o heroismo o transfigura,
Tornando-o vencedor!... »

Mas já um novo Immortal, d'entre os demais rompendo,
Em frente d'elles surge, homerico e tremendo.
De imponente estatura e temeroso aspeito,
A longa barba assyria ondula-lhe no peito,
Que um forte corselete envolve, rutilante.
Seu olhar, olhar d'aguia, altivo e penetrante,
Corisca-lhe, em redor, n'um barbaro clarão.
Uma espada triumphal flammeja em sua mão.
E até mesmo os Heroes dir-se-ão tremer d'ouvir
O velho Leão do Mar, terribil, a rugir!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

« A minha espada, como um raio assolador,
Viu, ante si, o Oriente, exsangue de terror,
Rojando-se no pó, attonito e assombrado...
E de Hormuz a Malacca, em todo o vasto Oceano,
O meu pendão fulgiu, triumphante e soberano,
Aos grandes ventos desfraldado!

Cem Povos, a tremer, arrastando as algemas,
O olhar baixo e curvada a fronte, ignea de gemmas,
Ante a Patria levei, vencidos e captivos.
Mil páreas, mil tropheus, mil opimos despojos,
A seus pés fiz depôr, fiz conduzir, de rojos,
Por mãos de nobres Reis altivos!

Entre o horror d'um sangrento e vasto morticinio,
Passando irado, como um Anjo d'Exterminio,
Fulminei, arrasei Imperios e Cidades!
N'um turbilhão de fogo e fumo, irresistivel,
Sobre os Mares corria, impetuoso e terrivel,
Tal como as loucas tempestades!

Condor negro a pairar sobre um rebanho imbelle,
Ao verem minha Náu sinistra — de tropel
As Armadas, no Mar, fugiam espavoridas...
Meu nome, entre o Gentio, era a voz do terror,
E o meu vulto fatal o d'um deus em furor,
Ceifando, em roda, almas e vidas!

A propria Natureza, ao ver-me assim passar,
D'espanto e de pavor, dir-se-ia desmaiar,
Como temendo os meus delirios monstruosos;
Pois, não contente com vencer soberbas gentes,
Quiz retalhar a Terra e domar as correntes
Dos velhos Rios caudalosos.

Mas, austera e serena, a Justiça, a meu lado,
Guiava, sem cessar, meu gladio ensanguentado,
Do seu facho immortal com a divina flamma...
Conquistador d'um Mundo, ao cabo da victoria,
Para mim reservei uma só presa — a Gloria,
E um só tropheu — a eterna Fama!

Por isso, morto, emfim, os mesmos, que eu vencera,
Contra a infamia e a traição, em sua dôr sincera,
Iam pedir justiça á minha sepultura.
Nas garras da Rapina, em prantos e gemidos,
Invocavam-me a sombra os Povos opprimidos
Pela cubiça infrene e dura!

Assim, ó Rei, tu és bemvindo em nossa Estancia,
Pois, como a nós, da Gloria a divina fragrancia
Inebriou tua alma e fez pulsar teu peito.
Entre as sombras lethaes, n'esta mansão ideal,
Fica-te bem, Senhor! o diadema imperial
Na fronte mystica de Eleito. »

Mal o Heroe emmudece, eis que um outro guerreiro
Lentamente se adeanta. As folhas do loureiro
Verdejam-lhe na fronte erecta, e a sua mão
A Epopeia immortal aperta ao coração.
Rosto cavado por mil sulcos d'agonias
— Sonhos mortos, crueis revezes, nostalgias,
Exilios, afflições, luctas, amor trahido —
Parece pela Dôr divinamente ungido.
Um dos olhos, cerrado e morto, sem olhar,
Dá-lhe a expressão d'alguma estatua tumular,
Que se erguesse do seu marmoreo leito — e andasse...
Mas, da sua convulsa e soffredora face,
Dir-se-á que um clarão irradia, oirescente,
Tal como um nimbo astral na fronte d'um Vidente.

Parando, emfim, ao pé do Solio, eil-o que falla.
E a sua voz divinal, na abobada da sala,
Ergue-se, vibra, echôa e gravemente expira
Como o argentino som d'uma encantada lyra.

CAMÕES

« O' Patria! a tua Gloria immortal e a tua Dôr,
Em peito algum sentiu um echo mais vibrante,
Em peito algum achou um mais fervente amor!

Qual justador, que, aos pés da Dama por quem lida,
Suas armas depõe — aos teus, ideal Amante,
Depuz o meu coração, meu genio, minha vida!...

Amei-te no supremo e inolvidavel dia
Do teu aureo triumpho e teu maior poder,
E amei-te no cruel momento da agonia...

Amei-te, quando o teu imperio era tão vasto,
Que nunca a luz do sol deixava de envolver
Alguma parte d'elle, em seu doirado rasto;

Quando, por toda a plaina immensidão do Mar,
Tal como um bando exul de garças emigrando,
Os teus brancos pendões se viam palpitar;

Quando a terra tremia aos teus ruidosos passos;
Quando tu, sem descanso, o Mundo circumdando,
Parecias querer cingil-o nos teus braços;

Quando, como a Athenea em seu guerreiro arnez,
Do teu solio de deusa, olhavas, sobranceira,
Nações, Povos e Reis, prostrados a teus pés!

Na Lyra celebrei teus feitos sobrehumanos,
A tua fé, a tua audacia aventureira,
Affrontando a soidão e as trevas dos oceanos!

Cantei do teu Passado as lendas prodigiosas;
Evoquei teus heroes, como espectros d'um sonho,
Como um negro tropel de sombras temerosas!

E em estrophes, nas quaes a inspiração palpita,
Como a vaga revolta e o vendaval medonho,
Deixei tua Epopeia immortalmente escripta.

Por ti, no vasto Mundo, em mil crueis embates,
Luctei co'a Sorte, como a náu contra a procella...
Por ti verti meu sangue em epicos combates!

E quando, um dia, de teus crimes em castigo,
Sob a lança do Moiro e a algema de Castella
Te vi prostrada, ó Patria — então morri comtigo!

— O' Rei! detem em mim teu magestoso olhar.
Eu sou aquelle Vate, em cujos aureos cantos
Tu, outr'ora, sentiste o patrio amor vibrar!

Fui eu que te embalei, com a alma em fé accesa,
Os teus sonhos d'heroe, chimericos e santos,
O teu amor da gloria, a tua excelsa empresa.

Fui eu, Senhor, fui eu que, comtigo, sonhei
Esse Imperio immortal, onde a Patria impuzesse
Ao Mundo a sua Fé e a sua augusta Lei!

Idos os dois, emfim, comnosco essa chimera
Tombou — purpureo liz que, ao pôr do sol, fenece,
Velha torre que rúe, despido o manto d'hera...

Sim! Em nós dois acaba a portentosa Edade,
O Cyclo d'Oiro, onde a flôr do heroismo brilha
Entre um nimbo de gloria e de immortalidade!

Mas tu, que por designio occulto do Destino,
Antes de emfim chegar á mysteriosa Ilha,
De esclavina e bordão, tal como um Peregrino,

Longo tempo, Senhor, meditativo e triste,
A Patria percorreste em dura penitencia,
— Dize aos velhos Heroes o que é que n'ella viste!

Falla-nos d'Ella, ó Rei! — Sua historia, refere-a:
Dize o seu esplendor ou sua decadencia,
Sua gloria suprema ou sua vil miseria!

Dize-nos sua dôr — se ella chora, captiva;
Seus feitos — se de novo, audaz, o Mundo assombra...
Dize se é morta já, ó Rei, ou se ainda é viva!...

Que tu nos faças, n'uma evocação saudosa,
Resurgir ante nós a sua augusta Sombra,
— Quer seja um negro espectro ou uma visão radiosa! »

III

Súbito, ergueu-se o Rei. — Morosamente, em roda,
Seu calmo olhar ceruleo envolve a sala toda.
Na cabeça, o diadema, esplendente e irisado,
Fulgura como um céu, d'estrellas aljofrado.
E a espada, o globo, o arnez, a sua eburnea pelle,
A ampla barba, florída em lyrios — tudo, n'elle,
Chispa, brilha, scintilla, irradia e reluz,
Que se diria, ao vêl-o, uma estatua de luz.
Mas, lento e grave, erguendo a mão n'um gesto largo,
Falla, por fim, n'um tom elegiaco e amargo,
Onde a saudade vibra. — E, recolhidamente,
A turba dos Heroes escuta o Penitente.

O REI

« A Patria é viva, Irmãos! a Patria é viva ainda!...
Seu puro céu é o mesmo; é o mesmo o flavo sol;
A mesma lua argenta a Immensidão infinda;

Cinge-a a mesma manhã das rosas do arrebol...
Seus rios de crystal serpeiam, como d'antes,
Por entre filas de salgueiros soluçantes,
Córos de rouxinoes, tristes canções d'amor,
Idyllios a florir em noites de esfolhadas,
Loiras apparições de Moiras encantadas,
Aromas de luar dos laranjaes em flôr...
Os seus montes de lava, austeros e escarpados,
Voltados para o céu, nas solidões doridas,
Erguem ainda, além, seus vultos torsionados,
Semelhando ermitões, em extase, ajoelhados,
Com a prece a vibrar no Angelus das ermidas...
Ainda a oliveira ensombra os valles melancholicos
E nos cêrros verdeja o roble secular.
Ouvem-se ainda, á noite, as fontes a resar...
A vide abraça o ulmeiro, em hymeneus bucolicos,
E as messes fulgem, como algum doirado mar.
Aldeias a sorrir, brancas, entre a verdura,
Como ninhos ideaes de paz e de ventura;
Cidades, com torreões, ameias, coruchéus,
Recortando a torqueza impolluta dos céus,
Ou reflectidas pelo aço fluido dos rios;
Portos tranquillos em que dormem os navios,
E, ao cabo, o mar, o mar azul, planicie infinda,
— Tudo lá achareis, pois tudo existe ainda!

Ah! mas, por sobre aquelle incomparavel éden,
Que duros tempos vão correndo e tumultuando!
Que nuvens de tristeza o Azul lhe vêm manchando!
Que infortunios crueis, sem tregua, se succedem!
Dois seculos, Irmãos! dois seculos terriveis,
Seculos negros de miseria e de agonia,
Entre prantos de fel e máguas indiziveis,
Em tragica expiação, contei-os dia a dia!
Dois seculos sem fim — ignoto Penitente,
Phantasma que visita algum castello em ruinas —
Do norte ao sul, da serra ao mar, d'aurora ao poente,
Por lá vagueei, por lá errei occultamente,
Humedecendo o chão de lagrimas divinas...
Ai! o sombrio horror! a tabida visão!
Ainda sinto frio e morto o coração,
Ao rever, ao lembrar o negro pezadello!
Que de miserias vi! Que de chagas toquei!
A Honra antiga morta, obliterada a Lei!
A Vileza imprimindo em tudo o immundo sello!
O Vicio feito Deus e o Crime feito Rei!

Vi a Patria a gemer sob opprobrios e aggravos!
Vi — matilha faminta aos pés do Usurpador! —
Os netos dos Heroes, dos Crentes e dos Bravos,

Arrastando os grilhões como um bando d'escravos,
Ou, vendidos, traíndo a Patria, sem pudor!
Vi, uma a uma, como as pedras d'um solar,
Que, ao abandono, são pelos villões roubadas,
Perderem-se p'ra sempre as terras d'Além-Mar,
Por vosso heroico esforço outr'ora conquistadas!
Vi — desforra cruel dos Oceanos vencidos! —
Por entre imprecações, e preces, e gemidos,
Da tormenta infernal nos loucos paroxismos,
Os nossos galeões, as nossas caravellas,
Turbilhonando, já sem mastros e sem velas,
Sumirem-se na fauce aberta dos abysmos...
Vi, depois, despontar um raio d'alvorada
E fulgirem, de novo, as Quinas victoriosas...
Mas breve a noite volta, a noite angustiada,
Cheia de sonhos maus e larvas monstruosas.
No throno dos Avós, no throno deslumbrante,
Obscuro, agora, como um astro sem clarão,
Em vez do Heroismo, com a espada fulgurante,
Vi sentados — horror! — n'um grupo extravagante,
A Demencia, o Incesto, a Luxuria, a Traição.
A antiga Fé, que nos guiou no mundo inteiro,
Como uma estrella guia os passos d'um romeiro,
A Fé sublime e ardente, a Fé, cujo fulgor
O Passado envolveu em radiações d'aurora,

Ai! como a sua luz é baça e frouxa agora!
Ai! quão pendida está essa divina flôr!
Crentes! o templo vi-o eu feito prostibulo;
E o deus, o deus que lá incensava o thuribulo,
Era um Idolo estranho, orgiaco e sensual,
Monstro d'oiro macisso, incrustado a diamantes,
Que, nas sombras do seu sacrario triumphal,
Dormitava, a sonhar volupias delirantes!
Como d'um morno harem no embriagador ambiente,
Erravam pelo ar capitosos perfumes...
Damascos, brocateis, oiros, pratas, mil lumes
Fulgiam n'uma pompa ensanguentada e ardente!
Monjas, loucas d'amor, ebrias d'impuro gôso,
Os seios nús, o olhar cerrado, os membros lassos,
Prendiam, como huris d'um céu voluptuoso,
O sacrilego Amante em seus convulsos braços!
E, esfomeados d'oiro, o Throno mais o Altar
— Avidos monstros a devorarem as presas —
Ruminavam, de dia e noite, sem cessar,
Pedrarias, metaes, thesoiros e riquezas,
Que, em seus flancos, as náus traziam d'Além-Mar!
Por isso do Senhor a colera implacavel
Caía, a miudo, sobre a Raça miseravel,
Com flagellos crueis, crueis calamidades...
Os Tyrannos brutaes punham-lhe o pé no collo,

A Terra, em convulsões, arrasava as cidades,
E a sinistra Invasão talava o patrio sólo!

Mas firmes, atravez de todos os horrores,
Eu bem os via, aos Bons, aos Fieis, aos Sonhadores,
Aos que esperam o meu regresso triumphal,
Eu bem os via, sim! a estenderem-me os braços,
A clamarem por mim, a escutarem meus passos,
Na inabalavel fé da redempção final!
Ah! como eu desejava então poder rasgar
O burel do Romeiro ignoto e vagabundo!
Como eu quizera, armado e prompto a pelejar,
Apparecer-lhes, com o arnez a rutilar,
Como o sol que renasce, illuminando o Mundo!
Como eu quizera, erguida a espada e ao vento solto
O pendão da Justiça, auroreal e revolto,
Com um grito de guerra em meu labio a estrugir,
Como a voz d'um leão que arremete, a rugir,
A' frente d'elles, n'um triumpho prodigioso,
Contra as hostes do Mal arrojar-me impetuoso!...

Mas não soára, ainda, a grande hora, não!
A hora do resgate e da libertação!

Ainda o meu erro não estava bem expiado.
Não se aplacára o Céu, nem se cumprira o fado!
O mysterioso encanto, em sua lethargia,
A minha espada heroica e a minha mão prendia.
Não podia accorrer áquella afflicta voz,
Salvar os tristes do seu captiveiro atroz,
E á pobre Patria, quasi exhausta de fadiga,
Dar-lhe o velho esplendor e a sua força antiga!

Triste e sombrio, errei ainda, largos annos,
Entre as máguas do Povo e os crimes dos Tyrannos,
Espectros, ruinas, pó, desgraças e agonias,
Desfiando o rosario amargo dos meus dias...
Mas uma vez que, junto a uma deserta praia,
Adormecera, á hora em que a alvorada ráia,
Sonhei, sonhei que Alguem, surgindo ao pé de mim,
Nos braços collossaes me arrebatáva, emfim...
... E, ao accordar, achei-me, armado e á cinta a espada,
De pé, sobre o convez d'essa Galé doirada!...

E a Patria, Irmãos! a Patria amada lá ficou
Sob o ridente céu, junto ao ceruleo mar...
Meu derradeiro adeus, a brisa lh'o levou;

Levou-lhe a extrema luz meu derradeiro olhar...
Lá ficou, lá ficou, sonhando o eterno sonho,
Pela esp'rança immortal docemente embalada,
Na bruma do Futuro, attento o olhar tristonho,
Como á espera de ver fulgir a minha espada!
Lá ficou, triste e só, sob o rigor dos Fados
E o latego da Sorte, instavel e tyrannica,
—Pobre captiva que, de pulsos algemados,
Aguarda um salvador na sua fé messianica!

Mas um povo não morre, emquanto, na sua alma,
Uma restea de fé e de heroismo brilhar!
O Porvir é um enygma — sphynge muda e calma,
Que ninguem, ai! ninguem! póde fazer fallar...
O que, n'elle, o Destino incognito prepara,
A semente, que lá gera a futura seára,
Ninguem os vê, Irmãos, ninguem sabe o que são...
A Vida é como um mar, sempre incerto e oscillante,
E a vaga, que ora desce e tomba agonisante,
Logo se ergue de novo, alterosa e em cachão...
Abatidas agora, ámanhã victoriosas,
Nações e Raças, como as vagas espumosas,
Vão ondulando sob o vento do Destino!...
Esperemos, portanto, esperemos, Irmãos,

Com as armas de luz promptas em nossas mãos,
E a fé nos corações como um broquel divino!
Phantasmas do Passado, Espectros vingadores,
Genios da Patria, Heroes, Phalange tutelar,
Esperemos, afiando os gladios redemptores
E fixo no Futuro o nosso inquieto olhar!

Porque, ai! além, na Patria, o Povo abandonado
Conserva para nós o coração voltado!
Porque os Puros e os Bons, os Tristes e Opprimidos,
Os Crentes e os Fieis — captivos e vencidos —
Por sobre o Mar lançando a dolorida voz,
N'um côro soluçante — ouvi!... — clamam por nós!
Porque a hora fatal, a hora ambicionada
Póde um dia, por fim, soar sem ser esperada!
Porque esta velha Raça, a grande Raça Eleita,
A par do heroismo, á dôr e ao sacrificio affeita,
Esta Raça que abriu, sangrando, os trilhos novos,
O Povo-Christo, que soffreu pelos mais Povos
E a palavra divina espalhou pelo Mundo,
Como quem lança, á terra inculta, um grão fecundo,
Sim, esta Raça, Irmãos, talvez que, no Porvir,
Tenha ainda um destino incognito a cumprir!...

Ah! mas, emquanto que não fulge o grande dia,
Emquanto que, incarnando em futuros Heroes,
Não temos de ir — phalange aureolada de soes —
A Patria libertar, cumprindo a prophecia,
O' meus Irmãos! chorae, chorae as suas dôres,
Vossos prantos vertei, cheios de compuncção,
Mas empunhando já os gladios vingadores
Para a hora triumphal da sua redempção!... »

Disse o Espectro — e ficou como petrificado...
E então, qual ao passar do vento nos trigaes,
Um profundo suspiro, um ruido prolongado,
Rompeu da multidão das Sombras immortaes.
E era estranho o chorar d'essas visões terriveis,
Infundia pavor e assombro o contemplar,
Pelas barbas de neve e as faces impassiveis,
Silenciosamente o pranto deslizar!...

NOTAS

NOTAS

Hesitei muito tempo antes de resolver sobre a fórma de inserir, n'este livro, um commentario, que, por motivos que abaixo direi, se me afigurou conveniente addicionar ao poema. Queria, sobretudo, evitar um prefacio, por aquella razão bem conhecida de que — *qui se prefáce, se prelásse.* Por um lado, parecia-me de mau gosto estar a fazer uma exegése prévia da minha obra — como se fosse coisa que, sem ella, se não podesse entender. Por outro, receiava que, ministrada a ideia critica antes da impressão artistica, esta viesse a ficar, por isso, sensivelmente prejudicada. Assim, decidi-me por umas notas finaes, como expediente mais modesto e mais adequado ao meu intuito.

O motivo principal, que me determinou a organisar estas notas, foi a consideração de que a lenda sebastianista, embora assumpto nacional, só muito vaga e superficialmente é hoje conhecida pelo commum do publico lettrado. Essa lenda, tão popular desde a catastrophe de 1578 até ao primeiro terço d'este seculo, tendo mesmo dado origem a uma litteratura propria, muito interessante e curiosa — póde, presentemente, dizer-se de todo morta e ignorada.

Havendo, pois, bordado o meu poema sobre a urdidura d'essa lenda, não desejava que, por effeito de tal ignorancia, se podessem tomar por meras phantasias do meu espirito, sem raizes historicas, ou, melhor, legendarias, muitos dos episodios que o compõem.

D'esta fórma, não só previno, d'ante-mão, reparos injustificados, mas esclareço, para os que o não conhecem, um assumpto que não é dos menos singulares da nossa historia, habilitando-os assim a penetrarem, com facilidade, o symbolismo do poema. Além d'isto, supponho que ao leitor não deixará de offerecer certa curiosidade o poder seguir, n'estas notas, a genése e a evolução d'uma obra, que, embora inferior em si, tem, ao menos, o merito de ser uma laboriosa tentativa de restauração d'uma grande lenda nacional.

NOTA I

PENSAMENTO DO POEMA

(O Sebastianismo e sua theoria — Symbolismo do poema)

A theoria historica do Sebastianismo é um dos mais fulgurantes rasgos de genio d'esse grande e mallogrado espirito, que se chamou Oliveira Martins. Historiador-psychologo, analysta e reconstituidor sagacissimo da alma dos povos, esse estranho problema da historia portugueza impressionou-o, preoccupou-o, apaixonou-o — e o seu talento, tão profundamente intuitivo, deu-lhe, porfim, a luminosa solução, que todos os que leram a *Historia de Portugal* conhecem.

Como, porém, essa theoria é o alicerce, a pedra angular d'este poema, que, sem o conhecimento d'ella, não poderá ser inteiramente comprehendido, pareceu-me que caberia bem aqui o relembral-a. E para a não deturpar com uma exposição, que podia não ser rigorosamente exacta e fiel, passo a transcrever alguns trechos do capitulo, que o eminente e saudoso historiador lhe dedica, na obra acima citada.

« Como os antigos judeus na Palestina, os portuguezes tinham amassado com as suas lagrimas a chimera do messianismo. Devastada, vencida e por fim vendida, a nação era um campo santo, os homens como sombras, as agitações messianicas especie de fogos fatuos que ondeavam no ar, suspensos na atra sombra da noite do infortunio. Os machabeus de 1580 não tinham sabido menear a espada; e o povo, perdido o sentimento da sua realidade, como todo e como força, abandonava-se a esperar a volta do Messias, D. Sebastião, — o principe encantador, a divina creança, que soubera aspirar para a salvação commum, que viria decerto redimir a nação!

« Ninguem vira morrer o rei; e se no primeiro momento, o terror do cataclysmo fizera esquecer essa circumstancia, logo as maiores desgraças posteriores accordaram na alma do povo a suspeita de que D. Sebastião vivia. A sua simpathica phisionomia, os seus proprios erros, que eram virtudes, por fim a sua historia tragica, fundavam os alicerces da beatificação que se ia formando. O povo crystalisava os seus ideaes, transfigurando o homem n'um symbolo das suas esperanças e desejos.

. . . . . .

« Os prophetas, o Bandarra, o Simão Gomes, o *sapateiro-santo*, inspirados, cantavam a epopêa do heroe, e as condições em que viria a apparecer para redimir o seu povo: como na Judéa tambem, o Christo fôra um salvador da nação, antes de ser o redemptor das almas. Tambem o Christo portuguez havia de alargar o seu imperio por longes terras, e a sua edade seria a éra da redempção. Tambem o messianismo da Judéa fôra buscar, á lembrança proxima do reinado glorioso de Hyrcan, a raiz

positiva da formação aerea : — como a pessoa do imberbe principe desgraçado era a raiz do edificio mystico portuguez.

. . . . . .

« Deificar o rei, transferir o seu reinado, d'este para o outro mundo, transfigurar a esperança e transcendentalisar a crença, como succedera na Judéa, era cousa que o espirito portuguez não podia realisar. Tudo se oppunha a isso ; e este phenomeno de embryologia religiosa não passou á cathegoria de religião. Não só o catholicismo — já de si messianico — o impedia radicalmente ; como tambem na raça não havia os dotes elementares, com que o hellenismo, insinuando-se nas tradicções judaicas, fizera do Messias um deus, de um imperio uma apotheose — de uma edade aurea, a edade eterna e ideal do espirito.

« Manteve-se o caracter realista da lenda. D. Sebastião conservou-se um heroe, e o Christo nacional não attingiu a cathegoria de deus. Os successivos desenganos, porém, e o tempo que, no seu decorrer, tirava a possibilidade á existencia real do homem, não podendo transferir a lenda para a região do dogma, levaram-na para a região do mytho ; não podendo transcendentalisal-a, naturalisaram-na ; não podendo transfigurar o rei em Deus, fizeram d'elle um heroe : Herakles e não Zeus, o Archanjo e não o Verbo.

. . . . . .

« A alma lusitana, ingenua na sua candidez, — tombado agora por terra o edificio imperial, desconjunctado e condemnado o systhema de ideias patrioticas que desde o XIV seculo tinha dado vida á nação — rebentava em soluços ; buscando no seio da natureza, onde se acolhia, uma salvação que não mais podia esperar das ideias, dos systhemas, dos heroes nem dos reis em quem tinha confiado por dois seculos. A obra temeraria dos homens caia por terra ; e o povo, abandonado e perdido, abraçava-se á natureza fazendo do lendario D. Sebastião um genio, um espirito — e da sua historia um mytho.

« O sebastianismo era pois uma explosão simples da desesperança, uma manifestação do genio natural intimo da raça, e uma abdicação da historia. Portugal renegava, por um mytho, a realidade ; morria para a historia, desfeito n'um sonho ; envolvia-se, para entrar no sepulchro, na mortalha de uma esperança messianica » (1).

Ora o que ha de singular e curioso n'este sentimento messianico é a sua reviviscencia, que o faz vegetar por mais de dois seculos, tenazmente enraizado na alma do povo, e tão intimamente travado com a sua religião, que é nas tradições do prophetismo hebraico, nos textos biblicos e evangelicos que elle vae procurar as suas bases historicas e a sua legitimidade orthodoxa. Foi preciso o abalo da revolução liberal, a subversão completa da velha sociedade, a diffusão do espirito critico moderno, para acabarem de vez com essa vivaz e resistente radicação mythica, que tão fundo se cravára no terreno da alma nacional. A cada successo historico, que revoluciona politicamente a nação, o espectro do Sebastianismo resurge. Já em 1637, na celebre revolta do *Manuelinho* d'Evora, o povo presente a mão do Encoberto. Pouco depois, em 1640,

(1) *Historia de Portugal*, por Oliveira Martins, Livro V, Cap. IV, *O Sebastianismo*.

com a restauração, a crença messianica recrudesce. Ouçamos, de novo, Oliveira Martins :

« Esse povo, porém, conservava-se fiel a D. Sebastião; e não faltou quem se recusasse a reconhecer o novo rei, temendo ser desleal ao antigo, ao verdadeiro: espectro fugaz do passado reino, senhor da India ! O padre Vieira esforçava-se por demonstrar com sabias allegorias, antigos processos da litteratura primitiva do christianismo, que D. João IV não era senão o verdadeiro D. Sebastião, o verdadeiro *encoberto;* apesar de, como rei apparente, ser outro: uma sombra, um meio, um instrumento, um *fetiche* » (1).

O Absolutismo, consolidando-se com a dynastia de Bragança, domina um pouco as manifestações da fé sebastianista, sem, comtudo, conseguir destruil-a, nem despertar o espirito popular para a realidade da vida historica.

Desde o meiado do seculo XVIII, a effervescencia augmenta. E, com a crise do principio d'este seculo, essa effervescencia assume mesmo o caracter d'um accesso febril. Fervem os pamphletos, opusculos, livros impressos e manuscriptos, interpretações de prophecias, eruditas exegéses de doutrina, que umas vezes fazem sorrir pela sua ingenuidade, outras quasi que encantam pela sua subtileza — toda uma litteratura, emfim, que vem até 1852, e na qual muitas vezes vemos envolvidos nomes de litteratos illustres — como os do Padre José Agostinho e de Pato Moniz, na famosa polemica de 1810 (2). E ainda hoje não é difficil descobrir um ou outro typo popular de sebastianista, sabendo o seu Bandarra na ponta da lingua...

Tomando, portanto, a individualidade de D. Sebastião e, sobretudo, as lendas que sobre elle se formaram, em seguida ao desastre de Alcacer-Kibir, para thema d'um poema nacional — o meu primeiro

(1) *Historia de Portugal,* por Oliveira Martins, Livro VI, Cap. III, *Portugal restaurado.*

(2) Para se fazer uma ideia da importancia d'esta litteratura, indico em seguida as obras que pude haver á mão, d'entre as muitas de que tive conhecimento:

1) *Quinto Imperio, e Portugal exaltado,* etc., dado á luz por um Anonymo Luzitano, assistente na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, anno de 1750. Ms. da casa de Bertiandos; 2) *Juizo critico sobre o propheta de Leiria,* etc. Lisboa, 1759; 3) *Carta sobre a verdade ou incerteza da morte d'El-Rei D. Sebastião.* Lisboa, 1808; 4) *Anti-sebastianismo ou Antidoto,* etc. Lisboa, 1809: 5) *Exame e juizo critico sobre o papel, intitulado Anti-sebastianismo.* Lisboa, 1809; 6) *O Sebastianista furioso,* etc. Lisboa, 1810; 7) *Os Sebastianistas satisfeitos.* por José Gonçalves Ramiro. Lisboa, 1810; 8) *Reflexões criticas sobre os Sebastianistas do Padre J. A. de Macedo,* por D. Maria Pinheiro Ujena. Lisboa, 1810; 9) *Defeza dos papeis anti-sebasticos do R. P. J. A. M.,* por S. e C. Lisboa, 1810; 10) *Bomba de Apollo apagando o fogo sebastico,* satyra por Antonio Joaquim de Carvalho. Lisboa, 1810; 11) *Defeza dos Sebastianistas,* por Pedro Ignacio Ribeiro Soares. Lisboa, 1810; 12) *Os Anti-sebastianistas,* etc. Lisboa, 1810; 13) *Justa impugnação,* etc., por João Bernardo da Rocha e N. A. P. Pato Moniz. Lisboa, 1810; 14) *Cartas sobre o verdadeiro espirito do Sebastianismo,* por M. J. Pereira de Figueiredo. Lisboa, 1810; 15) *Carta ao Padre J. Agostinho de Macedo,* por João José. Lisboa, 1810; 16) *Impugnação imparcial,* etc., por José Maria de Sá. Lisboa, 1810; 17) *Carta sobre a origem e effeitos do Sebastianismo,* por Antonio Moura do Couto. Lisboa, 1810; 18) *Carta de um guarda roupa d'El-Rey D. Sebastião,* etc., por F. de P. J. Lisboa, 1810; 19) *Justificação dos Sebastianistas* Lisboa, 1821; 20) *Novo mestre periodiqueiro.* Lisboa, 1821; 21) *Fiel e verdadeiro traslado de varias obras ao Livro intitulado Consolação e firme esperança dos Sebastianistas.* 1825, Ms; 22) *O Egregio Encoberto,* etc., por um Sebastianista M. C. Lisboa, 1849; 23) *Explicação do Terceiro Corpo de Prophecias de Gonçalo Annes Bandarra,* etc. Porto, 1852; etc., etc.

trabalho foi procurar, em assumpto tão vasto, a forma mais apropriada á minha ideia poetica. Que fazer? Um poema estrictamente historico, chronica rimada ou, então, minuciosa reconstituição erudita da vida e da personalidade do ultimo Rei Cavalleiro? Uma tragedia? Um romanceiro heroico? Uma epopeia modelada pelo typo classico? Uma phantasia sentimental, como a que Scribe architectou sobre este mesmo assumpto, para dar um *libretto* a Donizetti? — Nada d'isto me servia, porque, em qualquer d'estes moldes, mal caberia a parte puramente lendaria da obra, que, desde a primeira suggestão recebida, se me afigurou a mais importante, a principal.

Com effeito, a individualidade historica de D. Sebastião é secundaria, comparada com a que a lenda lhe creou. A sombra vale mais do que o corpo que a projecta. D. Sebastião é um personagem historico quasi ephemero, cuja acção se cifra em ter dado um remate tragicamente heroico á gloriosa epopeia portugueza da Renascença. O Sebastianismo, porém, representa mais de dois seculos de vida nacional, de psychologia popular. O poema a fazer não era, pois, o *poema historico* de D. Sebastião: era o *poema lendario* do Sebastianismo.

Mas, para fazer o poema do Sebastianismo, nenhuma das formas atraz indicadas me servia. Nem a epopeia, pois que a historia era vista atravez da bruma da legenda, e, além d'isso, faltava o elemento fundamental do triumpho, para lhe dar o verdadeiro caracter epico; nem a reconstituição historica, porque então a lenda ficaria posta de parte; nem a tragedia, pois que as paixões e os sentimentos, que a lenda exprime, se passam n'uma esphera abstracta, moral, por assim dizer mythica, sem esse cunho de humanidade e realidade indispensavel a esta forma litteraria.

Por outro lado, a lenda, em si, teria apenas um puro valor poetico. Era preciso ir ao fundo das coisas, buscar o significado moral d'essa lenda, o seu symbolismo historico. D'esta forma poder-se-ia fazer um poema que seria, a um tempo, *real* e *phantastico*, um poema que seria a historia expressa pelo symbolo da lenda — especie de phantasmagoria esthetico-philosophica de que o segundo *Fausto* é o immortal archetypo.

Foi por esta forma, pois, que me decidi.

Assim, este poema lendario é tambem, e sobretudo, um poema symbolico. O D. Sebastião da lenda apparece-nos como uma personificação popular inconsciente da velha alma portugueza, heroica e mystica, de que já, na decadencia do nosso grande cyclo, o D. Sebastião da historia fôra uma anachronica reapparição. Para o Povo, o Rei não morreu na batalha; anda *encoberto*, fazendo penitencia, e ha de voltar um dia para recuperar a corôa e deslumbrar o mundo com os seus feitos, fundando, emfim, esse Quinto Imperio — reinado feliz do Bem, expresso na fé christã. Por isso, como já se viu, a cada successo da nossa historia, que parece levantar-nos do abatimento em que ficamos jazendo depois de Alcacer-Kibir e do dominio hespanhol, o Sebastianismo reapparece e as figuras historicas, mais intimamente ligadas a esses successos, são, aos olhos do Povo, como avatares do seu Heroe amado. D. João IV com a restauração, D. João VI com a constituição de 1820, depois D. Pedro IV com a revolução liberal, foram todos, um momento, para o Povo, espectros ephemeros do Encoberto.

O symbolo é transparente. O Encoberto é o genio antigo da Raça, eclipsado no desastre de Alcacer-Kibir. O Sebastianismo é, d'esta forma, a expressão allegorica d'esse patriotismo, elegiacamente saudoso do Passado, mas sempre firme na esperança d'uma proxima resurreição do genio antigo — d'esse patriotismo idealista, sempre em dissidencia com o Presente, sempre d'olhos fitos no Futuro, sonhando dias melhores, mais gloriosos, mais prosperos, mais dignos, para a sua Patria, e esperando o Successo, o Acontecimento, o Imprevisto (o Messias, o Encoberto...) que lh'os ha de trazer. Assim encarado, o Sebastianismo é toda a historia da decadencia portugueza; e é ainda um sentimento do nosso tempo, em que o presente desagrada aos melhores espiritos e em que todos os que têm na alma uma centelha de crença apellam para o incerto futuro, esperando cada um pelo D. Sebastião do seu ideal...

Todo o meu trabalho, dada esta concepção, se reduziu, pois, a formular a definição moral do mytho inconsciente e espontaneo, creado pela poetica imaginação do nosso povo.

NOTA II

O CAPITÃO DE CHRISTO

N'esta orientação, a parte puramente historica era a que, para mim, tinha menos importancia. Por isso o *Capitão de Christo* é, apenas, como que o prologo do *Encoberto*. Da historia tomei unicamente o que era preciso para explicar a genése do mytho. Procurei dar a impressão do que fosse, na sua hallucinação heroica e mystica, esse antigo genio portuguez, que mais tarde, no *Encoberto*, se vê regar de lagrimas amargas a decadencia da Patria, ou fulgir, como uma esperança vaga, na nebulosa visão da *Ilha Encoberta*.

Quanto á designação de *Capitão de Christo*, foi-me ella suggerida pelo seguinte facto:

« Assistindo (D. Sebastião) á profissão de hũa Religioza no Convento da Madre de Deos lhe rogou pedisse a Christo que o quizesse fazer seu Capitão » *(Fiel e verdadeiro traslado de varias obras do Livro intitulado Consolação e firme esperança dos Sebastianistas*, 1825. Ms.).

Este facto é citado por outros auctores, entre elles Jeronymo de Mendonça (1).

(1) *Jornada d'Africa*, composta por Hieronimo de Mendoça, pag. 15.

NOTA III

O DESEJADO

« Andando ella (a Princeza D. Joanna, filha de Carlos V, mulher do Principe D. João, ultimo filho de D. João III, fallecido dias antes, e mãe de D. Sebastião) em vesperas de parir a levavão algumas noites a fazer exercicio á varanda da Péla; estando ahi assentada em huma das janellas, que alli havia na dita varanda com algumas Damas... virão subitamente sair pela varanda delRey direitos ao Forte muitos homens vestidos á Mourisca de varias cores, com tochas acezas nas mãos, dando vozes: *Ly, ly, ly,* e chegando sobre o mar parecia que se lançavam nelle... E d'ahi a poucos dias tornando a Princeza ao mesmo posto, assentando-se em hũa das janellas, que ficava na mesma varanda depois de haver feito algum exercicio se viu a mesma multidão de figuras de mouros do mesmo traje, e vozes, e atemorisada ella, e as Damas se retirarão, e dando conta a El Rey e á Rainha do que se havia visto ficaram suspensos, e mandarão que se tivesse isto em segredo.

« Estas mesmas figuras tornou a Princeza a ver na sua ante camara... conhecendo que erão fantasmas, se assustou, e cahio desmayada no regaço de hũa Dama, das que com ella estavão, sem que nenhuma então visse isto...

« ... Forão tambem ouvidos no ar estrondos de guerra, e muitas noites sobre o palacio de Lisboa, ays, e suspiros espantosos. Sinais todos infaustos que traziam a gente atemorizada, e confuza, e de que facilmente se entendia pronosticavão o pouco, que se lográrão estes Principes e os trabalhos, que ao diante se seguirão a este Reyno, originados pelo filho que produzirão.

« ... Pela qual razão em todo aquelle entremeyo, que tardou o parto da Princeza D. Joanna, esteve muy confuzo e sobresaltado este Reyno, revolvendo-se todo em agonia... não havendo outra cousa mais, que Procissões e lagrimas, para que o Senhor lhe concedesse, e desse da Princeza filho varão, Principe que herdasse o Reyno do avô, com que ficasse seguro, e livre da sujeição de Castella, de que se temião » *(Chronica do muito alto, e muito esclarecido Principe D. Sebastião,* composta por D. Manoel de Menezes, Chronista mór do Reyno, e General da Armada Real, &c., Tomo I, Cap. VII).

« ... Quando o dito Principe (D. João, pae de D. Sebastião) se recebeo... apparecia em Lisboa no ar, quazi em sima da Sé huma exalação de fogo em fórma, e grandeza de hum cofre meio aberto, outros lhe chamavam athaûde, ou sepultura... » *(Ibidem,* mesmo Tomo e Cap.).

« Tinha o Arcebispo dado por ordem, que tanto que á Princeza dessem as dores, a qualquer hora que fosse, avizassem do Paço a Sé para que tocassem logo o sino grande, e a todo o Clero e Religiões, que

tanto que o ouvissem se juntassem logo todos na Sé. Assim se executou, e quando o sino da Sé deu o aviso, tocavão os Conventos a Matinas. Foram logo todos juntos assim de noite com suas Cruzes, e todo o outro Clero em muito boa ordem, e formada hũa dolorosa Procissão, caminhou da Sé para S. Domingos, rogando a Deos pelo bom successo do parto da Princeza, dando o Senado velas a todos á sua custa...

«... Alem d'isto não ficou Dona, nem Donzella, por nobres, recolhidas, e virtuosas, que fossem, as quaes com muitas lagrimas não sahissem fóra de suas cazas, e andassem pelas Igrejas pedindo ao Senhor o remedio tão desejado, concorrendo com isto infinita gente de todos os estados ao Terreiro do Paço com os olhos fitos nas varandas, e janellas Reays, com os sentidos suspensos desejavão ouvir a nova do que a Princeza paria, os quaes postos em grande silencio, sem se ouvir rumor de tão grande multidão, pela attenção de sua esperança, tendo já rompido a manhã, como voz vinda do Ceo, appareceram nas janellas do Paço alguns Fidalgos, e Donas, os quaes com palavras mal pronunciadas interrompidas de alegria, denunciarão ao povo como tinhão Principe nascido» *(Ibidem,* Tomo I, Cap. VIII).

Estas citações mostram como, n'este canto, me cingi á verdade ou, melhor, á tradicção historica. O que fiz principalmente foi dar uma interpretação á visão dos phantasmas, com o côro em que transformei o mysterioso *Ly, ly, ly*... que o chronista lhes põe na bocca.

NOTA IV

VIGILIA D'ARMAS

A ideia da *Vigilia d'armas* originou-se na visita que D. Sebastião fez ao mosteiro da Batalha, para ver os tumulos dos Avós.

Oliveira Martins diz:

«Tanto o rei percebeu a solidariedade que o ligava aos seus antepassados, que, á maneira dos heroes, quiz vel-os de perto e examinal-os, antes de partir para a sua empreza... Foi á Batalha, para ver e adorar D. João II; e mandou-o tirar do caixão, erguer de pé, com a espada em punho. Reverente e orgulhoso, saudou com admiração o avô, — o predecessor, porque elle estava certo de lhe continuar as façanhas!» *(Historia de Portugal,* por Oliveira Martins, Livro 5.º, Cap. 3.º).

Esta visita foi muito anterior á jornada d'Africa. Teve logar, segundo Barbosa Machado e outros, em 1570, quando já havia terminado a regencia do Cardeal D. Henrique (1568) e D. Sebastião governava de facto. A jornada d'Africa foi oito annos depois — em 1578. O episodio, que se suppõe nas vesperas da empresa, é, portanto, uma pura ficção, de que me aproveitei, não só para esboçar o caracter heroico e mystico

d'esse ultimo representante da antiga alma portugueza, mas para exprimir a visão de gloria e de fé que o hallucinava. A conquista da Berberia, do Egypto, da Palestina, com a redempção do Santo Sepulchro e o exterminio do Turco — a velha empresa das Cruzadas — era o sonho constante d'este anachronico Cavalleiro da Cruz.

« Como era de natureza feroz, e robusta, e de espirito vehemente e levantado, e de coração invencivel e determinado, não cuidava senão em guerras e em famosas conquistas e militares emprezas. E nem é possivel, senão que um dia imaginava sujeitar a si toda a Barberia : outro arrasar os muros de Constantinopla : logo fazer-se senhor do Caliphado do Egypto e ter á sua obediencia a veneranda Palestina : emfim todo o seu invencivel animo cortaria pela medida do seu desejo. Que sendo forjado no zelo do augmento da Religião Christã, e na gloriosa fama, que de suas cousas queria que por todo o mundo apregoasse seus louvores, tudo se póde crêr d'elle » *(Dialogos de varia historia,* por Pedro de Mariz, tomo 2.º, pag. 104 e 105).

Já em 1571 o Rei acaricia o projecto de passar á India, planeando bater, ali, os turcos, com o auxilio dos persas. N'esse mesmo anno teve logar a embaixada do Cardeal Alexandrino, legado do Papa Pio V, que vinha tractar com D. Sebastião a entrada de Portugal, com a Hespanha e Veneza, na Liga Catholica contra o Turco. N'esta complicada intriga diplomatica, incluia-se o projecto de casamento de D. Sebastião com Margarida de Valois, pouco depois casada com Henrique de Navarra, mais tarde Henrique IV de França. O Rei, sacrificando o seu desejo mystico de conservação da castidade, determinava-se, emfim, a casar, impondo, porém, a condição de que o Rei de França entraria na Liga, dispensando D. Sebastião, em beneficio das despezas militares que elle houvesse de fazer, o dote que a Princeza devia trazer comsigo — uns 400:000 ducados, segundo diz Fr. Manoel dos Santos. Este projecto da Liga abortou em breve, pelas mutações da politica internacional. Em 1572 a Republica de Veneza, por intermedio da França, fazia as pazes com o Turco — e o Capitão de Christo via fugir-lhe esse primeiro ensejo de iniciar a realisação do seu sonho (1).

A obsessão mystica da castidade, expressa em duas estrophes da oração do Rei, n'este canto da *Vigilia d'armas,* é um facto historico

Escreve Oliveira Martins :

« ... Com a cabeça repleta de tradicções cavalheirescas, memorando a vida do grande Condestavel, queria fazer voto de castidade, para ir puro á sua empresa » *(Historia de Portugal,* Liv. 5.º, Cap. 3).

A longa historia das varias negociações que se entabolaram, em França, em Hespanha e na Allemanha, para o seu casamento, e que se podem vêr em Barbosa Machado e Frei Manoel dos Santos, mostra que o Rei, só constrangidamente e curvando-se ás exigencias da razão

(1) Sobre este ponto vid. *Memorias d'El Rey D. Sebastião,* por Diogo Barbosa Machado, Tomo III; *Historia Sebastica,* por Fr. Manoel dos Santos, etc.

d'estado, concordava com esses projectos, que, de resto, diligenciava sempre fazer abortar. Esta reluctancia chegou a incutir suspeitas a Phillipe II sobre a virilidade do sobrinho. E' interessante a carta que o embaixador hespanhol, D. João da Sylva, lhe escreve, a este respeito, de Lisboa, e que Barbosa Machado archiva nas suas *Memorias*. O hespanhol dá como coisa assente a virgindade do Rei: « *Cosa es averiguada no haver hecho El Rey prueva de si, ni intentar lo jamás* ». Não a attribue, porém, a defeito physico, mas á educação mystica dos Jesuitas: « *Criaron le los de la Compañia, affeando le tanto el trato con las mujeres, como un peccado de Eresia; y bevió aquella doctrina de manera que no hace differencia de lo que es virtud, y gentileza, y lo que es offensa de Dios* ».

Quanto á scena da oração, que constitue a primeira parte do Canto, suggeriu-m'a a seguinte passagem de Jeronymo de Mendonça:

« ... Estando hum dia no mosteiro de S. Roque... depois de commungar recolhido em huma capella como costumava, foy visto diante de hum Crucifixo de giolhos, onde com muytas lagrymas, e grande instancia... estava pedindo a Deos, que assi como a tantos principes avia concedido vitorias, imperios, monarchias, lhe concedesse a elle sómente ser seu capitão » *(Jornada d'Africa,* composta por Hieronimo de Mendoça, pag. 15).

De resto, o pensamento d'este episodio imaginario é claro. O Destino, que o Rei invoca e interroga, symbolisado na imagem de Christo, Senhor do Mundo — fica mudo ao seu apello; a tradicção historica, porém, a hereditariedade da raça, a voz do sangue, expressas no côro mysterioso, que se eleva dos sepulchros dos Avós, impellem-no para a sua empresa.

NOTA V

ALCACER-KIBIR

« ..... Apenas do interior
D'algumas tendas, em afastados recantos,
Vêm sons de vozes, sons de risos e de cantos,
Harpejos de guitarra e o entrechocar das taças...
E lá dentro, depondo as tauxiadas coiraças,
Fidalgos, capitães, pagens, aventureiros,
Folgam, bebem ainda, ao clarão dos tocheiros,
Ou, em coxins da Persia, adormecem, porfim,
Ás tavolas do jogo e ás mesas do festim. »

Nas seguintes citações encontram-se os elementos d'este pequeno quadro.

« Na Nobreza, que acompanhava ElRey tudo erão bizarrias, adornos, enfeites, gallas e peças d'ouro, e armas com guarnição do mesmo, e de

prata, com tal ufania como se fossem a alguma festa » *(Portugal Cuidadoso e Lastimado,* pelo Padre Bayão, Livro v, Cap. 38).

« Não houve homem fidalgo, que não comprasse muitos corpos d'armas muito lustrosos, e não mandasse pintar n'elles suas armas em campos de diversas côres; mil peitos de prova de muito preço, muitas couras e coletes de anta, couraças de laminas, cobertas de velludo e setim de todas as côres, com taxas d'oiro e prata; muitas saias de malha, gibanetes, tudo muito galante, e de muito gosto, e muitas rodellas d'aço, tauxiadas de lavor d'ouro, com suas armas pintadas n'ellas: muitas adargas muito fortes, muitas lanças douradas nos contos e engastes; espadas largas, cortadoras; muitos montantes, leques, terçados, e todo outro genero de armas, muito fortes e galantes... Levam tambem muitas tendas muito ricas, e muitas d'ellas de seda com suas grimpas douradas e bandeiras de seda, e tendilhões para a gente e cavallos. E elrei leva muita somma de tendas, que mandou trazer de Allemanha, que se affirma que as d'elrei, e dos fidalgos e estrangeiros serão mais de quatro mil com os tendilhões. E' de notar como os homens vão alfaiados, e do muito provimento de todas as cousas que levam, que parece que levam casa mudada, como se lá houvessem de estar vinte annos... » *(Relação da jornada d'ElRei D. Sebastião, e do apparato da Armada, e gente que por seu mandado se fez pera passar á Africa, no ano de 1578,* ms. an. publicado no *Bibliophilo,* n.os 1 e 2, abril e maio de 1849).

« ... Só houve dados, ganha perde, pontos d'honra, juramentos, deshonestidades. Nos despojos do campo, depois da derrota, acharam-se dez mil guitarras » *(Historia de Portugal,* por Oliveira Martins, Liv. 5, Cap. 3.º).

Por causa d'um mantieiro (especie de official de bocca ou *maitre d'hotel)* que ambos pretendiam levar em seu serviço, deu-se entre o Prior do Crato e o valído Christovão de Tavora um conflicto grave, que é referido por Bayão e outros chronistas.

*

Todos os vaticinios, cujo raconto puz na bocca dos soldados reunidos n'um posto de atalaya, na noite antes da batalha, são lendariamente authenticos.

« Quando em Tangere a Galé, em que hia ElRey para Arzilla, levantou ancora, foi visto atravessado no esporão um homem morto, e quando em Arzilla os Reposteiros desarmarão a tenda Real para a levarem no Exercito para Larache foram vistos tres corvos pousarem em cima della e no mesmo dia se virão no ar tres aguias pelejarem entre si cruelmente... No dia da batalha nasceu o Sol tão vermelho, e de aspecto tão temeroso, que poz espanto a quantos o viram. Em Tangere choveram algumas gotas de sangue quando a batalha se dava... » *(Historia Sebastica,* por Fr. Manoel dos Santos, L. II, Cap. XXXVI).

« Tambem no mesmo anno junto de Penamacor, em seu termo, foram vistos de muita gente no ar grandes exercitos de figuras... e na ordem pareciam esquadroens que hião marchando. Em outras partes do Reyno, foram vistos por vezes esquadroens de gente armada no ar... » *(Portugal cuidadoso e lastimado*, pelo Padre Bayão, L. v, Cap. 27.)

O ultimo vaticinio — a visão do ermita — é referido pelos biographos do veneravel Pedro de Basto, da Companhia de Jesus. Apenas alterei a edade do visionario.

« Na vida do veneravel Jesuita Pedro de Basto se escreve, Liv. I, Cap. I, que sendo ainda menino o servo de Deos e recolhendo-se para casa do pay hum dia ao pôr do Sol, ouvio no ar (são palavras do Historiador) hum grande estrondo, e rumor bellico, e levantando os olhos ao Ceo, viu um mar em tormenta, e sobre elle um homem vestido de armas brancas com a viseira levantada, que mostrando no semblante agonias de morte, estava de costas sobre as ondas empoladas; e por mais que trabalhasse por se levantar, o não podia conseguir: ouviu neste conflicto o brado de huma voz apressada, e lastimosa que repetia tres vezes: *D. Sebastião Rey de Portugal:* a qual Pedro ouvio clara, e distinctamente, a tempo que defronte d'este afflicto Varão se formara um tal Exercito, que na apparencia não tinha fim, e constava de homens pretos cavalgados sobre muy altos Leoens; e assim homens como Leoens despediam chammas de fogo horrivel, pela bocca, pelas ventas, e pelos olhos, e scintillavão por todo o corpo faiscas de fogo inflamadas com tal furia, que pareciam bombas de polvora, ou animados Vesuvios; meneando todos armas offensivas com brio sobejo, e destreza singular; acometendo ao Varão, que estava prostrado nas ondas do mar tempestuoso... Mas como menino, ou por horror ou por compayxão (como elle testifica) abaixou os olhos, e por então não viu mais nada desta lamentavel representação... » *(Historia Sebastica,* por Fr. Manoel dos Santos, Liv. II, Cap. XXXVI).

*

« Mas sôa a *Avè Maria.* E, então, os olhos fixos,
Cheios de ardente fé e uncção, nos crucifixos,
Que os monges, percorrendo as filas, vão mostrando,
Cavalleiros e peões inclinam-se resando... »

« Ditas estas palavras el Rey mandou dar a Ave Maria, ultimo signal da batalha, e foi levantado um crucifixo, em alto, pelo Padre Alexandre da Companhia, a cuja vista se poz de joelhos toda a gente que a pé estava » *(Jornada d'Africa,* por Hieronymo de Mendoça, Liv. I, Cap. VI).

« E como tão bom christão, mandou tocar a *Ave Maria.* E levantando o Padre Alexandre de Matos da Companhia de Jesú, hum crucifixo bem alto, todos se prostraram por terra á sua vista e os de cavallo se inclinaram » *(Portugal cuidadoso e lastimado,* pelo Padre Bayão, Liv. v, Cap. 17).

*

« E elle, o Heroe, a brilhar nas armas azuladas,
E soffreando o seu morzello impaciente... »

« Depois d'isto, posto na frente do Exercito, vestido em umas armas azuladas com perfis d'ouro, montado em um cavallo murzello muy fermoso... » *(Portugal cuidadoso e lastimado,* pelo Padre Bayão, Liv. v, Cap. 15).

« Antes que elrei abalasse o seu exercito para o imigo (que estava á vista) vestido de ponto em branco com umas armas azuladas e posto em um cavallo mui fermoso acobertado... » *(Chronica de El Rei D. Sebastião,* por Fr. Bernardo da Cruz, Cap. LXIV).

*

As phrases do Rei, no episodio final da batalha, são historicas.

« Calado e sombrio, assistindo ao desmanchar da sua chimera, defendia-se; e aos que o rodeavam, insistindo com elle para fugir, respondia com o silencio, precipitando-se a cavallo contra a mó dos inimigos. — « Mas que resta? » perguntavam-lhe afflictos: « Morrer!... » — E seguia batalhando, matando. — « Morrer, Senhor! » diziam-lhe em lagrimas, e elle, sereno e conciso — « Morrer, sim; mas devagar! — Pois não ha outro remedio? — O céu! » *(Historia de Portugal,* por Oliveira Martins, Liv. v, Cap. 3.º).

Segundo Bayão, as primeiras phrases foram trocadas com D. João de Portugal e as ultimas com Christovão de Tavora.

« Repetio D. João de Portugal: *Aqui que pode haver que fazer senão morrermos todos?* A quem ElRey respondeo: *D. João morrey de vagar se poderdes...* Aqui se vio ElRey no mayor aperto, e Christovão de Tavora chegando-se a elle chorando, lhe disse brandamente: *E agora meu Rey, e meu Senhor, que remedio teremos?...* e assim respondeo: *O do Ceo se nossas obras o merecerem* » *(Portugal cuidadoso e lastimado,* pelo Padre Bayão, Liv. v, Cap. 20).

*

A morte do Rei ficou sempre duvidosa. Nenhum dos tres escriptores, testemunhas oculares da batalha, ousam affirmal-a d'uma forma positiva e terminante: — nem Miguel Leitão de Andrade, nem Jeronymo de Mendonça, ambos soldados do terço dos Aventureiros, nem Fr. Bernardo da Cruz, Capellão-mór da Armada, que, se não assistiu a ella (pois, em razão do seu cargo, é possivel que tivesse ficado a bordo) teve, pelo

menos, ensejo de recolher immediatamente todas as informações da catastrophe.

Miguel Leitão confessa que, no dia immediato ao da batalha, viu passar um cadaver inteiriçado, estendido sobre umas andas, em cima d'um cavallo que era conduzido, d'ancas, por Bastião de Rezende, guarda roupa do Rei, e que se dizia ser o corpo do desgraçado monarcha. « Mas pola grande dòr, e magoa me não dar logar — accrescenta — me não cheguei mais a levantar-lhe o rosto para o ver bem » (1).

Este mesmo cadaver foi depois reconhecido pelos fidalgos captivos, do que se lavrou termo. Mas Jeronymo de Mendonça, referindo este episodio, põe-lhe cautamente a dissimulada reserva, que sem difficuldade se descobre no fim do trecho.

« Tanto que o real corpo chegou á vista dos fidalgos que presentes estavam, e de outros cativos, todos se puserão em um vivo pranto e de giolhos com entranhavel amor, e obediencia lhe foram beijar os pés sendo já d'elles reconhecido, *se puderão todavia olhos tão cobertos de lagrimas ter inteiro reconhecimento* » *(Jornada d'Africa,* por Hieronimo de Mendoça, Liv. 2, Cap. III.

Não obstante, este reconhecimento por muitos foi logo havido como um ardil dos captivos, para proteger a fuga do Rei, caso houvesse retirado com vida, ou facilitar-lhe o resgate, se fosse encontrado entre os prisioneiros. O proprio Miguel Leitão de Andrade o confessa.

Por outro lado, quasi todos os chronistas citam o testemunho de fidalgos que o viram afastar-se do campo, no fim da batalha, depois das repetidas e desesperadas voltas que fez contra os moiros.

Bayão diz:

« ElRey D. Sebastião que não procurou buscar remedio de escapar com vida, nem acceitou a offerta de tantos, que o querião pôr em salvo, senão depois de perdida a batalha de todo, o vio Luiz de Brito (2) caminhar para o rio no fim do campo de batalha, já fóra dos inimigos, e já perto do mesmo rio o vio hir o Bisconde D. Luiz de Lima (3), e muy desviado d'onde dizem, que depois fòra achado morto » *(Portugal cuidadoso e lastimado,* pelo Padre Bayão, Liv. V, Cap. 21).

A par d'esta incerteza, que era geral entre os seus proprios companheiros d'armas, o episodio do embuçado d'Arzilla, vindo fortalecer (a despeito de todos os desmentidos officiaes) a suspeita de que o Rei escapára — tornou a versão em lenda.

A verdade é que, por muito que se investigue n'este campo, nada mais se consegue do que radicar a duvida. E se o *rei da Ericeira* e o *rei de Penamacor* só para a plebe ingenua podiam ser D. Sebastião, se a impostura do pasteleiro de Madrigal é facilmente demonstravel —

(1) *Miscellanea,* por Miguel Leitão d'Andrade, Dialogo Setimo, pag. 141.

(2) Luiz de Brito trazia o estandarte real. O alferes mór, D. Luiz de Menezes, gravemente ferido, havia-lh'o entregado.

(3) Visconde de Ponte de Lima.

outro tanto não acontece com o pretenso calabrez Marco Tullio... E, dado o interesse que Phillipe II teria em eliminar o sobrinho, se elle, de facto, apparecesse, e dado o interesse opposto dos patriotas em fazer crêr que o Rei vivia — percebe-se bem que fosse absolutamente impossivel apurar a verdade.

De resto, a formação d'estas lendas é vulgar em casos identicos. O povo hungaro esperou muito tempo o apparecimento de Petöfi, o eminente patriota, o apostolo da independencia maggyar, o grande poeta nacional, o soldado heroico, desapparecido tambem, sem que o seu cadaver fosse encontrado, na sangrenta batalha de Segeswar (31 de julho de 1849) em que as forças de Ben foram esmagadas pelo exercito russo. A alma maggyar personificava n'elle as suas esperanças de liberdade — e accreditava que esse *encoberto* havia de reapparecer na hora suprema da sua emancipação. Ora, se ainda hoje é possivel a formação de taes lendas, o que não seria n'esses tempos, em que a crença no maravilhoso e no providencial constituia, por assim dizer, o proprio fundo da psychologia popular?

A lenda sebastianista germinou, pois, e floresceu rapidamente no propicio terreno d'uma incerteza cheia de mysterio. Para o Povo, o Rei escapou da tragica hecatombe, internando-se no deserto.

O episodio final do Canto baseia-se n'esta crença. E a falla do Rei tem o intuito de preparar a transição do dominio historico para o dominio puramente lendario e symbolico — o que se realisa no Canto immediato da *Transfiguração*.

NOTA VI

TRANSFIGURAÇÃO

A retirada do Rei para o deserto, depois da batalha, é, como observei, lendaria.

Diz, n'uma trova, um dos prophetas sebastianistas, o Ourives de Braga:

« D'aqui se foi encoberto,
E as armas foi enterrar
Lá n'um remoto deserto;
E se eu n'aquillo acerto,
Tenho muito que contar. »

Aproveitei-me d'esta lenda, para sobre ella dramatisar a *transfiguração* do Rei — a sua passagem de homem a mytho, de entidade historica a entidade symbolica. O Destino, representado sob a forma por que melhor se podia revelar ao seu espirito de crente, desvenda-lhe o futuro da Patria e o segredo da sua predestinação.

A falla do Rei é o adeus que, ao Cyclo epico, diz a Alma antiga — a qual, de activa e heroica, se transforma n'um passivo espectro de dôr patriotica.

*

« Sim! Quem te derrubou, n'esse areal ardente,
Não foi o alfange moiro, a espada do Crescente,
O' triste Paladino!
Foi um braço mais forte e uma arma mais terrivel:
Foi a dextra de Deus, brandindo, irresistivel,
O gladio do Destino!

Foi essa obscura força, a lei fatal da Historia,
Que dá sempre, ao Futuro incognito, a victoria
Sobre o velho Passado...
Foi o Espirito novo, emfim, que já não é
O Cavalleiro Andante, o Campeador da Fé,
O mystico soldado... »

Estes versos não são mais do que uma paraphrase do seguinte pensamento de Oliveira Martins:

« Foi esse *grande vento* que dispersou a *Grande Armada* (1588) ultimo arranco da nação hespanhola no seu duello contra o protestantismo; foi elle que levantou em Alcacerquibir (1578) as nuvens de areia ardente que, cegando os olhos de D. Sebastião com a cegueira da morte, pozeram termo final á empresa da redempção dos Logares-santos. Depois de combaterem o mouro e o protestante, depois de se extenuarem n'essa lucta, os soldados de Deus caíam ambos, vencidos, no chão.

«Quem de facto os derrubava não era, nem o protestante, nem o mouro: era o espirito moderno, por elles involuntariamente fomentado ao defenderem em Trento a dignidade da razão humana, e ao descobrirem no Oriente e no Occidente os mundos ignotos. Os fructos da nossa obra voltaram-se contra nós; e os golpes mortaes recebidos acabaram de assegurar o triumpho necessario do espirito moderno, a que a nossa phisionomia já antiga, as nossas forças já perniciosas, não podiam pôr senão embaraços » *(Historia da Civilisação Iberica,* por Oliveira Martins, Liv. IV, Cap. 7.º, pag. 278).

E' curioso approximar, do trecho do nosso grande historiador, a seguinte passagem das *Flores de Espanha,* de Macedo, citado por Bayão (1).

« Sómente a ElRey D. Sebastião venceram os mouros em Africa, na desgraçada batalha de Alcacere-quibir, porém não o vencerão elles, senão o braço Divino, a quem ninguem póde resistir, e por occultos juizos quiz Deos que fosse assim » *(Flores de Espanha,* Cap. 14, Excellencia 6).

(1) *Portugal cuidadoso e lastimado,* pelo Padre Bayão, Liv. V, Cap. 43.

*

« E agora?... Que ia ser?... Um sonho... uma esperança...
Um symbolo... uma fé... talvez um deus, talvez!... »

As citações anteriores de Oliveira Martins, sobre a theoria do Sebastianismo, explicam o pensamento d'esta passagem.

NOTA VII

A PENITENCIA

A lenda da penitencia era a resultante logica da versão que dava o Rei como vivo e salvo, comquanto escondido e encoberto.

Eram frequentes essas trocas do arnez do Cavalleiro pela estamenha do Penitente, n'esses tempos de abrasado mysticismo guerreiro. Sobretudo se um desastre empanava o lustre d'um nome heroico, o vencido, vendo na sua má sorte o castigo d'algum peccado, d'alguma falta inconsciente, buscava purificar-se d'elles pela penitencia.

Uns suppunham o Rei perdido n'alguma thebaida do deserto, como já vimos na trova do Ourives de Braga. Outros criam-no escondido n'algum austero convento. D'esta crença se encontram ainda vestigios em Miguel Leitão de Andrade — se bem que elle a não partilhe.

« ...o qual muitos cuidarão que escapára da batalha, e que de aborrecido de si mesmo e da vida... se metera em alguma religião escondido...» *(Miscellanea,* por Miguel Leitão de Andrade, Dialogo 7.º).

Os proprios falsos D. Sebastião se davam como penitentes. O *rei de Penamacôr* habitou, por muito tempo, uma ermida, na fronteira. O *rei da Ericeira* vivia tambem n'um ermo, em praticas de contricção. Marco Tullio (se é que tambem foi um impostor, esse!...) dizia que, desde o seu desapparecimento em Alcacer-Kibir, andára peregrinando, indo até Jerusalem, e que, só acabada a penitencia que Deus lhe impuzera, poderia fazer-se reconhecer e reclamar a Corôa.

A penitencia do Encoberto é, no poema, a contemplação da decadencia da Patria. Nenhum dos episodios, que compõem este Canto, tem origem lendaria. São todos elles invenções poeticas, que obedecem á ideia de pôr face a face o symbolo da Alma antiga e todos os symptomas da nossa dissolução moral e social, nas epochas subsequentes á Renascença: — a nação arrastando os grilhões do dominio hespanhol; o Povo alheiado de toda a vida politica e só firme na sua vaga esperança messianica; a traição, o incesto, a violencia, a hypocrisia, a luxuria substituindo, no Throno, o velho heroismo dos reis cavalleiros; os castellos em ruinas; o velho poderio naval decaído; os conventos tornados em

serralhos; a pompa beata succedendo, na expressão artistica do sentimento religioso, á aerea espiritualidade da inspiração mystica; as catastrophes naturaes abatendo-se sobre a nação como a colera de Deus; e, para ignominioso remate, um principe, futuro rei, abandonando covardemente o solo da Patria, á approximação dos invasores.

*

Este phenomeno da indifferença politica do Povo, a partir do desastre de Alcacer-Kibir — phenomeno em que Oliveira Martins repetidamente insiste, durante o estudo da nossa decadencia nos seculos XVII e XVIII — originou-se na crença de que, só com a volta do Encoberto, a nação recobraria a sua antiga força, tornaria a *verdadeiramente viver*. Para o Sebastianismo, a vida nacional soffrera um collapso. A nação não estava morta, mas vivia uma vida como que cataleptica — a vida indifferente e inerte da decadencia.

N'uma curiosa brochura sebastianista, publicada em 1849, *O Egregio Encoberto* (1), lê-se o seguinte, que frisa muito nitidamente este sentimento:

« ...levou Portugal á sepultura, e nunca mais foi nação, senão no nome, na fama e na antiga gloria; até li não obravam os Portuguezes senão façanhas originaes, e prodigios de valor, ora na descuberta de novos mares, ora em novas conquistas, ora na defeza do Reyno: tudo entre nós era heroico, tudo brioso, tudo Portuguez. E n'aquella desgraçada batalha de Alcacer, acabou e terminou a epoca dos nossos Heróes: d'então para cá tudo tem sido *miseria, indolencia e nullidade...* » (*O Egregio Encoberto,* pag. 156).

*

Tendo concebido o episodio dos *Crentes* e desejando inserir n'elle uma prophecia sebastianista, estive longo tempo indeciso sobre a forma de o fazer.

Tres soluções se me offereciam: — intercalar as trovas d'algum dos muitos prophetas do Sebastianismo, sem a menor alteração; — fazer obra inteiramente nova, especie de imitação ou paraphrase d'essas trovas; — finalmente, aproveitar-me d'ellas, caldeando-as com outras de lavra propria.

A primeira solução apresentava, desde logo, um grande contra: todas as prophecias dos vates sebastianistas são, de ordinario, confusas, não contêm em si o raconto seguido da lenda, e, as mais d'ellas, em especial as do Bandarra, são, litterariamente, de uma mediocridade, que a miudo toca as raias da chateza. Da segunda solução, devo confessar que tremi:

(1) *O Egregio Encuberto ou demonstração dos principaes fundamentos em que se estribam os Sebastianistas para esperarem pelo seu D. Sebastião,* etc., por um Sebastianista M. C., Lisboa, 1849.

considerei-a superior ás minhas forças. Por exclusão de partes, pronunciei-me, pois, pela terceira. Aproveitando-me das prophecias do Bandarra, das que correm com a rubrica de Santo Izidoro de Aragão e das do Ourives de Braga (os mais *cultos* da chusma dos prophetas sebasticos) (1) e intercalando-lhes trechos proprios, dispul-as de forma a fazer uma especie de *rimance* da lenda sebastianista: — o que era o meu intuito.

Por me parecer que algumas d'essas trovas (as do Ourives de Braga) tinham um certo valor litterario e não desejando enfeitar-me com plumagem alheia, aqui reproduzo de novo esse trecho, griphando as passagens que me não pertencem.

O SAPATEIRO

Ah! quem podera dizer
Os sonhos que o homem sonha!
Mas hei medo que me ponha
Gran vergonha
De que me não queiram crêr... (2)

Não sonhada, mas ouvida,
Uma voz, quasi divina,
Me falla á alma *e me ensina*
Coisa de saber-se dina (3),
Dina de ser referida.

Olhae que um grande Leão,
Que vive á beira do mar,
Vae suas aguas passar
Para ir batalha dar
Aos Corvos, que ao longe estão...
Mas os Corvos, a grasnar,
Caíram sobre o Leão!
Vede o triste derrubado,
Das garras dilacerado,
Mil bicos no coração!...

Mas eis que os Corvos debandam
E o Leão se ergue ferido...
Lá por onde os outros andam
Segue, emfim, triste e vencido;
E diz-se até que, *encoberto,*
Por suas maguas penar,
Foi as armas enterrar
Lá n'um remoto deserto... (4)
(Que este Leão era um Rei,
Que, por sua fé e lei,
Fôra ao longe batalhar,
E largos annos, agora,
Longe do Povo que o chora,
Sem ninguem o conhecer,
De terra em terra ha de andar

(1) Indico os nomes d'aquelles de que tive conhecimento, e cujos vaticinios os sebastianistas entendem que se referem ao seu Heroe: Gonsaleannes Bandarra, Simão Gomes, Santo Izidoro de Aragão, o Donato de Monserrate, o Pretinho do Japão, o Padre Anchietta, o Beato Antonio, o Ourives de Braga, Cepeda, Pedro de Basto.

(2) Bandarra.

(3) Bandarra.

(4) Ourives de Braga.

E escondido *ha de estar*
Um tempo, sem se saber...) (1)

E na cova do Leão
Já outros se vêm metter,
A comer-lhe a creação,
No seu ribeiro a beber...
Mas olhae, *gentes vindoiras,*
Que estes d'aqui vereis ir,
E o Outro tornará *a vir,*
Passadas trinta thesoiras! (2)

Porque, após tempos de dôr,
Por longes terras andados,
O mandará o Senhor
Rehaver terras e gados.
Pois que o *termo vejo vir,*
Vejo, emfim, que o Desejado
O seu surrão vae vestir,
Vae pegar no seu cajado... (3)

Vejo que é chegada *a Era,*
Por que o nosso peito anceia,
Pois o Rafeiro da Serra,
Depois d'um quarto de guerra
Se tancha na sua aldeia...
Ora, olhae! *vedel-o entrado*
Sem nenhuma resistencia,
Mas, finalmente, *empossado,*
Senhor do curral e gado,
Que perdeu por sua ausencia.
E, vede! que *admiração*
N'este lance derradeiro,
Qual não viu nenhum varão:
Feito Rafeiro o Leão
E o Leão feito Rafeiro! (4)

Mas depois do seu haver,
O alheio ha de ir tomar;
E de quem o fez soffrer
A vingança ha de tirar...
Aos Corvos se tornará.
Em Marrocos entrará
Com a signa do *Senhor,*
E, em Africa, Imperador,
Como tal se coroará!
E as proezas, *que fará*
Lá por toda a Berberia,
São *coisa que o Mundo espanta:*
Tomará a Terra-Santa
E reinará na Turquia! (5)
E, ao cabo de longas guerras,
Pelas mais remotas terras,
Dos contrarios vencedor,
(Se eu as verdades profundo)
Do Quinto Imperio do Mundo
Será, por Christo, o Senhor!

Esperae, pois, por Aquelle
Que se conserva escondido,

(1) Bandarra.
(2) Bandarra.
(3) Bandarra.
(4) Ourives de Braga.
(5) Santo Izidoro de Aragão.

Esperae, firmes, por Elle!
Pela mão de Deus trazido,
Da sua Ilha Encoberta
Ha de voltar nosso Rei.
Que este sonho, que sonhei,
E' verdade muito certa... (1)

*

Não é difficil descobrir, no episodio do *Templo,* que a Basilica onde o Peregrino entra para resar — é Mafra. Com esta invenção quiz pôr em confronto a architectura ogival, como expressão do mysticismo christão da Edade Media, e a architectura religiosa dos seculos XVII e XVIII, como expressão do Catholicismo decadente — beato, formalista, material e corrompido.

No detalhe não visei a uma rigorosa exactidão. Em Mafra, nas alfaias e objectos do culto, não havia oiros, nem brocados, por a regra franciscana, a cuja ordem o convento pertencia, não permittir o seu uso. Mas as banquetas, os tocheiros e lampadas de metal cinzelado e os maravilhosos paramentos bordados a seda (engenhoso sophisma d'aquella austera regra!) que ainda hoje lá se vêem, não deixavam, por isso, de ser menos pomposos nem menos ricos. Essas alfaias e paramentos custaram milhões. Mas Mafra aqui é um symbolo — a cuja expressão architectonica eu juntei a magnificencia e o luxo da Patriarchal de Lisboa, onde o culto, pelo seu theatralismo, parecia, na phrase de Oliveira Martins, uma *opera ao divino.*

*

O mesmo quero notar, no episodio da *Ultima Armada,* a respeito d'estes versos:

E, n'essa frota, o Rei vae procurar abrigo
A's terras d'Além-Mar.

A expressão *Rei* offende a verdade historica, porque me refiro a D. João VI — então apenas Principe Regente e não ainda Rei. Ha aqui tambem uma condensação synthetica, de intuito facilmente comprehensivel.

*

O *Captiveiro* não tem, tambem, origem alguma na lenda. Serve para estabelecer a ligação entre a *Penitencia* e a *Ilha Encoberta* e symbolisa, sob outro aspecto, esse sentimento de esperança messianica e patriotica que, atravez da nossa decadencia, parece reviver inextinguivelmente. Os *captivos* são os representantes da velha alma portugueza, que, desde a catastrophe que epilogou o nosso triumpho historico da Renascença, vivem, afastados da acção, em meio d'essa decadencia, como entre os

(1) Bandarra.

ferros d'uma prisão mysteriosa. E o seu apello, a sua eterna invocação do Encoberto — é o grito que, ha tres seculos, sáe dos labios dos que, condemnando o presente, não desesperam do futuro.

NOTA VIII

A ILHA ENCOBERTA

A creação mythica da Ilha Encoberta, onde, cumprida a penitencia, o Sebastianismo collocou o seu semi-deus, á espera de que sôe a hora fatidica da sua volta á Patria — é, sem duvida, uma manifestação dos laivos celticos (ou liguricos, como outros querem) que mesclam a complicada ethnographia portugueza. Como os Bretões da Inglaterra e do Continente, opprimidos pela invasão normanda, esperavam ardentemente a volta do seu lendario Rei Arthur, o Heroe da Tavola Redonda, mysteriosamente guardado por oito Fadas na ilha santa de Avalon, d'onde havia de sair um dia para vingar as suas duas Bretanhas — assim o portuguez, gemendo sob o jugo castelhano e todas as desgraças e miserias da sua decadencia, esperava o regresso do Rei predestinado, occulto por Deus na mysteriosa Ilha Encoberta. Sob o imperio de identicas condições sociaes e moraes — o caracter ethnico floresce a uns poucos de seculos de distancia, desabrochando n'um mytho identico. De resto, todas as raças infelizes e opprimidas criam os seus Messias — um deus ou um heroe libertador.

Sobre a Ilha Encoberta, a que já as prophecias do Bandarra se referem (1), bordaram-se as mais extraordinarias legendas, de que se acham vestigios nas citações seguintes:

« ...Já mesmo antes do dicto Bandarra fallar d'esta *Ilha Encoberta,* de d'onde havia de vir o Rey, que d'aqui havia de sahir, outros muitos fallarão d'ella, dando-a por existente e com o nome de — *Antilia* — e que fôra ou era povoada de *Portuguezes,* quando os Mouros invadiram as Hespanhas, no tempo de D. Rodrigo, ultimo Rey dos Godos (!!). E para que isto não fique assim livremente dito, lêde o Douto Antonio de Souza Macedo, na sua obra intitulada « Flores de Hespanha, Excellencia de Portugal », no cap.º 5.º, exc.cia 2.ª, n.º 4.º, pag. 31 — que vertido do hespanhol em portuguez diz assim: "Eu assento, que não só tem os Portuguezes estes senhorios, de que sabemos, senão outros, em partes desconhecidas, como he uma *Ilha* mui grande, que tem *sete* Cidades, com hum Arcebispado, e seis Bispos, povoada de Portuguezes, que se foram quando os Mouros entraram na Hespanha; e vivem mui christãa-

(1) « Este sonho, que sonhei,
E' verdade muito certa,
Que lá da Ilha Encoberta
Vos ha de vir este Rey. »

Terceiro Corpo das Trovas do Bandarra, Sonho 2.º, Quadra 5.ª.

mente. Aportou uma vez a ella certa náu portugueza, ou, segundo outros, genoveza, que deo razão d'isso. Hum *Mappa Mundi*, que refere Fr. Bernardo de Brito, chama a esta Ilha — *Antilia:* — Pedro de Medina, em suas *Grandezas de Hespanha*, trata d'ella: Ptolomeo, em sua *Taboa* a demarca: João Botero, Antonio Galvão, Julião de Castilho, e outros muitos escriptores, fallam della, e dizem que está no mar oceano occidental; mas que, se a buscam, a não acham, nem descobrem (1), por occultos juizos de Deus ». E he por isso que se lhe dá o nome de *Encuberta*, sendo a sua existencia mui real, e verdadeira... » (*O Egregio Encoberto*, pag. 153 e 154).

Varios auctores referem-se a uma famosa *attestação*, que se dizia existente no Cartorio de Santo Antonio dos Capuchos, de Lisboa, e na qual dois religiosos da mesma ordem contam o seu desembarque na Ilha Encoberta (!), em 30 de Julho de 1638, vindo, em viagem, do Maranhão para o Reino. N'esse curioso documento, que uns suppõem uma simples *fumisterie* e em que outros vêem um diploma forjado para fins politicos, insere-se uma minuciosa descripção da Ilha Encoberta, que, em mais d'um ponto, me suggeriu a do poema. Por este motivo transcrevo os trechos mais importantes.

« ... Foi no dia 30 de Julho do anno acima declarado (1638) quando socegou a tormenta, que ficou o mar plano, e o ar sereno, e estando nós todos duvidosos da situação em que estavamos, por termos perdido o rumo, nem descobrirmos terra, quando de repente vimos terra para a parte do Sul. Logo seguimos o rumo, a fim de vermos que terra era, pois julgavamos ser a Ilha da Madeira:... porém logo que chegamos juntos á dita terra, conhecemos o não ser a Ilha da Madeira, nem podemos conhecer que terra era; e só julgavamos ser alguma Ilha encoberta, como na verdade assim ficamos todos persuadidos. N'este caso todos desejavão saltar em terra, a fim de descobrir aquella situação não conhecida e ignorada; porém todos se temião, e não tomárão resolução de saltar em terra. Sendo Deos servido o dar-nos hum grande desejo de examinarmos este mysterio, confiamos em Deus, e sua Mái Maria Santissima, e pedimos licença ao Mestre do Navio para nos deixar saltar em terra, o qual nos concedeo a dita licença por tempo de tres dias...

« Ao saltar no Caes, o qual he de muita grandeza, entramos pela terra dentro, aonde logo ao principio encontramos hum grande arvoredo de muitas e diversas arvores silvestres, e domesticas; e teriamos andado cousa de meia legoa por terra dentro, quando avistámos hum grandioso palacio; porém quanto ás nossas vistas se nos representava ser muito antigo, mas digno de admiração pelo seu artificio, e por ser fundado em uns arcos, e no meio do dito Palacio por cima delles hum Jardim de varias e agradaveis flores, e por cima deste Jardim outros arcos, onde estava fundada uma admiravel Torre, e em cima da dita Torre

(1) Reminiscencias da tradição da Atlantida e das lendas geographicas que levaram á descoberta da America?

tinha um farol, feito de um tão singular metal, o qual se descobre duas legoas em distancia.

« Logo que chegamos perto do dito Palacio, sahirão do mesmo sete homens com o rosto macilento, e vierão ter comnosco, e nos fallarão, e as suas fallas erão na pronuncia quasi Portuguezas, mas pouco claras, os vestidos á Nazarena, barbas grandes, o corpo e estatura alta, cingidos de seus terçados; e quando nos fallárão nos fizerão muitas e grandes perguntas... e depois de terem examinado tudo, nos levárão por huma Cidade dentro, de grandes Edificios, mas pouca gente nella, os quaes todos nos parecião gente do outro Mundo; e tanto que nos virão com grande cortezia, nos levárão a hum Palacio, que parecia encantado: entrámos por elle dentro com algum temor, e passámos por varios guardas, até chegarmos á Sala, aonde estava o Rei... Era homem, segundo nos parecia, de muita idade, de barba veneranda, e de representação, que inculcava maior grandeza...

«... e logo que nos despedimos, vieram acompanhar-nos até ao Cáes o Magestoso Velho, acompanhado de trinta Cavalheiros homens nobres, e todos muito bem vestidos, e sessenta homens de pé todos com seus terçados á cinta, descarapuçados, e ao pé do Rei vinha hum leão; e diante de toda esta comitiva se vinhão tocando timbales... e se forão embora, e ficamos sós. Logo acenamos com hum lenço ao navio, para que nos viesse buscar; e vindo outra vez a Lancha buscar-nos, fomos para bordo, e contamos o que tinhamos passado, esperando este com o seu navio até ao dia seguinte com tenção de ir a terra examinar aquella Ilha, quando foi ao amanhecer, já não se vio terra, nem signal della, pois tinha tudo desapparecido; e seguindo a nossa viagem, fomos no dia seguinte descobrir a Ilha da Madeira, onde démos fundo, e estivemos quatro dias; e contando nós o que nos era acontecido, ali nos disserão, que a Ilha, que nos tinha apparecido, se via de tempos em tempos, porém que logo desapparecia... » (1).

Nos proprios chronistas, como Bayão, se encontram referencias a esta lenda:

« Um anno antes da sua partida para a Africa, se levantava ElRey da cama algumas vezes entre as dez, e as onze horas da noite, e com Sancho de Toar, a quem tinha prevenido, e estava esperando na praya com um batel a ponto, se mettia nelle sem mais companhia que a do mesmo Sancho de Toar, que remava, e da banda dálem, aonde sahião em hum areal, apartando-se ElRey delle hum grande espaço, chegando depois outro barco, que ao seu parecer vinha de Belem, do qual sahia um só homem, com o qual se punha ElRey a fallar cousa de huma, ou duas horas, sem que Sancho de Toar, que estava apartado conhecesse quem era, o que vinha, nem ouvisse o que fallavão: e tornando ElRey a recolher no batel, voltava para a Cidade, e se deitava na cama, sem fiar o segredo d'estas suas hidas, e vindas de outra alguma pessoa, por

(1) Encontrei este documento transcripto na integra no folheto *Anti-Sebastianismo ou Antidoto contra varios abusos,* Lisboa, na Imprensa Regia. Anno de 1809, pag. 23 e seg.

cuja causa se fizerão algumas conjecturas de que na obstinação da sua jornada emprendida com tão contrarios votos, e pareceres de todos, houvera alguma especie de illusão, e engano de entendimento.

« E o mesmo lhe aconteceo por muitas vezes no mesmo Paço de Lisboa, onde estava, q̃ chamando a D. Alvaro de Menezes, seu Pagem da Campainha, filho de seu Ayo D. Aleixo de Menezes, que dormia aos pés da sua cama, o fazia vestir, e dando-lhe a espada se sahia só cõ elle ao longo do mar, e lá pedindo-lhe a espada o mandava ficar á parte, e se hia só passeando pela praya, e se detinha tanto tempo, que ás vezes quando voltava se achava D. Alvaro dormindo, e folgava muito de o achar assim, com o que entendia que o não espreitava... Tambem se conta, e affirma por cousa certa, que sendo um piloto condemnado á morte por um delicto, fizera petição a ElRey, pedindo-lhe que se lhe perdoasse, elle descubriria a celebrada Ilha incuberta, q̃ aparece ao longe, e buscada de perto se não acha: e o despacho del Rey foi: *Ainda não he tempo de se descubrir esta Ilha, execute-se a sentença.* D'isto querem alguns inferir misterio, e d'estas, e d'outras razões tirão por consequencia, que esta ilha serviu de valha couto do dito Rey, depois de perdida a batalha, cousa frivola » *(Portugal cuidadoso e lastimado,* pelo Padre Bayão, Liv. 5, Cap. 35).

Todas estas phantasias me pareciam, comtudo, exprimir inconscientemente a ideia d'um mundo mysterioso e maravilhoso de espectros, especie de Elysios gloriosos, de Olympo guerreiro — o *whalala* do Heroismo portuguez. D'ahi a transformar essa lenda n'um symbolo da Historia, ou, melhor, da *glorificação historica,* pouco ia. Mas, para não sobrecarregar o quadro, restringi-me ao grande Cyclo d'Aviz, o Cyclo do nosso maior esplendor historico, que desabrochou com a individualidade suprema de Nun'alvares, o revelador do sentimento nacional; buscou o rumo dos mares mysteriosos, com D. Henrique; realisou o sonho maritimo da Raça, com Vasco da Gama; chegou ao auge da grandeza imperial, com as conquistas de Albuquerque; achou a glorificação epica no genio de Camões — e acabou, porfim, com D. Sebastião, no tragico epilogo de Alcacer-Kibir.

Assim, na segunda parte d'este Canto, quiz representar a apotheose da Alma antiga, feita pelos mais altos archetypos do heroismo nacional.

*

A passagem da falla de Nun'alvares que diz:

> Mas, sob este burel, guardei, sem o despir,
> Como um cilicio heroico, o arnez que viu fulgir
> O sol d'Aljubarrota!

refere-se a um facto historico, que Oliveira Martins cita na sua *Vida de Nun'alvares:*

« Entretanto, uma vez ou outra, visitavam-no os echos do mundo que seguia na sua agitação vária. Um dia foi vel-o o embaixador de

Castella, vindo a Lisboa no fim do anno da profissão, para trocar as ratificações de paz. Fr. Nuno, depois de se recolher um instante, mandou-o entrar na sua cella e recebeu-o amortalhado no habito.

— Nunca mais despireis essa mortalha? perguntava-lhe com espanto o castelhano.

— Só se el-rei de Castella outra vez movesse guerra a Portugal...

Ergueu-se como impellido bruscamente, as longas barbas tremeram, e passou-lhe na vista uma illuminação de batalhas:

— Em tal caso, emquanto não estiver sepultado, servirei ao mesmo tempo a religião que professo e a terra que me deu o ser.

O interlocutor olhava para elle com assombro. Era o capitão invencivel; era o terror dos inimigos. E Fr. Nuno socegadamente levou as mãos ao peito e apartou o escapulario: por baixo tinha o arnez vestido. O castelhano, curvando a cabeça, saíu» *(A vida de Nun'alvares,* por Oliveira Martins, Cap. XI, pag. 425-426).

Os tres ultimos versos da derradeira estrophe da mesma falla:

D'esse dia da nossa Epopeia gloriosa,
Heroes, fomos os dois — eu, a manhã radiosa,
Vós, o tragico poente.

foram-me suggeridos por uma phrase d'est'outra passagem de Oliveira Martins:

« Essa chimera dava-lhe uma arrogancia inaudita. Tinha de certo o genio de um heroe, mas nascera no meio d'um paul de rans. *Foi o Nun'alvares da perdição.* Mas essa catastrophe inevitavel, cujas causas punham todos os seus defeitos no genio do rei, tornou-a elle, ao menos, tragica; levantando, com a sua morte, uma esperança querida, um symbolo, como uma cruz; e encerrando, com uma temeridade infeliz, a grande era da vida de Portugal, que começára pelas temeridades afortunadas do infante D. Henrique» *(Historia de Portugal,* por Oliveira Martins, Liv. 5.º, Cap. 3.º).

*

Na falla de Camões, todas as referencias a D. Sebastião, a partir dos versos:

Eu sou aquelle Vate, em cujos aureos cantos,
Tu, outr'ora, sentiste o patrio amor vibrar!

relembram o offerecimento dos *Lusiadas* e todas as incitações heroicas que, na abertura e no fim da Epopeia, eram dirigidas pelo Poeta ao Rei.

O trecho seguinte de Oliveira Martins explicará o pensamento d'outras passagens d'esta falla:

« Acabavam ao mesmo tempo, com a patria portugueza, os dois homens — Camões, D. Sebastião — que nas agonias d'ella tinham encarnado em si, e n'uma chimera, o plano da ressurreição. N'esse tumulo que encerrava, com os cadaveres do poeta e do rei, o da nação, havia

dois epitaphios: um foi o sonho sebastianista: o outro foi, é, o poema dos *Lusiadas*. A patria fugira da terra para a região aerea da poesia e dos mythos» *(Historia de Portugal,* por Oliveira Martins, Liv. 5.º Cap. 3.º).

*

A falla do Rei recapitula a penitencia e encerra o poema com um brado de esperança messianica — essencia moral do Sebastianismo.

INDICE

Primeira Parte: O CAPITÃO DE CHRISTO

I. *O Desejado* 17
II. *Vigilia d'armas* 35
III. *Alcacer Kibir* 61

Segunda Parte: O ENCOBERTO

I. *Transfiguração* 89
II. *A Penitencia*:
i. De volta 115
ii. Entre ferros 127
iii. Os Crentes 133
iv. O Crime 145
v. Espectros 148
vi. A Orgia 172
vii. No Templo 177
viii. O Terramoto 188
ix. A ultima Armada 191
x. O Captiveiro 197
III. *A Ilha Encoberta* 209

Notas 251

BINDING SECT. FEB 28 1968

PQ
9261
M3D6

Magalhães, Luiz Cypriano
Coelho de
D. Sebastião

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 11 09 021 2